Lo. 13630

D. Virginia de Castro e Almeida

# A Fada Tentadora

(LIVRO PARA CREANÇAS)

2.ª Edição

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

LISBOA — 1931

4b
13630

# A FADA TENTADORA

## Da mesma auctora

**Asas de coragem** (Livro para creanças)
**Capital bemdito**
**Coisas que eu penso**
**Como devo governar a minha casa**
**Como devemos crear e educar os nossos filhos**
**Fé**
**Geografia**
**Innocente**
**Mulher (A)**
**Praga (A)**
**Solar do Picotorcido** (Livro para creanças)
**Terra bemdita** (Livro para creanças)
**Trabalho bemdito**

**Biblioteca dos meus filhos**

**Ceu aberto**
**Em pleno azul**
**Pela terra e pelo ar**
**Lições do André**

L. 13630 A. 18447

D. Virginia de Castro e Almeida

361.11.
CONSERVATORIA DA PROPRIEDADE LITERARIA SCIENTIFICA E ARTISTICA
BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA
N.º 1
23 de Agosto de 1930

# A Fada Tentadora

**LIVRO PARA CREANÇAS**

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

2.ª edição

C.11
Pls 370
N.º 5467

**LISBOA**
**LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA**
**DE A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)**
Praça dos Restauradores, 17
**1931**

R.P.L. 8339
13.16
Pls 64

-Imprensa Portuguesa-
116, Rua Formosa, 116
—— PORTO ——

Á Luiza e á Eugenia

O MEU PRIMEIRO LIVRO

**Gi.**

# CARTA-PREFACIO

*A juvenil, sympathica e talentosa auctora d'este conto pede-me que a apresente ao publico, ante o qual pela primeira vez apparece trazendo nas mãos um feixe de flôres. Não posso recusar-me ao gentilissimo convite.*

*Sei que não é a vaidade litteraria que a impelle a escrever, e que o intuito que a move é tudo quanto ha de mais sympathico e de mais puro. Concorre para uma obra de caridade com este precioso obolo do seu espirito, e dá ao mesmo tempo alimento e distracção á curiosa phantasia insaciavel das creanças, de quem é a providencia viva, a graciosa e infatigavel educadora.*

*Em Portugal os livros para creanças escasseiam completamente. Emquanto que a Inglaterra e a Allemanha contam n'este genero verdadeiros thesouros, emquanto que a França tenta imitar n'este ponto os exemplos do Norte, e o consegue creando uma litteratura inteira para uso das creanças, emquanto que um dos poetas mais adoraveis da Dinamarca, o doce sonhador chamado Andersen, faz verdadeiros poemas que terão como fascinados ouvintes as creanças de*

*todos os paizes, e arranca á Imaginação humana as joias, o brilho mais deslumbrador para esmaltar com elles o diadema cingido por cabecinhas louras que a Vida ainda não iniciou em nenhum dos seus mysterios sombrios, Portugal conserva-se inteiramente estranho a este movimento sympathico, e a pobre e desherdada infancia portugueza continúa condemnada ou a não lêr, ou a lêr estrangeiros.*

*É triste que nós pensemos tão pouco nas creanças, é triste que toda a cultura que lhes queremos ou lhes podemos dar, tenda a desnacionalisar-lhes o espirito, a destruir n'ellas o gosto das coisas puramente nacionaes.*

*Accresce que este momento é, como nenhum outro, funesto para a infancia.*

*Extinguiram-se as ultimas representantes de successivas gerações de velhas aias imaginosas, possuidoras para uso* dos seus meninos *de um repertorio de contos e historias devéras maravilhoso, e talvez como nenhum outro opulento, e não se creou ainda, — quem sabe se jámais se creará? — o genero especial de litteratura que podia supprir este manancial saudosissimo de pittoresca imaginação.*

*O nosso paiz foi rico em tradições, romances e lendas. Não havia cova, gruta ou montanha onde uma* moura encantada *não morasse, penteando ao luar os seus cabellos d'oiro. Não havia lareira a cuja chamma crepitante e viva se não contassem historias de bruxas e de lobis-homens cumprindo fadarios longos ou tecendo encantos fataes!...*

*Qual de nós, os que vamos descendo melancolicamente a ingreme ladeira da vida, não tem na remota lembrança do passado, uma figura de velhinha, esperta, tagarella, lenço de cambraia branca pregado no magro seio, caracoes de neve presos ás fontes por pequeninas travessas de tartaruga, olhos vivos e alegres sob a rêde entrecruzada de pequeninas rugas, e a cuja voz á nossa instancia apaixonada se desdobravam as télas mais ricas em que a imaginação luminosa de uma raça póde bordar os seus devaneios, os seus sonhos, as suas lendas risonhas!*

*Morreram essas deliciosas narradoras de um mundo* irreal *e por isso mesmo mais bello do que o outro, e não ficaram herdeiras a representál-as e continual-as junto dos nossos filhos menos felizes do que nós fomos!*

*A velha Brites do Garrett, a musa a que a infancia d'este grande poeta deveu a semente de tanta inspiração divina, já não tem entre nós uma unica successora.*

*Bem hajam pois os que escrevem para os pequeninos, moralisando-os e divertindo-os, abrindo diante dos seus olhos avidos largos horizontes de luz, dando-lhes a chave d'esse Palacio encantado do sonho, que tem como o palacio em que a Fada d'este livro encerrou Luiza, a sua porta do Sol e a sua porta da Lua, uma toda deslumbramentos e chammas, outra toda opalina, doçura e suavisada poesia.*

*A auctora d'este livro dedica a sua florente e risonha mocidade á pratica do Bem e ao amor do Bello. O seu carinho pelos pequeninos ressumbra de cada pa-*

*gina d'este livro. Que os pequeninos lhe paguem lendo com embevecimento extactico o seu livro, e que as mães lhe agradeçam envolvendo-lhe o nome que tão modestamente se esquiva na sombra, em bençãos de amor e de gratidão.*

*Para se julgar um livro de creanças não se requerem regras de esthetica; o melhor titulo que elle póde ter é ser lido com prazer sem mistura por creanças, que tudo ignorando da vida, lhe pedem coisas que nós já não lhe pedimos, quer dizer que seja inverosimil, que seja imprevisto, que seja divertida e que varie continuamente de scenas.*

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

## CAPITULO I

### Dois irmãos

Viviam em Lisboa, na calçada da Estrella, dois irmãos: um rapaz e uma rapariga.

Ella chamava-se Luiza; dôze annos, alta, bonita, bem feita; cabellos pretos de azeviche, olhos grandes e brilhantes.

Mas tinha defeitos maiores que todos os seus encantos.

Era presumida, ingrata e invejosa.

Não sabia contentar-se com o seu destino e estava sempre a desejar a riqueza dos outros. Tinha uma grande pena de que a sua belleza não fosse mais admirada por toda a gente.

O irmão trabalhava de dia e de noite para a sustentar; e ella nem sabia agradecer-lhe essa dedicação sendo boa e meiga para elle.

Barnabé — o irmão — tinha dezasete annos, uma cara desconsolada, sem côr, e uns olhos pardos, profundos e tristes.

Alto e magro, sempre com o fato a fugir-lhe, e

o cabello, côr de estopa, comprido até aos hombros; um chapéo molle deitado para a nuca, uma bengala muito grossa debaixo do braço e as mãos mettidas nas algibeiras.

A irmã era o seu constante pensamento. O pequeno ordenado, depois de pagar as despezas da casa, era gasto em satisfazer as vontades d'aquella caprichosa rapariga. Hoje era um vestido ou um chapéo novo, ámanhã era uma noite de Circo; emfim, o pobre rapaz não guardava quasi nada para si, e por isso andava sempre com o fato velho e russo.

Ainda assim, apesar de pobres, a Luiza não podia queixar-se da sua sorte.

Todos os dias vinha uma creada de fóra fazer o serviço mais grosseiro da casa. De maneira que a Luiza não era obrigada a trabalho algum.

Passava os seus dias passeiando e brincando no jardim da Estrella — que era muito perto da sua casa —, emquanto o Barnabé, empregado n'um escriptorio, se consumia de fadiga para a sustentar.

Se via passar um trem bonito e rico, de creados fardados e bellos cavallos, dizia ella logo comsigo: «Que raiva tenho d'aquillo não ser meu!» Se encontrava alguma menina muito janota, por inveja, deitava-lhe a lingua de fóra.

Ora uma vez, quando o Barnabé voltou do seu emprego, á tarde, deu com a Luiza sentada no parapeito da janella, entretida a olhar para as nuvens.

— Então a minha irmãsinha em que está a pensar, que nem sequer me vê? perguntou elle com meiguice.

**Luiza** — Estou a vêr alli uma nuvem, que parece um palacio de ouro. Que lindo e que brilhante! Quem m'o déra!

**Barnabé** — Deixa lá o palacio e as nuvens. Olha, hoje recebi o meu ordenado e trago-te aqui uma coisa, que comprei para ti. Anda vêr como é bonito, anda!

**Luiza** — Que será!? Deixa-me vêr...

**Barnabé** — Vamos jantar. Eu puz o meu presente em cima do teu guardanapo. Podes desembrulhal-o antes de principiar a comer. Emquanto não vamos para a mesa, vê lá se adivinhas o que é.

**Luiza** — Ora espera... já sei! É o vestido de sêda, que eu desejo ha tanto tempo.

**Barnabé** — Não é tal. Não é coisa que se vista.

**Luiza** — Então... então... deixa-me pensar... É um relogio de ouro.

**Barnabé,** *com tristeza* — Bem sabes que o meu

dinheiro não chega para tanto. É uma coisa... uma coisa que se mexe quando a fazem mexer, que anda quando a fazem andar, que...

**Luiza,** *impaciente* — Anda, anda, vamos vêr... senão morro de curiosidade!

E a Luiza largou a correr para a casa de jantar onde encontrou em cima do seu prato, uma caixinha côr de rosa muito bem atada.

N'um momento a abriu. No fundo, deitada em algodão em rama, viu uma linda boneca loura, de cera, e com um arzinho de riso muito engraçado. Mas não trazia vestido. Apenas a cobria uma camisita de panninho ordinario.

**Luiza,** *pegando na boneca* — E o fato, onde está?

**Barnabé** — Comprei-a despida por ser mais barata e tambem para tu te ires habituando a coser. Ámanhã trago-te um pedaço de chita, e assim, em logar de passares o dia a olhar para as moscas, vaes trabalhando para a tua boneca. Então, não estás contente?

**Luiza,** *com mau modo* — Não, senhor, não estou contente. Em vez de me trazer um vestido de sêda ou um relogio de ouro, traz-me a porcaria d'esta boneca! Ainda se ella estivesse bem vestida com algum fato de velludo e com brincos, mas assim...

**Barnabé** — Mas eu ámanhã trago-te...

**Luiza,** *muito depressa* — Muito obrigada, senhor Barnabé, eu não quero chita. Não gosto de trapalhices.

**Barnabé** — Mas tem juizo, Luiza, tu bem sabes que eu não tenho dinheiro para comprar brinquedos tão ricos como tu queres.

**Luiza,** *batendo o pé* — O senhor é um avarento e um mau, que só gosta de me apoquentar, trazendo-me bugigangas d'estas!

**Barnabé,** *muito sério* — Luiza, parece que perdeste a cabeça!

**Luiza** — Perde o seu tempo a fazer caras de papão! Olhe o caso que eu faço do seu presente.

E a Luiza pegou na caixa e na boneca, e atirou com tudo para um canto.

O Barnabé ficou um bocado a olhar para ella, depois sentou-se á mesa com muito socego e disse:

— Minha pobre Luiza, não imaginas a pena que me faz vêr-te assim tão má. Eu queria que tu fosses um anjo; boa e amoravel como a nossa querida mãe, que está no céo. Mas ás vezes entristeço, porque me parece que já não tens emenda. Pobre irmã! Tenho muito dó de ti!

Durante o jantar não disseram nem mais uma palavra. O Barnabé estava triste e a Luiza com pena de ter sido rabina, mas sem querer pedir perdão ao irmão.

Quando acabaram, a Luiza foi-se logo deitar e o Barnabé, segundo o seu costume, foi estudar.

Mas a pequena não pôde dormir. Os remorsos de ter apoquentado o irmão, tiravam-lhe o somno.

Perto da meia noite, quando o Barnabé ia deitar-se, pareceu-lhe ouvir chorar. Foi em bicos de pés ao quarto de Luiza e viu-a sentada na cama, com a cara molhada de lagrimas.

Foi logo ter com ella e disse-lhe muito assustado:

—Luiza, Luiza! O que tens tu? Estás doente? Doe-te alguma coisa? Responde-me, anda!

**Luiza,** *chorando* —Não me doe nada... não estou doente... Ai! meu querido Barnabé, como tu és bom!...

**Barnabé** —Então, então... o que é isso? Terás tu febre? Deixa-me vêr se estás quente?

**Luiza,** *chorando* —Não, irmão da minha alma, eu não tenho febre. Tenho uma grande dôr, mas é no coração, por ter sido tão má para ti. Perdoa-me, Barnabé, perdoa-me!... Dize-me que já não estás

triste por minha causa!... Se soubesses como estou arrependida!

**Barnabé,** *abraçando-a* — Como podia eu estar triste vendo que tens tão bom coração? Perdôo-te do fundo d'alma e o que peço a Deus é que te conserve sempre tão minha amiga como agora.

Depois o Barnabé sentou-se junto da cama da irmã, agarrou-lhe nas mãos e ficaram os dois a conversar até muito tarde.

Afinal o Barnabé levantou-se, deu um beijo na Luiza e disse-lhe:

— Minha filha, contenta-te com a sorte que Deus te deu. É a melhor maneira de seres feliz n'este mundo.

**Luiza** — Sim... vou fazer diligencia por me tornar digna de um irmão como tu. Mas... contentar-me com a minha sorte... isso lá será mais difficil!

**Barnabé** — Verás, verás. Com tempo e boa vontade tudo se consegue. Boa noite, irmãsinha!

**Luiza** — Boa noite, meu querido Barnabé!

E o Barnabé sahiu do quarto.

D'ahi a bocadinho a Luiza dormia a somno solto e sonhava com o castello de ouro, que n'essa mesma tarde vira nas nuvens, ao pôr do sol.

## CAPITULO II

### Pobre Barnabé! — A Fada Tentadora

Passaram-se muitos e muitos dias.

A Luiza com immenso juizo, ainda trabalhou algum tempo para a sua boneca e entretinha-se com ella.

Era meiga e boa para o irmão.

Mas pouco a pouco voltou á antiga, e cada vez se mostrava menos contente com a sua sorte, e mais rabujenta e má.

Um domingo, estavam os dois irmãos a vêr umas joiasitas que a mãe lhes deixára, quando a Luiza, descobrindo entre ellas uns pingentes de perolas, os metteu nas orelhas e não quiz mais tiral-os.

O irmão ficou muito afflicto, com medo que ella os perdesse ou os escangalhasse.

— Olha, Luiza, disse elle, dá-me os brincos outra vez que os quero guardar para quando fôres crescida. N'esse tempo hão de ficar-te muito bem. Agora, com o vestido ainda curto, esses brincos de tanto valor... até dão vontade de rir!

**Luiza** — Oh! peço-te que me deixes usar estes brincos! Como são lindos! Como me ficam bem! Olha, olha... pois não vês como estou bonita com elles? Pareço uma senhora duqueza, hein?

E a Luiza abanava a cabeça e saltava diante do espelho para vêr melhor o effeito que faziam os seus pingentes.

**Barnabé** — Anda, deixa-te de tolices! As senhoras duquezas não usam vestidos de lã já gastos como os teus, minha pateta! Dá-me os brincos para eu os guardar, senão podes perdel-os.

**Luiza** — Não t'os dou, não! Vou já com elles para o passeio da Estrella onde a esta hora costumam andar muitas meninas... E eu hoje assim enfeitada, faço lá um vistão!... Adeus, Barnabé... apanha-me, se fôres capaz.

Deu uma reviravolta para se escapar do irmão que tentava segural-a estendendo os seus grandes braços, e abalou a toda a pressa pela porta fóra gritando:

— Dou-te um dôce se me apanhares, meu fracalhão!

Mas o Barnabé era mais ligeiro do que ella imaginava. Foi a correr quanto podia e agarrou-a por um braço quando ella ia já a descer a escada.

Mas com o esforço que fez, como era muito

fraco, ficou logo a suar, com a respiração offegante e os olhos raiados de vermelho.

A Luiza olhou para elle e, em logar de ter dó, principiou a fazer-lhe troça.

— Ah! ah! ah! que linda figura! Pareces um pinto sahido da casca!

**Barnabé** — Luiza... anda! vem para dentro!

**Luiza** — Olha, sabes o que te digo? Vai pintar o cabello, que assim, com essa estopa que tens, não posso respeitar-te!

**Barnabé,** *zangado* — Luiza, eu nunca te bati, mas a paciencia agora já me vai faltando.

**Luiza,** *troçando* — Não tenho medo de si, senhor Barnabé! Com esses olhos de carneiro mal morto, não póde fazer mal a ninguem... Meu pobre Barnabé, és feio quanto se póde ser! Nunca arranjarás noiva, podes ter a certeza!

**Barnabé,** *muito zangado* — Vem já para dentro, Luiza!

**Luiza** — Larga-me, teimoso, larga-me!... Senão...

**Barnabé,** *muito zangado* — Não te largo, não! Se não queres entrar a bem, entras a mal!... Entendes?

**Luiza,** *desesperada, fazendo esforços para se soltar* — Nem a bem nem a mal! quero ir ao passeio da Estrella com os meus brincos... e hei de ir! *(gritando)* Larga-me!... deixa-me!...

**Barnabé,** *furioso* — Acabou-se! Já não tenho mais paciencia! has de entrar á força!...

E o rapaz, largando uma das mãos da Luiza, passou-lhe o braço pela cintura para a agarrar melhor e poder leval-a para dentro de casa.

Mas a pequena voltou-se n'um movimento rapido e, com a mão que tinha livre, deu uma bofetada no irmão.

Então elle, perdendo a força toda, fez-se muito pallido, e teve de se encostar á parede para não cahir no chão.

Pobre Barnabé! Como lhe doia o coração de vêr a Luiza pagar-lhe tão mal a amizade immensa que elle lhe tinha!

A Luiza, assim que se pilhou solta, não quiz saber de mais nada. Desceu a escada n'um pulo, atravessou a rua e entrou no jardim da Estrella onde passeiavam muitas senhoras e meninos.

Começou a andar de um lado para outro, esforçando-se por dar na vista e sacudindo a cabeça afim de mostrar bem os brincos.

Afinal, vendo perto da estufa um grupo de creanças brincando, foi perguntar-lhes se poderia entrar

tambem nos seus jogos. E como ellas disseram que sim, combinaram todas uma partida do jogo das escondidas.

Sendo muitas, escondiam-se a duas e duas.

A Luiza tinha por companheira uma menina dos seus onze annos, bonita e espevitada.

Quando estavam ambas escondidas atraz de uma moita, ella pôz-se a olhar para os pingentes da Luiza e disse-lhe:

— Onde é que tu arranjaste uns brincos tão ricos?

**Luiza** — Não os arranjei. Eram da minha mãe, que m'os deixou quando morreu.

**A menina** — Se és bastante rica para teres esses brincos, porque andas com um vestido velho? Devias comprar outro.

**Luiza,** *com mau modo* — Que tens tu com isso? Deixa-me.

**A menina,** *rindo* — Ah! já sei! Essas perolas são falsas, por isso é que tu as tens! Não me enganas, não!...

**Luiza,** *desesperada* — Não te mettas com a minha vida, e deixa os meus brincos! Senão... apanhas!

**A menina** — Não desgostava de vêr esse atrevimento. Sabes quem eu sou?

**Luiza** — Não sei nem quero saber. Está calada e não faças barulho, que já andam á nossa procura.

**A menina** — Vê se aprendes a fallar-me com mais respeito. Senão, vou-me embora e deixo-te.

**Luiza** — Pois vai, minha malcreada, não me fazes cá falta nenhuma!... Olhem que tola!

**A menina,** *zangada* — Saiba, menina, que sou filha d'um commendador! Trate-me com respeito!

A Luiza poz-se a rir ás gargalhadas; a menina zangou-se e queixou-se ás outras creanças dizendo-lhes que os brincos da Luiza eram roubados.

Foram logo todos á procura da pequena, cercaram-n'a e, apontando para ella, começaram em grande troça:

— Ó rapariga, quem te deu as perolas?

— Algum principe encantado, com certeza!

— E onde compraste essa riqueza?

— Olhem que riqueza!... elles são falsos!

**Luiza,** *furiosa* — Deixem-me! Deixem-me, senão bato-lhes!

**Um menino** — Então vamos a vêr isso. Principia por mim.

**Os outros,** *rindo muito* — Vá lá, vá lá! Vamos a vêr!

A Luiza quiz deitar-se a elles e bater-lhes; mas viu que eram muitos, teve medo e entendeu que o melhor era fugir. Desatou a correr quanto podia e, dentro de pouco tempo, os meninos perderam-n'a de vista.

D'ahi a nada, começando a tarde a arrefecer, todas as senhoras se retiraram levando os seus filhos. O passeio da Estrella ficou deserto.

A Luiza, sentada na relva entre as pedras de uma cascata isolada onde ninguem ia, escondera-se dos seus perseguidores.

Ora ahi mesmo, sobre um pequeno pedestal, encontra-se uma estatua branca destacando d'um fundo de verdura.

E então aconteceu á Luiza o caso exquisito de se figurar que essa estatua se mexia e avançava na sua direcção. A pequena, assustada, levantou-se.

Formára-se em torno da figura, pouco a pouco, uma nuvem azul salpicada de ouro. O marmore da estatua transformava-se. Passava a côr de rosa a brancura da sua cara; os seus olhos animavam-se, tornavam-se negros e brilhantes; os cabellos de ouro puro.

Na cabeça uma corôa de perolas. Tunica azul

claro, de uma sêda tão fina como nunca se viu n'este mundo e toda bordada a pedras preciosas.

Vinha descalça; os pés pequeninos e rosados não tocavam no chão.

A Luiza ficou immenso tempo a olhar para ella, pasmada, sem se atrever a fallar-lhe; mas, por fim, como ia anoitecendo e a figura não dizia palavra, a pequena perguntou-lhe:

— Olhe lá, quem é a senhora?

E ella respondeu com uma voz tão bonita, que parecia musica do céo e com um sorriso cheio de caricias:

— Chamo-me a Fada Tentadora... Sou tua amiga.

**Luiza,** *admirada* — Para que me appareceu aqui de repente? Foi para me vêr? Agradeço-lhe muito a lembrança.

**A fada** — Não foi só para te vêr, não, minha tonta. Como sei que és infeliz com aquelle mau do Barnabé, vim encontrar-te aqui para saber se queres livrar-te d'elle. Se quizeres, não me custa nada arranjar isso.

A Luiza poz na sua ideia a amizade que o irmão lhe tinha, a sua grande bondade, os sacrificios que fazia por ella, e desatou a chorar.

**Luiza,** *chorando* — O meu querido Barnabé! Eu não quero vêr-me livre d'elle... eu quero-lhe

muito!... Não o mate, senhora fada, olhe que elle é sempre bom para mim!

Chamo-me a Fada Tentadora

**A fada** — Eu não o mato, minha pateta. Só te perguntava se gostarias de viver longe d'elle. Porque, se assim fosse, eu dava-te muito dinheiro, um

lindissimo palacio, muitos trens, cavallos, e quantos creados quizesses.

Quando acabou de dizer isto, a fada riu ás gargalhadas e entrou a saltar muito contente, como se tivesse dito uma coisa engraçadissima.

E a Luiza, com os olhos já enxutos, começou a pensar na felicidade que seria para ella, viver assim no meio de tanta riqueza e de tanto luxo. Apesar d'isso, ainda se lembrou do irmão e de tudo quanto lhe devia, e perguntou:

—Senhora fada, e... e... o Barnabé?

**A fada** — O Barnabé? Com esse não quero eu nada. Não tem ambições, contenta-se com pouco... Se estás disposta a deixal-o e se nunca, nunca mais quizeres saber d'elle, dou-te tudo quanto te prometti. Deixa-te de gratidões e de caridades!... Senão, vai-te embora. Vai viver com elle; continua a usar vestidos velhos e botas remendadas e dize adeus para sempre á fortuna!...

**Luiza** — Mas, senhora fada, eu nem sequer o poderei vêr de vez em quando e dar-lhe algum dinheiro para elle viver melhor?

**A fada** — Deixa-te de pieguices. Ou queres ou não queres. Responde depressa, que tenho mais que fazer!

**Luiza** — Oh! meu Deus, meu Deus!... Não sei o que faça! Meu querido Barnabé! não poder tornar a vêl-o!...

Então a fada, quando a viu n'aquella afflicção, sentou-se ao lado d'ella, pegou-lhe nas mãos e disse-lhe com muita meiguice:

— Deixa lá o Barnabé!... Que vá continuando a viver do seu emprego. Nem elle sente a tua falta!...

**Luiza,** *muito triste* — Ah! senhora fada, isso lá sente, que eu bem sei! Elle é tão meu amigo!

**A fada** — Pois sim; mesmo que lhe custe agora um pouco, com o tempo consola-se. E tu, minha querida menina, terás vestidos de sêda, joias muito ricas, cavallos lindos e mansinhos para tu montares, trens muito elegantes, creados fardados... Serás uma rainha no teu palacio; todos farão o que tu mandares. Verás como vaes ser feliz!

**Luiza** — Ai, senhora fada, que bom!...

**A fada** — Então dize que sim, anda! Eu dou-te dinheiro: mettes-te n'um trem, vaes á estação de Santa Apolonia e partes no primeiro comboio. Depois... eu te direi onde has de descer. Avia-te!

**Luiza** — E fico muito, muito rica... terei tudo quanto quizer?

**A fada** — Tudo!

**Luiza** — E o Barnabé não morre?

**A fada** — Não. Juro-t'o!

**Luiza,** *muito contente* — Então, quero, quero, quero! Quero ser rica e fazer o que me apetecer; e sahir no meu trem e nos meus cavallos, e ter joias e vestidos de sêda e de velludo!... Que me importa o Barnabé? Elle ás vezes é tão mau... Eu apenas quero saber de mim!

**A fada,** *rindo* — Tens uma cabeça de juizo, sim senhor! Nunca mais quererás saber do Barnabé?

**Luiza** — Nunca mais, senhora fada.

**A fada** — Nunca te lembrarás d'elle?

**Luiza** — Nunca, nunca, nunca!

**A fada** — Então está feito o nosso contracto. Aqui tens dinheiro. Adeus...

Metteu na mão da Luiza uma bolsa cheia de ouro, e pouco a pouco principiou a tornar-se branca, a mais e mais, e a nuvem desfez-se.

No fim de cinco minutos, a Luiza viu apenas diante de si a estatua de pedra fria e morta.

N'essa mesma noite os visinhos que moravam no andar por cima da casa dos dois irmãos, quando voltavam dos seus negocios, encontraram o Barnabé estendido no patamar da escada muito pallido e sem sentidos.

## CAPITULO III

### A ingleza velha e o homem nojento. —A Luiza na cadeia

A Luiza sahiu do jardim e quiz logo começar a gastar o dinheiro, alugando uma carruagem para a levar á estação do caminho de ferro.

Os cocheiros, vendo-a muito pequena, imaginaram que ella depois não tinha com que lhes pagar, e nenhum lhe deu attenção. Não teve mais remedio senão metter-se n'um americano.

Quando chegou á estação foi comprar bilhete.

O empregado perguntou-lhe:

—Para que classe?

Ella respondeu, muito depressa:

—Para a melhor. Eu sou rica.

Elle deu-lhe um bilhete de primeira classe e a Luiza foi toda contente para a *gare*.

Já tinha dado o ultimo toque e a machina apitava com força. Os passageiros em balburdia procuravam os seus logares.

Atordoada com tanto barulho, a Luiza subiu

para o primeiro wagon que encontrou aberto. Era de segunda classe.

Sentou-se entre um homem muito sujo e uma ingleza velha e ratôna, que tinha um chapéo verde enfeitado de amarello e um cinto de sêda vermelha.

A Luiza pensou com os seus botões que aquelle compartimento não parecia dos melhores, e como ia entalada entre os taes companheiros, disse á ingleza:

— Faça-me o favor de se chegar um bocadinho para lá, porque me está apertando.

**A ingleza** — Mim não intender mininas piqueninas que não falar lingua minha. Mim não intender senão lingua minha.

**Luiza,** *voltando-se para o homem sujo* — O senhor chega-se um bocadinho para lá, se faz favor?

**O homem** — Deixe-se estar quietinha, minha pequerrucha. Senão esborracha-me um pedaço de toucinho que levo aqui na algibeira. E olhe que é um toucinho de se lhe tirar o chapéo!... Quer provar?

A Luiza, quando viu o homem tirar da algibeira um embrulho muito engordurado e nojento, teve vontade de vomitar.

**O homem** — Ora vá lá!... Prove-me este bocadinho e diga-me depois que tal o acha. É do melhor!

**Luiza,** *com nojo, empurrando-lhe a mão* — Muito obrigada. Eu não gosto de toucinho.

**O homem,** *continuando a offerecer-lh'o* — Ora... ora... isso é ceremonia! Só este bocadinho!...

**Luiza,** *enjoada* — Nada, não quero, muito obrigada. Offereça aqui a esta senhora; talvez ella goste.

**A ingleza** — Minina piquenina ser muito esperta. Guardar toucinho, você, homem! Mim não gostar senão de pórco da *England.* Mim ser patriota, *very!* Só pórco da *England,* só!

**O homem,** *com mau modo* — Ah! não querem? Pois melhor... mais fica. O peior não é para mim!

Começou a comer o toucinho, mettendo uns bocados muito grandes na bocca, de maneira que lhe escorria a gordura pelos beiços. Fazia mal olhar para elle.

A Luiza voltou-se para o outro lado. Aborrecida e desgostosa com a jornada, já pensava que a fada estivera a caçoar com ella; ia triste, zangada e morta por que chegasse a hora de poder descer d'alli.

O homem, quando acabou de comer, perguntou-lhe se ella lhe queria dar um beijo.

**Luiza,** *zangada* — Deus me livre! Não estou para isso!

**O homem** — Já que é tão bonita, dê-me ao menos um abraço!

A Luiza com medo de que elle quizesse furtar-lhe a bolsa disse devagarinho á ingleza:

— Ó minha senhora, troque o seu logar pelo meu, sim? Este homem é tão mau! Elle comsigo não se atrevia decerto a ser malcreado.

**A ingleza** — Minina não ser bem *educated.* Nunca pede-se muda de logares em caminho de fero. Mas se querer, mim ralhar com homem toucinho. Mim gostar sempre ralha. Ser isso agradavel.

Voltou-se para o homem e disse-lhe com uma voz muito esganiçada:

— Você, homem tolo, estar calado e *silent.* Senão, mim, senhora ingleza com nome Miss Arabella Fingstone, ter com homem pelicia e dizer: ir depressa comboio! lá estar homem tolo que precisa ir para torre preto que chama-se prisão!

**O homem** — O que está ella para alli a dizer? Então, hein? Não parece que tem mosca?

**A ingleza** — Senhoras da *England* não ser cavallos; não ter mosca, ter razão. Mim não ter mosca, *never!*

**O homem,** *rindo* — Tem graça a velha!

**A ingleza** — Miss Arabella sempre ter graça. Mim gostar muito, immenso, minina piquenina com olhos pretos. Mim defendel-a contra homens tolos, ficar sabendo, todos!

**Luiza** — Muito obrigada, muito obrigada...

D'ahi por diante a Luiza e a ingleza foram n'uma conversa pegada. Miss Arabella contou muitos episodios que lhe tinham acontecido. E era tão engraçada na sua maneira de fallar e nas coisas que dizia, que a Luiza fartava-se de rir a ouvil-a.

Por fim a ingleza, depois de escutar com attenção a historia da Luiza, disse-lhe:

— Minina ser piquenina em excesso e não poder viver sósinha. Não saber governar casa nem creados, nem nada. Se minina querer, mim estar sempre com você, governar casa, governar creados e acompanhar minina para toda a parte.

**Luiza** — Isso é uma boa ideia. Eu não terei trabalho algum e passarei a vida a brincar e a divertir-me.

**Arabella** — Então estar dito; não é?

**Luiza** — Sim, senhora. Eu dou-lhe um ordenado de vinte libras por mez. Agrada-lhe?

**A ingleza** — Agradar-me muito *indeed!*

**Luiza,** *rindo* — Veja se vai aprendendo mais historias bonitas para me contar. Eu acho-as todas muito engraçadas.

**Arabella** — Minina verá, minina verá!... mim saber coisas em profusão para fazer passar tempo *quickly.*

N'isto o comboyo parou na estação de Payalvo. O homem do toucinho desceu.

D'ahi a pouco ouviu-se grande barulho e a voz do homem a gritar e a rogar pragas. Depois, dois policias entraram no compartimento.

Um agarrou na Luiza, outro na ingleza e levaram-n'as para fóra n'um abrir e fechar d'olhos.

**Arabella,** *muito zangada* — Mim não ser ladrona nem matar gente. Mim não ser presa nunca, mim escrever queixa á rainha da *England.* Você verá, homem mal creado!

**Um policia** — Cala-te! Nós já te conhecemos, bruxa!

**Arabella,** *indignada* — Mim não conhecer você, nem querer. Largar-me!

**Outro policia** — Não vale a pena estares para ahi a fingir que não sabes fallar. Ês tão portugueza como eu; e roubaste hontem uma mala com trezentos mil reis.

**Arabella,** *cada vez mais indignada* — Mim... robar!... mim!... Mim ser ingleza; chamar-se miss Arabella Fingstone e ser mulher honrada durante toda vida sua! Você vêr...

**O policia** — Já te disse que te calasses. Se continuas a palrar, ato-te ahi á roda da bocca um lenço, que te faz metter a viola no saco emquanto o diabo esfrega um olho. É remedio santo!

**Luiza,** *chorando* — Oh! miss!... cale-se pelo amor de Deus! São capazes de nos matar!

**Arabella,** *admirada* — Matar a nós?... a nós!?... E para quê servir justiça?

**Luiza,** *chorando* — Hi! hi! hi! se eu tivesse ficado... com o meu... po... pobre... Barnabé... Hi! hi! hi! nada d'isto me... ti... nha acon... teci... do... hi! hi! hi!

**Arabella** — Minina não dever estar triste. Não dever, *indeed!* Ámanhã estar nós livres outra vez, verá...

**Um policia** — Façam calar essas mulheres e levem-n'as para a sala de espera, onde está o outro preso.

Assim fizeram.

O outro preso era o homem do toucinho, sentado n'um canto com as mãos atadas. Quando as viu entrar, desatou a rir.

— Ha! ha! ha! Tambem vocês? Está bonito, está...

— Silencio! gritou o policia.

**Arabella** — Miss Arabella Fingstone ser livre de vontade sua. Miss Arabella Fingstone só estar calada quando quer!

— Silencio! tornou a gritar o policia com uma voz muito forte.

**Luiza,** *com medo* — Cale-se, miss, pelo amor de Deus!...

A ingleza aproveitou uma occasião em que os policias olhavam para outro lado e ameaçou-os de longe com um murro. O homem do toucinho, vendo isto, poz-se a rir ás gargalhadas; era um riso tão forte, que fazia quasi tremer a casa.

Depois calaram-se todos e assim ficaram muito tempo, até que se ouviu na estrada o rodar de um carro.

Então o policia, que gritára: — Silencio — e que

parecia governar os outros, fez entrar os prisioneiros no *char-à-bancs* que tinha chegado.

Sentou-se perto da portinhola com outro companheiro e deu ordem ao cocheiro para partir.

Era madrugada quando chegaram a Thomar.

Chovia. Estavam as ruas cheias de lama. Não se via pessoa alguma nas janellas.

A Luiza voltou-se para a ingleza:

— Oh! miss Arabella, disse ella, que terra tão triste! Que frio aqui deve haver sempre! Faz vontade de chorar, olhar para estas casas!

**Arabella** — Mim não ter vontade de chorar nunca! Mim não importar-se com terras tristes para nada. Mim só ter vontade de estar *furious* e zangada e bater em pelicias todos!

**Luiza,** *assustada* — Oh! miss, se elles a ouvissem... nem quero pensar.

**Um policia** — Schio! Eh! pouca conversa!...

Ainda elle não tinha acabado de fallar, quando o carro parou.

Ouvia-se então muito bem a chuva cahindo nas pedras. Esse barulho, assim continuado, fazia tristeza.

A Luiza olhou pela rua fóra na esperança de vêr alguem. Nem viva alma!

As lojas todas fechadas ainda. Defronte de uma

porta dois gatos magros e lazarentos comiam pedaços de sardinha pôdre mal embrulhados n'um bocado de jornal.

— Miss Arabella, parece-me que estou a sonhar um sonho mau, disse a Luiza.

N'isto os policias desceram e bateram á porta d'uma casa grande com grades de ferro nas janellas.

Veio um homem abrir. Estava estremunhado com somno e tinha má cara. Espreitou para dentro do carro e disse com uma voz rouca:

— Ah! ah! Então sempre os pilharam, hein? Bem feito, bem feito!... Passarinhos para a gaiola, hein? Não tem duvida... Ainda ha logar, ainda ha logar!

Poz-se a rir e a esfregar as mãos como se estivesse a laval-as.

Depois, emquanto dois policias levavam o homem do toucinho para outro lado, elle foi com a Luiza e a ingleza por um corredor fóra. No fim abriu uma porta e fel-as entrar.

Acharam-se n'uma casa espaçosa, núa e com pouca luz. Pelo chão deitadas algumas mulheres, que pareciam muito miseraveis.

Duas ou tres dormiam. Mas havia uma que estava encostada á parede e que chorava immenso. Tinha o cabello despenteado, o lenço cahido para traz e os olhos vermelhos e inchados. Fazia dó olhar para ella, porque bem se via como era desgraçada.

O homem voltou-se para a ingleza e disse assim:

— Agora vocês tenham juizo. Nada de gritar. Não servia senão para lhes fazer mal á garganta. Até logo!

Foi-se embora e a Luiza ouviu a chave da porta dar duas voltas na fechadura.

Sentaram-se ambas n'uns môchos que estavam defronte da janella. Por entre as grades viam uma ruasinha estreita toda cheia de lama e semeada de papeis velhos, talos de couve, cacos e outras sujidades.

A casa onde estavam era escura e triste. Tecto baixo; nodoas de humidade pelas paredes; as grades enfeitadas com teias d'aranha e moscas mortas.

A ingleza encostou a cabeca ás mãos. A pequena chegou-se para ella e tocou-lhe no hombro.

— Miss Arabella, em que está a pensar?

**Arabella** — Mim pensar em coisas immenso desoladas, *very!*

**Luiza** — Porque estaremos nós aqui presas?

**Arabella** — Mim não saber, mas quando sahir, escrever para jornaes coisas infames contra pelicias.

**Luiza** — Oh! miss, não falle n'essas coisas, que podem ouvil-a!

N'isto a mulher que estava a chorar levantou-se. Chegou-se á janella e passou a cabeça pelas grades.

Era nova ainda e bonita. Mas estava muito magra e suja e toda esfarrapada.

D'ahi a bocadinho metteu a cabeça para dentro e sentou-se alli mesmo, encostada á humbreira. A chuva cahia-lhe na cabeça e nos hombros.

A Luiza disse ao ouvido da ingleza:

—Miss Arabella, esta mulher é doida...

**Arabella,** *baixo*—*No,* Luiza, esta mulher não ser doido. Ser *greatly* desgraçada. *(Voltando-se para a mulher)* Você, pobre creatura, estar a molhar-se.

**A mulher**—Deixal-o! Que m'importa a mim!

**Luiza,** *baixo á ingleza*—Não lhe falle mais, miss, ella póde responder-lhe alguma tolice.

**Arabella,** *baixo a Luiza*—Mim não zangar-se com tolices que dizem pobres desgraçados infelizes mulheres. Ellas precisar *consolations*. *(Fallando com a mulher)* Mas você, meu amiga, ir apanhar doença grande.

**A mulher,** *muito triste*—Melhor! Quem me dera morrer!

**Arabella,** *admirada*—Morrer! Ser peccado grande

desejar morte!... E ser tão *young* ainda! *Dear, dear!...* Para quê querer morrer?

**A mulher** — E para que hei de querer viver? O meu homem está em casa com febres más. Dos meus tres cachopitos, o mais velho não tem ainda seis annos... E eu aqui mettida sem lhes poder valer, sabendo a falta que faço!... A vida assim é um inferno... eu antes queria morrer!

**A ingleza** — *Good heavens!* Pobre moça, pobre moça! E porque metteram a você aqui?

**A mulher,** *com mau modo* — Porque roubei um pão a um padeiro rico, que não m'o quiz dar por caridade... As creanças estavam a morrer de fome, o meu homem doente e sem trabalho. Não tive mais remedio...

**A ingleza** — *Indeed, oh! indeed!...* Coitada de desgraçado e infeliz! Sentar-se aqui ao pé de mim e contar-me mais coisas.

A mulher sentou-se junto d'ella e poz-se a fallar-lhe dos seus filhinhos. A ingleza disse-lhe que Deus não havia de deixar morrer o seu homem, que ella ainda havia de ser feliz, e muitas coisas mais. Coisas boas e santas, que ella achou no seu coração, para consolar aquela pobre rapariga.

Durante este tempo, a Luiza scismava:

—Como eu ás vezes era má de me julgar infeliz por não ter vestido de sêda! Nunca me faltou roupa nem comer, sempre tive saude, e queixava-me da minha sorte!... A verdadeira desgraça é a d'esta mulher. Como ella deve soffrer!

Depois lembrou-se do Barnabé e pensou em como elle estaria triste sem ella.

Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas.

Mas de repente veio-lhe á memoria a fada tentadora com a sua corôa de perolas. Encostou a cabeça á parede, fechou os olhos e poz-se a imaginar como seria o seu palacio, quantos vestidos teria, quantas joias... e pouco a pouco esqueceu-se de tudo que a rodeava.

As outras mulheres tinham acordado. Vieram até á janella; sentaram-se no chão e em bancos; pozeram-se a conversar. A ingleza e a sua nova amiga fallavam em voz baixa.

A Luiza adormeceu.

Continuava a chover. A rua era um deserto.

## CAPITULO IV

### O palacio de marmore e ouro. —Pensamentos maus

No dia seguinte, logo pela manhã, entrou na prisão um sujeito bem vestido.

A Luiza e a ingleza tinham dormido mal. Estavam com somno e de mau humor.

O tal senhor dirigiu-se á miss Arabella e disse-lhe:

—Minha senhora, eu venho pedir-lhe desculpa d'este engano...

**Arabella**—Mim não importar-se com desculpas. Mim querer sahir *immediatly*.

**O senhor**—V. exc.ª vai já sahir com sua filha...

**Arabella,** *amavelmente*—Mim agradecer a você. Mim querer ir para estação. Minina piquenina não ser filha minha, mas mim gostar d'ella como ser.

**O senhor,** *rindo* — Está muito bem. Eu queria explicar a v. exc.ª o seguinte: houve hontem um roubo em Lisboa. Os culpados fugiram. Recebi um telegramma com os signaes pelos quaes eu havia de os reconhecer se passassem pela estação de Payalvo. Mandei para lá tres homens de confiança...

**Arabella** — Mim dizer a você em segredo, que esses homens ser canalhas e malcreados. Mim aconselhar a você a não ter confiança em pelicias.

**O senhor** — Coitados! Elles fazem o seu dever... Confundiram vv. exc.as com os culpados. Felizmente acabo de receber este telegramma participando-me que os verdadeiros ladrões já estão presos em Lisboa.

**Arabella** — Ser de grande allivio e *satisfaction* as palavras que você dizer, senhor. Mim agora querer um carruage para ir para estação.

**O senhor** — Já mandei pôr um trem ás ordens de v. exc.ª Torno a pedir mil perdões por tão desastrado engano. Sou um creado de v. exc.ª...

Fez um grande cumprimento, e ia já para sahir, quando a ingleza chamou por elle.

— Eh! você, senhor!... Vir aqui e dar a sua mão para mim sacudir. Mim declarar você ser um *gentleman*. Minina, faça favor, sacuda mão de senhor!

Elle poz-se a rir e, depois de dar a mão á ingleza e á Luiza, tornou a cumprimentar e sahiu.

Então a miss Arabella foi ter com a pobre rapariga com quem conversára na vespera e disse-lhe:

— Antes de mim ir para estação, mim ir vêr pobre marido de você e deixar-lhe dinheiro bastante para elle e filhinhos de você não morrer de fome e viver bem. Ficar descançada e não chorar mais, *my dear,* breve em poucos dias você sahir e ter alegria grande!

**A mulher** — Ai, minha senhora, como hei de agradecer-lhe a sua caridade? A senhora tem sido o meu anjo bom!

**Arabella,** *rindo muito* — Anjos ser bónitos. Mim ser *horrid.* Anjos ter azas. Mim ter laços verdes nas costas! Você vê, mim não poder ser anjo... Você ter ideias! mim anjo! *Indeed, indeed!* Ah! ah! ah!

E continuou a rir durante immenso tempo. Mas a Luiza, que estava a olhar para ella com attenção, bem percebeu que a boa Arabella ria tanto para a mulher não lhe vêr os olhos cheios de lagrimas.

**Arabella** — Escutar; você fazer-me um favor grande, sim?

**A mulher** — Oh! minha senhora, se eu podesse...

**Arabella** — Quando sahir d'aqui, nunca mais robar, valeu? Isso ser coisa má que fazer Deus muito triste. É preciso só fazer coisas que dar alegria a Deus. Vamos; diga promessa?

**A mulher** — Juro-lhe que nunca, nunca mais roubarei! Nunca mais!

N'isto um homem veio dizer que o trem estava á espera. Sahiram.

Quando a Luiza se viu fóra da prisão, sentiu-se muito feliz. Aquellas paredes negras e escangalhadas, aquelle tecto sujo, tudo lá dentro parecia pesar-lhe no espirito. A ingleza, depois de ter deixado o dinheiro ao marido da pobre rapariga, meteu-se no trem com a Luiza e partiram ambas para Payalvo.

Um dia lindo! O sol muito brilhante. Os campos verdes e frescos. As folhas das arvores dançavam com o vento. Céo todo azul. Passaros a cantar, que era uma consolação.

— Miss Arabella, disse a Luiza chegando-se para a sua companheira, coitadinhos d'aquelles que têm de passar a sua vida toda na prisão! Deve ser horrivel!

— Ser, ser..., respondeu a ingleza, melhor morrer do que viver lá sempre.

Depois mudaram de conversa e fallaram a respeito do palacio de Luiza. Onde seria? Ella comprára bilhete até... onde fosse o comboio. Teriam visinhos? Haveria divertimentos?

Entretanto chegaram á estação.

Logo que subiram para o comboio, estenderam-se em cima dos bancos e adormeceram.

Dormiram immenso. Ao acordar, acharam-se n'uma linda *gare* em nada parecida com Payalvo.

A Luiza chegou á portinhola. Viu alguns lacaios de fardas vistosas, ricas, e de cabelleiras empoadas. Um homem hirto, abotoado n'uma comprida sobrecasaca, passeiava de um para outro lado, com um ar muito importante.

A voz da fada disse então ao ouvido da Luiza:

— Os lacaios são teus; este sujeito é o teu mordomo. Esperam por ti. Apeia-te...

A pequena voltou-se, mas viu apenas a ingleza ainda ensomnada, sentada no banco, a esfregar os olhos. Chamou por ella e sahiram.

D'ahi a minutos iam ambas de caminho para o palacio, encostadas nas fôfas almofadas de um trem elegantissimo. Puxavam-n'o quatro cavallos brancos, lindos, todos enfeitados com guizos. Guizos dourados que faziam uma alegre musica... tão alegre, que não podia ficar triste quem a ouvisse.

A Luiza estava encantada.

**Arabella** — Mas que sonido bonito ter guizos! Mim ser muito *happy* de escutal-os, e minina?

**Luiza** — Ai, miss! Eu, de contente, nem sei já o que digo nem o que faço! A minha vontade era saltar ao pescoço do mordomo e abraçal-o, beijar os cavallos... e... nem eu sei, miss! Sinto-me tão feliz, tão feliz!

**Arabella** — Luiza, veja como ser mundo: minina aqui tão alegra e contenta e pobre desgraçado infeliz mulher mettida em prisão triste, com filhos seus a morrer de fome! *Oh! dear, dear!*

**Luiza,** *com mau modo* — Para que me falla n'isso agora? Não quero ter ideias tristes. Quero gozar bem a minha riqueza, sem me importar um só momento com os infelizes que ha pelo mundo!

Quando a Luiza disse aquellas palavras tão más e tão faltas de caridade, o seu Anjo da guarda estremeceu todo, como se lhe tivessem batido. E abrindo as suas grandes azas brancas de neve, voou até ao Céo.

Morto de tristeza, foi sentar-se no ultimo degrau do throno de Deus, e, encostando a cabeça ás mãos, poz-se a chorar.

— Miss Arabella, disse a Luiza, agarrando com muita força no braço da ingleza, olhe! olhe!

Era um palacio enorme que se avistava ao lado direito da estrada; um palacio enorme, todo de marmore rosa, com grandes torres e largas janellas de

humbreiras de ouro. Em torno estendia-se um vastissimo *parc,* cheio de arvores, de flôres preciosas,

E abrindo as suas grandes azas brancas de neve, voou até ao Céo...

de gaiolas immensas com passaros raros, e de lagos sem fim, povoados de barquinhos lindos com remos de prata que brilhavam. O jardim estava phantasti-

camente illuminado a luz alectrica de côres diversas. Isto fazia com que algumas arvores parecessem azues, outras vermelhas, outras côr de rosa, côr de laranja, emfim, um esplendor!

Emquanto Luiza admirava todas estas coisas, a carruagem parou. O mordomo desceu d'um trem e chegou-se á portinhola do da sua senhora.

— V. exc.ª deseja entrar no seu palacio pela porta do Sol ou pela porta da Lua? perguntou elle.

A pequena ficou estrapalhada com estas palavras; não quiz, porém, que o homem percebesse o seu embaraço. Por isso respondeu, encolhendo os hombros com desdem:

— Quero passar em frente da porta do Sol e entrar pela porta da Lua.

Logo que o trem continuou a rodar, a Luiza disse á ingleza:

— Ó miss, que historia de portas será esta?

**Arabella** — Mim não saber, mas ter *great* curiosidade, *indeed!*

**Luiza** — Ai, quando penso que tudo isto é meu, só meu, não sei o que sinto, afigura-se-me que não me cabe no peito o coração!

**Arabella** — Ser isso coisa exquisita. Mim estar contente em excesso, mas ter coração mesmo tamanho que sempre.

**Luiza** — Não admira. A miss está contente, mas a sua alegria não se póde comparar com a minha. Eu sei que tudo isto é meu, e a miss...

Não acabou o que ia a dizer, mas riu-se desdenhosamente.

Desprezava a ingleza por ella ser pobre...

Mas a Luiza não comprehendia que a miss Arabella tinha comsigo um thesouro de virtudes e de bondade, que só por si valia mais, infinitamente mais, do que todos os presentes da fada.

Anoitecera.

A carruagem proseguia no meio de uma grande escuridão quando, de subito, as duas viajantes avistaram ao longe uma claridade fortissima.

A Luiza debruçou-se pela janella fóra diligenciando perceber o que era aquillo.

A miss Arabella esfregava as mãos muito contente, mas nem ella nem a pequena fallavam. Assim continuaram durante algum tempo, até que afinal, n'uma volta da estrada, se acharam repentinamente defronte da porta do Sol; e só então perceberam de onde vinha o tal clarão.

Era um portão de ouro colossal. Sustentavam-n'o duas altissimas columnas de marmore côr de fogo, cercadas por multidão de estatuas do tamanho natural. Posições lindas; caras tão alegres e tão felizes, que fazia gosto olhar para ellas.

Algumas figuravam rapazes trepando pelas columnas e olhando para baixo a rir; outras, raparigas

doudas dançando rondas com os cabellos despenteados e as boccas abertas como se estivessem a cantar.

E mais ainda, muitas mais, em grupos e isoladas até onde a vista as podia alcançar...

Sobre cada columna e illuminando tudo isto, levantavam-se tres fachos de luz forte e dourada como a do Sol.

— *Oh! dear, dear! how pretty! My goodness me!* exclamava a ingleza. Oh! Luiza mim estar enthusiasta em excesso!

Luiza não parava quieta; batia as mãos, ria e chorava de contente.

No seu enthusiasmo, dava a cada momento com a cabeça no tecto do trem e pisava os pés da miss Arabella.

Estavam porém ambas tão encantadas, que nem sequer percebiam isso.

Mas os cavallos continuavam a trotar e bem depressa desappareceu a porta do Sol.

Então a Luiza deixou-se cahir nas macias almofadas do trem, douda de contentamento.

A ingleza, essa tratou de fechar os olhos, porque todas estas coisas lhe faziam muita confusão e já estava com vertigens e affrontamentos.

Passou-se um bocado.

De repente a pequena tocou no braço da sua companheira, exclamando:

— Ah! miss, miss! olhe para isto!

Estavam em frente da porta da Lua.

Era de prata e as columnas de marmore branco e transparente. Os seis fachos tinham menos força do que os outros e a luz era de um azul pallido, muito suave, que illuminava tudo como n'um sonho.

Havia tambem estatuas, mas não eram iguaes ás da porta do Sol.

Caras lindas, mas sérias e tristes. Uma d'ellas tinha o dedo nos labios como se estivesse recommendando ás outras que não fizessem barulho. Algumas pareciam dormir, com os cabellos soltos e os braços estendidos no chão. Outras espreitavam-n'as por traz das arvores com uma curiosidade triste.

Havia tambem figuras, que pareciam ir fugindo; e algumas encostadas ás columnas, desoladas, como se não podessem correr mais...

— Que lindo!... lindo! dizia a Luiza debruçando-se. Tudo isto me parece um sonho e estou com medo de acordar!

— Ah! Luiza! Benta ser fada que poder dar prendas d'estas aos seus amigas! Benta ser ella com effeituação!

A Luiza encantada e a cada instante surprehendida com novas maravilhas, não se fartava de admirar tudo quanto ia vendo da portinhola do trem.

Chegaram afinal ao palacio.

As duas viajantes apearam-se e subiram uma imponente e lindissima escadaria entre duas alas de lacaios. E, como estavam com fome, o mordomo todo respeitoso, levou-as para a casa de jantar, que era muito grande e rica.

Vieram logo quatro escudeiros, que lhes serviram em pratos de ouro, um jantar delicioso como nunca em dias de sua vida ellas tinham provado.

A dona de todas as riquezas comeu pouco. Por mais diligencias que fizesse, n'aquelle momento não podia afastar de si a lembrança dos parcos jantares que tantas e tantas vezes comera na companhia do Barnabé. Via, em pensamento, o seu infeliz irmão, doente, sentado ao pé d'ella, defronte da mesa pequenina e pobre.

Ouvia-o dizendo-lhe quanto era seu amigo e contando-lhe como trabalhára o dia inteiro pensando n'ella...

—Jesus! dizia a Luiza comsigo. Que aborrecidos são estes escudeiros! Tesos como bonecos e sempre olhando para mim!... Nem sequer posso comer á vontade! Tudo isto é lindo... lindo!... Eu estou contentissima e muito reconhecida á fada. Mas... não sei que peso tenho no coração... doe-me!

E como estava morta de fadiga e tonta das surprezas e das alegrias, parecia-lhe que as luzes, os moveis riquissimos, os escudeiros, a miss Arabella, o serviço de ouro e tudo, tudo dançava em volta d'ella uma dança furiosa.

Acabou o jantar. Quando ellas se levantaram, appareceram umas creadas bonitas e todas asseadas, que as conduziram aos seus quartos.

Logo que despediu a sua aia, a Luiza arrastou

uma poltrona para diante da janella, abriu esta de par em par e sentou-se commodamente.

D'alli via o seu enorme *parc* brilhantemente illuminado e ao longe, muito ao longe, as portas do Sol e da Lua.

A noite estava esplendida. A pequenina rainha d'aquellas maravilhas, respirando o ar perfumado, sentia-se extraordinariamente feliz, recostada na sua poltrona de damasco e rodeada do immenso luxo que havia no seu magestoso palacio de marmore e ouro.

Pouco a pouco, d'entre o arvoredo nasceram umas notas muito suaves que, espalhando-se no ar, docemente, chegaram aos ouvidos da Luiza... A musica fazia sonhar com fadas e encantos.

Levantando-se, a Luiza apoiou-se ao parapeito da janella, e, juntando as mãos, murmurou:

— Que riqueza eu tenho e que poder! Tudo isto é meu, meu, só meu!

— *Oh! dear, dear!* Como ser dôce musicata! disse uma voz atraz d'ella.

Voltou-se um pouco assustada...

Era a ingleza que, do seu quarto, não ouvindo bem a musica, viera ao de Luiza escutal-a melhor.

— Então, miss, está em pé? Chegue uma cadeira para o meu lado. A janella é tão grande, que podemos caber ambas perfeitamente.

Fez-se um silencio.

Afinal a Luiza, parecendo-lhe que a ingleza estava a chorar, voltou-se:

— Então o que é isso? Tem alguma coisa, miss? Está arrependida de ter vindo commigo?

**Arabella** — Oh! *no!* Oh! *no! my dear* Luiza!... Mim encontrar-se *perfectly* contente com vida minha. Mim só estar triste por outras coisas.

**Luiza** — Algum segredo que não me quer dizer, miss!

**Arabella** — Oh! *dear! no!*... Mim ter lagrimas porque mim pensar ser tão feliz e rica emquanto haver em mundo tantos desgraçados miseraveis infelizes pessoas que morrer de fome e de frio e de pobreza immensa. Oh! *dear,* quando mim lembrar-se que...

**Luiza,** *muito zangada* — Miss Arabella, não imagina quanto me aborrece ouvir fallar, ou pensar sequer em pessoas que morrem de fome. Estou em minha casa, miss, e prohibo-lhe d'aqui por diante que me torne a fallar n'essa gente. Entendeu-me?

A ingleza inclinou a cabeça e sahiu do quarto.

Mas, antes de fechar a porta, voltou-se para a pequena e murmurou com tristeza:

— Pobre, pobre Luiza!

## CAPITULO V

### A regata no lago. —Luiza em perigo de vida

Passou-se um mez.

A Luiza não se cançava de admirar as suas riquezas e o seu palacio, nem de passeiar pelo seu *parc* maravilhoso.

Ao principio ainda se recordava do Barnabé, mas com o esplendor da sua vida actual, a lembrança do bom irmão ia desapparecendo pouco a pouco.

Tambem durante alguns dias a Luiza pensou no que a ingleza lhe dissera na primeira noite passada alli:

—Pobre, pobre Luiza!

—Pobre Luiza!! dizia ella comsigo. Pobre, eu?! Com o meu palacio, com os lindissimos vestidos que me deu a fada, com as minhas joias... A miss estava douda por força quando me chamou pobre.

E distrahia-se com outra coisa. Mas d'ahi a bocadinho voltava-lhe a mesma ideia.

— Nada! Ella que disse aquillo, alguma razão tinha... Mas o que me falta? Ora esta!

Como os dias se passavam e a ingleza não tornára a fallar a esse respeito, a Luiza esqueceu-se do que lhe dera tanto que scismar.

Depois tambem tinha que fazer e receber muitas visitas. Todos os senhores da visinhança se apressavam a visital-a com os seus filhos. E a Luiza contentissima, mostrava-lhes os seus dominios e tratava-os com muita amabilidade.

Com essas creanças travára ella já relações de amizade e na sua companhia passava horas e horas correndo e brincando pelo *parc*.

Entre estas havia duas de quem ella gostava menos: eram os filhos da marqueza d'Abreu, uma senhora fidalga bonita ainda e muito distincta, que tinha fama de santa pela sua caridade e pela paciencia e doçura com que soffrera os desgostos da sua vida bem amargurada.

O conde Egas e a Dulce eram em tudo o retrato da mãe: na belleza e na bondade. Elle era um rapaz de dezaseis annos, alto, bem feito, trigueiro, com uns grandes olhos pretos e vivos, e com o cabello castanho e annelado. Cara franca, um riso bom que alegrava e no olhar intelligente toda a sua alma generosa.

Dulce tinha mais um anno do que a Luiza. Era uma creança encantadora, com uns olhos azues muito meigos e o cabello de um louro dourado e brilhante cahindo-lhe pelas costas e pelos hombros.

O seu nome indicava bem as excellentes qualidades do seu coração e do seu genio.

A Luiza preferia-lhes as outras creanças, que faziam quantas maldades ella queria e que lhe obedeciam em tudo.

Entre essas havia bastantes com um caracter semelhante ao seu; ricas e vaidosas, cuidando só da sua pessoa e desprezando os infelizes que andam por essa terra de Christo a penar...

Egas e Dulce, porém, traziam ás vezes para as brincadeiras alguns companheiros á sua feição.

Uma vez, estando as creanças reunidas no *parc* e jogando a cabra cega, um lacaio muito aprumado veio participar á Luiza que estavam visitas na sala, entregando-lhe ao mesmo tempo um cartão n'uma salva de ouro.

Juntaram-se todos á roda da Luiza para vêr se conheciam o nome dos novos visitantes.

—Ah! já sei! Os barões de Ipecacuanha! disse Eugenia que, apesar de ser boa no fundo, era uma grande trocista. Já sei! são uns figurões muito presumidos que chegaram ha pouco tempo de Cabo Verde. Anda, Luiza, vai buscar os pequenos, que nos queremos divertir com elles.

A Luiza partiu, correndo quanto podia.

**Dulce**—Com effeito, esses pequenos são assim tão ratões como diz a Eugenia?

**Eugenia** — Pois não os conheces? Olha, no outro dia, na missa, os dois rapazes estavam vestidos de verde, com gravatas amarellas, e as duas pequenas levavam saias de cauda.

Todas riram.

**Eugenia** — Se não me acreditam, perguntem ao Roque e ao Lopo; elles bem viram.

**Lopo** — É verdade, é. O pae conhece-se de longe pelos berloques que traz a luzir em cima da barriga, que parece mesmo o bombo do regimento.

**Roque** — A Carmo quando o viu, imaginou que elle era uma *vitrine* de ourives a andar.

**Carmo,** *rindo* — Eu imaginei lá isso, que ideia!... Eu sei apenas que um dos rapazes é brutamontes! Já me quiz bater. Se não fosse o Roque...

**Rosa** — E a mim tambem. Quer saber, senhor conde?

**Egas** — Não me chames senhor conde. Trata-me por tu; gosto muito mais.

**Rosa** — Mas... tu és senhor conde, não és?

**Lopo** — É sim, e ha de ser marquez quando a senhora marqueza morrer.

**Egas,** *zangado* — Não falles n'isso, Lopo, bem sabes que me fazes zangar.

**Dulce** — Então, Egas, o Lopo não disse aquillo por mal, tenho a certeza.

N'isto voltava a Luiza com os visitantes. Os papás tinham ficado na sala com a miss Arabella e com a marqueza.

Vinham todos quatro. As duas pequenas com vestidos de sêda muito apparatosos e ambas carregadas de joias; os rapazes empertigados, de chapéo alto e grandes collarinhos.

— Não é verdade, Pancracio, disse uma d'ellas, não é verdade que a mamãe lá na Praia tem um palacio tão bonito como este?

**Pancracio,** *empertigando-se ainda mais* — Mesmo muito mais bonito!

**Luiza,** *zangada* — Não desgostava de o vêr...

— Deixe-os lá fallar, senhora, disse o Anacleto que tinha presumpção na sua força e que era estupido como uma porta. A nossa casita lá, não tem ponto de comparação com o seu palacio!

**Andrégina** — O mano ha de sempre dizer o contrario do que nós dizemos. Não se póde conversar com elle. A mana Zulmira já não lhe diz palavra.

N'estas interessantes conversas iam-se aproximando do grupo de creanças que esperava por elles.

**Egas** — Ainda bem que chegaste, Luiza; estamos ha que tempos á tua espera para continuarmos o nosso jogo.

**Dulce** — E os teus novos amigos hão de brincar comnosco, não é verdade?

**Pancracio,** *importante* — Pois sim. Se a menina Luiza quizer apresentar-nos aos seus amigos...

**Lopo** — Já podias ter pensado n'isso, Luiza, em logar de estares ahi parada a olhar.

**Luiza** — Tens razão, Lopo; estava distrahida. Meus amigos, apresento-lhes o Lopo Azinha, que é bom rapaz, mas um pouco malcreado.

**Lopo,** *zangado* — Agradeço o cumprimento.

**Luiza,** *rindo* — Não quero mentir... Mas, deixa-me continuar. Este é o Roque Dias, um figurão que tem força como um touro.

Ouvindo isto o Anacleto, metteu as mãos nos bolsos e poz-se a olhar de revez para o Roque...

**Luiza** — Este agora é o Egas, conde d'Abreu, e a sua irmã Dulce, e os seus amigos Diogo d'Ida-

verca, Bertha Alvigorado, Maria, Alda e Rodrigo Almina.

**Egas** — Luiza, porque nos separas assim do resto dos teus amigos?

**Lopo,** *troçando* — O que tu foste fazer, Luiza! O senhor conde está zangado!

**Egas** — Vai brincando, Lopo. Mas olha que um dia falta-me a paciencia e então talvez te arrependas!

A Dulce, prevendo discussão, mudou de conversa, dizendo:

— Com todas estas coisas a Luiza não acabou ainda a sua apresentação.

**Luiza** — É verdade. Este é o Gonçalo Duarte, muito meu amigo, e irmão da Joanninha, que é um diabrete. Aquella é a Vicencia Carvalho e as suas irmãs Carmo e Rosa. São umas elegantes e sabem montar a cavallo. Aqui está agora o Cupertino Alves, que corre como uma lebre, e o Braz Bemfeito, um espertalhão que dirige sempre as nossas brincadeiras. Esta é a sua irmã Eugenia, uma trocista de primeira ordem, que nos faz rir muito.

— E agora que estão as apresentações feitas, disse a Joanninha saltando e batendo as mãos, vamos brincar!

**Braz** — Quem é cabra cega? Vá, venham todos para aqui!

**Andrégina,** *fazendo-se tola* — A mana e eu não brincamos.

**Braz** — Porquê, estão doentes?

**Zulmira** — Então não percebem que nós já somos crescidas e não podemos andar aos pulos como duas cavallonas?

**Eugenia** — Não podiamos adivinhar... Porque não disseram vv. exc.as isso ha mais tempo?

**Anacleto,** *rindo* — Pois você, senhora, acreditou no que ellas disseram? Ainda são umas petizas como você; é que não querem sujar os vestidos de luxo...

**Andrégina,** *indignada* — Como a mamãe ainda tem cara de te levar a visitas é que eu não sei!

**Zulmira** — Quando terá este rapaz algum tino?

**Pancracio** — És um grande idiota, Anacleto!

**Eugenia,** *a Zulmira* — Que lindo é o seu vestido!

**Zulmira,** *desdenhosa* — A sêda veio de Londres e mandei-o fazer em Paris.

**Anacleto,** *rindo* — Ih! o que ahi vai! Foi comprado no Grandella e quem o fez foi a costureira da rua dos Remedios á Lapa.

As creanças todas riam a bom rir dos pretenciosos Ipecacuanha. Mas a Luiza, que, apesar d'isso, já estava aborrecida com aquella estupida conversa, propoz um passeio de barco.

**Braz** — Bravo!... Está dito!... O que me dizem a uma regata?

**Egas** — Dizemos que é uma ideia esplendida!

Abalaram todos para a beira do lago; as delambidas meninas de Cabo Verde com muito custo levantavam os vestidos compridos que se lhes mettiam debaixo dos pés calçados com sapatinhos apertados de setim escarlate.

Cada rapaz tomou conta de um barco.

O Egas, com muita elegancia, saltou para dentro de uma gondola e, descobrindo-se, pediu como um favor a companhia de Luiza. O Lopo ia com a Carmo por se entenderem bem, sendo ambos tolos e presumidos. O Roque («o homem das forças», como lhe chamava a Dulce por brincadeira) convidou as duas mais gordas, a Joanninha e a

Vicencia; o Braz, por troça, pedira com muitos cumprimentos a uma das Ipecacuanha para ir com elle.

O Anacleto, já installado defronte da Eugenia, cuspia nas mãos para segurar melhor os remos.

Os outros lá se tinham arranjado conforme poderam.

Estavam promptos.

Desamarraram as correntes e afastaram-se da margem.

Na agua limpida era um gosto vêr mergulhar os remos de ouro. As gargalhadas dos navegantes, tão francas e boas, davam alegria ao ar que se respirava. O dia estava creador. O céo azul e radiante. As flôres raras plantadas nas beiras do lago debruçavam-se, curiosas e presumidas, para se verem reflectidas na agua transparente.

O barco do Egas era sem duvida o mais bonito. Bastava a figura do remador, vestido de branco, com o vento a brincar-lhe no cabello e com os seus bellos olhos brilhantes d'alegria.

Depois, a Luiza, encantadora como era e airosa, destacava bem nas fofas almofadas de sêda em frente d'elle.

— Luiza, disse o Egas inclinando-se para ella. Que perfeição tu eras, se fosses sempre boa e não pensasses unicamente em ti!

**Luiza** — E tu que perfeito eras, se fosses menos santo e sobretudo menos massador!

**Egas** — Não sei porque me has de ter em tanta embirração e a tudo quanto digo. Sabes, decerto, como eu te quero bem.

**Luiza,** *rindo* — Amizades tenho eu muitas!... Olha, ainda ha bem pouco tempo, a Joanninha me disse que gostava immenso de mim e o Lopo pro-

O barco do Egas era sem duvida o mais bonito

testou que mataria cem elephantes para me defender. O que dizes a isto?

**Egas,** *rindo* — Digo que o Lopo é um valentão e que não posso deixar de lhe ter um bocadinho de inveja, por elle saber melhor do que eu, merecer a tua estima.

— Todos em linha! gritou o Braz com toda a força, vai começar a regata!

Ainda elle não acabára de fallar, quando um barco, abrindo caminho entre os outros, se chegou ao do Egas. Vinham n'elle o Rodrigo e a Dulce.

—Egas, disse esta assim que se approximaram os dois barcos e fallando ao ouvido do irmão emquanto o Rodrigo conversava com a Luiza, sem querer, ouvimos uma combinação que os Carvalhos fizeram com o Roque e o Lopo. Querem vêr se, na confusão da regata, conseguem fazer virar o barco onde vai o Anacleto Ipecacuanha com a nossa querida Maria. Estou tão afflicta! O que se ha de fazer?

**Egas**—O Rodrigo sabe?

**Dulce**—Sabe. Elle é que disse para eu te vir fallar. Talvez o possas ajudar, no caso de ser necessario evitar aquella maldade. Meu Deus! O lago parece tão fundo!...

**Egas**—Não estejas apoquentada, minha Dulce. Eu vou para o vosso lado. O Rodrigo teve muito juizo. Vamos lá; podem reparar...

O Egas fez um pequeno signal ao Rodrigo; remando com muita força poz-se um de cada lado do barco do Anacleto; ficando d'esta maneira o pobre rapaz e a Maria, livres do mergulho.

Mas o Lopo, percebendo tudo isto, ficou fulo

por não o deixarem fazer o que elle queria; e tratou de arranjar outra maneira de conseguir os seus fins.

Passou os remos á Carmo, e, tirando da carteira uma folha de papel, escreveu á pressa:

«Luiza:

«Se és minha amiga e se queres fazer uma partida ao Egas, procura virar o barco do Anacleto com um empurrão valente.

*Lopo.*»

Depois, dobrou o papel muito bem dobrado, entregou-o ao Cupertino, que o passou a outro, até que afinal foi parar ás mãos da Luiza. Tudo isto se fez n'um abrir e fechar d'olhos.

O Lopo, assim que se viu livre do seu escripto, pegou de novo nos remos e continuou a remar como se nada fosse com elle.

A Luiza leu e desatou a rir. E depois de rasgar o papel e de deitar ao lago os bocadinhos, ficou esperando a melhor occasião...

N'isto o Egas, para se afastar d'um rochedo, chegou-se mais para o lado do Anacleto. A Luiza debruçou-se, agarrou na borda do barco e empurrou-o para baixo com toda a força. A Maria deu um grito.

Com a rapidez do relampago, o Egas estendeu o braço e sustentou n'elle o primeiro balanço do

barco, que, sem isso, virava com certeza. Ainda assim, apesar de leve, pesava bastante e o Egas fez-se pallido com a dôr.

— Parece impossivel, Luiza! disse elle.

Mas ella estava furiosa e só dava attenção aos signaes do Lopo.

As outras creanças tinham-se levantado, e gritavam e riam e fallavam todas a um tempo; um barulho que ninguem se entendia.

Vermelha de raiva, Luiza tornou a debruçar-se na intenção de repetir a partida.

D'esta vez o Egas afastou-se a tempo com um movimento do remo e a Luiza, desequilibrando-se, cahiu ao lago.

O Roque, a Vicencia, a Carmo e o Cupertino riam a bom rir; e o Braz disse a meia voz:

— Foi buscar lã e sahiu tosquiada...

A Dulce, no seu barco, juntava as mãos, afflicta:

— Jesus! pobre Luiza! murmurava ella.

E todos os seus amigos, mesmo a Maria, se mostravam consternados.

N'um momento o Egas despiu o casaco e, deitando-se á agua, nadou para Luiza, conseguindo salval-a depois de muito trabalho.

Estava desmaiada quando elle a deitou na relva, aos pés da marqueza, que, ouvindo os gritos das creanças, viera á margem do lago com as visitas e com a miss Arabella.

Emquanto a marqueza se debruçava sobre a

pequena procurando vêr se ella ainda vivia, a Eugenia perguntou-lhe:

—A Luiza vai morrer?

—Espero em Deus que não, minha filha. Em todo o caso, isto póde ser bastante serio. É melhor os meninos irem para as suas casas, que ella agora precisa de um grande socego.

Entretanto, a miss Arabella mandára vir um trém, que em breve levou a pequena para o palacio.

Toda a alegre companhia dispersou n'um momento.

Só o Egas pediu para ficar até a Luiza voltar a si; e a meiga e boa Dulce não quiz abandonar a sua amiga doente.

Ao despedir-se do Egas, o Lopo disse com um sorriso mau:

—Adeus, cão d'agua!

O valente rapaz desesperou-se, mas soube conter-se para não apoquentar mais a marqueza. Arregaçou um pouco a manga esquerda e, mostrando ao Lopo o seu braço inchado e ferido, respondeu socegadamente:

—Pagarei essa tua palavra, quando esta arranhadura me deixar. Mas descança... não perdes com a demora!

## CAPITULO VI

### A lucta.—Arrependimentos

A Luiza era robusta. Em pouco tempo voltou á sua vida costumada, devendo isso, no emtanto, aos cuidados com que foi tratada pela marqueza e pela sua velha e fiel amiga Arabella.

Povoou-se de novo o *parc* com o bando que lhe dava tanta alegria.

Ora uma bella manhã, a Luiza, encostada á sua janella, scismava:

—No fim de contas, se não fosse o Egas talvez eu tivesse morrido. Por minha causa tem elle o seu braço tão doente! Os outros são todos muito alegres e muito bons, mas nenhum pensou em me salvar. A Dulce, durante os dias aborrecidos que eu estive de cama, acompanhou-me sempre e soube com uma bondade immensa distrahir-me e ajudar-me a passar o tempo. Á senhora marqueza, então, devo eu tantos e tantos favores, que nem sei como agradecer-lh'os. Porque hei de ser tão orgulhosa e tão má? Porquê... hein?!

**Arabella,** *entrando* — Oh! porque assustar-se, Luiza? Ser mim!

**Luiza** — Vem a proposito, miss; eu estava a pensar agora que tenho sido uma grande ingrata para a senhora marqueza, para si, e...

**Arabella** — Oh! não fallar de Arabella Fingstone!

**Luiza** — Se não fosse a miss, não tinha eu ninguem que pensasse em mim; ninguem n'este grande mundo que se importasse commigo... a não ser... Ai, miss, miss! a não ser o meu pobre Barnabé! E esse... a estas horas sabe Deus onde estará!

E a Luiza, ainda fraca da doença e vencida pela paixão com que fallára, deitou os braços ao pescoço da ingleza e chorou amargamente.

**Arabella,** *acariciando-a* — *No, oh! no, dear!* Não chorar, *darling!* Não dizer que não ter ninguem que goste de Luiza... oh! não dizer tal! *Come, come!* ter senhora marqueza, ter querida Dulce, *sweet, very!* Ter valente e bom Egas; e Eugenia, e Bertha, e Rodrigo... Oh! *dont, dont...* não chorar! *no!...*

**Luiza** — Como eu gostava de poder ter aqui o meu Barnabé! Ás vezes penso n'elle e na paciencia

com que me aturava e na sua amizade por mim. Penso tambem que sou riquissima, emquanto elle é pobre; que tenho tudo quanto me appetece, emquanto elle trabalha para comer. Penso que estou cheia de vida e de saude e rodeiada das queridas attenções da miss, e que elle... pobre Barnabé! doente e fraco, não tem pessoa alguma para cuidar n'elle!

**Arabella,** *abraçando-a* — *Dear* Luiza, mim sempre imaginar desde começo que você ter uma alma das delicadas e boas, *indeed!*

**Luiza** — E estas ideias, miss, fazem-me tanta tristeza... nem me deixam ser feliz á vontade!

**Arabella,** *levantando-se* — Schiu! estar pessoa a fazer batuque á porta de quarto... Mim vêr quem é.

E a ingleza foi até á porta, d'onde voltou com a noticia de que alguns companheiros de brincadeiras tinham chegado e estavam no *parc* esperando por Luiza.

Esta, depois de abraçar a miss, sahiu correndo. Encontrou-se com elles no largo defronte da escadaria e foram todos passeiar.

Como estava calor, cançaram-se depressa e, sentando-se na relva, á sombra, pozeram-se a conversar.

**Braz** — Se agora aqui apparecesse um touro, o que faziam vocês?

**Joanninha** — Eu cá sumia-me pelo chão abaixo. Era logo!

**Carmo** — Eu despia muito depressa uma saia e com ella passava o boi á capa.

**Dulce,** *rindo* — Que ideia! Imaginas que elle te dava tempo?

**Eugenia** — Eu não me atrapalhava. Dava um pulo para as costas do Cupertino e gritava-lhe: — A toda a brida! — Elle diz que corre como uma lebre...

**Cupertino** — Mas não com uma menina ás costas!

Todos riram.

**Luiza** — Que invenções a Eugenia sempre arranja! Ninguem é capaz de se lembrar de coisas tão ratonas como ella!

**Roque** — Eu cá então, se visse agora um touro, ia direito a elle, assim...

E, levantando-se, marchou direito a uma arvore, de mãos atraz das costas, todo empertigado.

—E quando elle viesse para marrar, eu agarrava-me aos paus, assim... Ah!

O Braz, que se escondera atraz da arvore, sahiu de lá aos saltos e a mugir como um touro, e deu no Roque um encontrão, que o deitou por terra n'um abrir e fechar d'olhos.

Todos lhe acharam immensa graça, e durante um bocado apenas se ouviram gargalhadas.

**Braz** — E tu, Dulce, o que fazias se apparecesse um touro?

**Dulce** — Deitava-me dentro d'aquelle massiço de verdura; como sou pequena, talvez elle não me descobrisse alli.

**Bertha** — E eu escondia-me comtigo, Dulce.

**Rodrigo** — Nós todos, n'esse caso, o que deviamos fazer era trepar para cima das arvores.

**Lopo** — Não sei muito bem o que faria; e tu, Egas?

**Egas** — Eu com certeza ia ao ar. Porque, estando ainda sem forças para correr e com o braço muito dorido para trepar, o que eu tinha mais certo era apanhar marradas do touro.

**Lopo,** *troçando* — Coitadinho do menino!... Ora não ha!...

**Luiza** — Como é feio provocares assim um rapaz ferido, que não te póde responder com um sôco!

**Lopo** — Ah! Já defendes o Egas? Ha uma semana, não dizias tu isso, não!

**Luiza** — É porque eu, ha uma semana, não sabia ainda como o Egas e a Dulce eram bons, nem como gostavam de mim. Imaginava que embirravam commigo e, sem eu saber por quê, embirrava tambem com elles. Mas agora, felizmente, reconheço como fui má e injusta, e aqui, diante de todos, peço perdão aos meus queridos amigos de ter sido tão ingrata...

O Egas e a Dulce abraçaram e beijaram a Luiza. A Dulce chamou-a um pouco de parte e disse-lhe:

— Estou contentissima por vêr a coragem com que te accusaste assim diante de todos. Mas estou muito mais contente, por saber que posso d'aqui por diante contar com a tua amizade.

**Luiza** — Agradeço-te muito as tuas boas palavras, minha Dulce, e acredita, reconheço bem agora tudo quanto vos devo.

N'isto foram interrompidas as duas amigas pela voz do Lopo, que dizia gritando:

— Senhor conde, dê-me licença que lhe chame medroso!

**Egas** — Vai fallando, vai fallando. Em eu estando bom, pago-t'as todas bem pagas, verás!

**Dulce** — Egas, não digas isso. Deixa-o lá!

**Maria** — Ao menos, Lopo, explica-nos por que lhe chamas medroso.

**Lopo** — Olha, um rapaz, quando recebe uma affronta, se tem algum brio, paga-a logo. E eu offendi o Egas ha mais de oito dias, e elle ainda não me tocou... Está a ganhar tempo, a vêr se eu me esqueço...

**Vicencia** — Bravo! Isso é que se chama fallar bem!

**Rodrigo,** *furioso* — Vocês são uns cobardes!

**Roque,** *zangado* — Não te venhas tu metter comnosco; olha que saes esfolado.

**Rodrigo** — Uns cobardes, torno a dizer! Nunca desafiaram assim o Egas, quando elle estava bom!

**Diogo** — E porquê? Porque sabiam que o Egas então, com um piparote, dava com elles em terra.

**Luiza** — Então, então, deixem-se de questões. O Egas é um valente, todos sabem isso. Se o não fosse, não arriscava a sua vida para me salvar, como fez no outro dia.

**Lopo** — Olhem que grande coisa! Um mergulho... quem não sabe tomar um mergulho?

**Eugenia** — Então vai experimentar a vêr se és capaz, anda, já que é corajoso!

**Carmo,** *com desdem* — Isso é bom para os cães d'agua!

**Dulce,** *apoquentada* — Ora porque não hão de vocês fallar em coisas socegadas e boas, em logar de estarem sempre em questões?

**Vicencia** — E tu porque não has de guardar os teus discursos só para ti?

**Egas,** *zangado* — Bem, bem. Já vejo que estas eternas discussões não acabam sem haver barulho. Pagarei aqui, e agora mesmo, as contas que devo ao Lopo e ao Roque. Mas com uma condição: promettam-me todos, debaixo de palavra de honra, que nunca mais haverá questões entre nós. Então aceitam?

**Eugenia** — Sim, sim! Que boa lembrança!

**Lopo,** *com mau modo* — Aceito, dou a minha palavra de honra.

**Dulce** — E se podessemos combinar isso tudo sem pancadas.

**Egas** — Não póde ser de maneira nenhuma, irmãsinha. Só ficando toda a gente com o direito de me chamar cobarde e medroso.

**Dulce,** *com animação* — Oh! não, isso não!

O Egas começou a despir o casaco para ter os movimentos mais livres.

**Luiza** — Egas, Egas, espera mais uns diasinhos! Tens o braço tão doente!

**Egas,** *rindo.*— Jesus! parece que vou ter um duello! Isto não é nada. Verás como eu dou uma lição a estes dois rapazes e n'um momento.

**Diogo** — Dois! Vaes bater-te com os dois? E com o teu braço n'esse estado?

**Egas** — Vou. O que tem isso de tão extraordinario?

O Diogo não respondeu, mas tirou tambem o casaco, arregaçou as mangas da camisa e collocou-se ao lado do Egas.

Todos applaudiram aquella prova de bondade e de valentia; mesmo os amigos do Lopo.

Este e o Roque já estavam defronte dos seus adversarios, promptos para a lucta.

—Não se cheguem tanto para os combatentes, gritou o Braz.

—Sentem-se todos aqui, á sombra. As meninas adiante, assim. Vê? agora parecemos umas *pessoas de peso* no camarote de um theatro, hein?

Riram todos menos a Dulce que estava triste por causa do irmão.

—Então, vamos a isto! disse o Egas.

Começou a lucta.

Durante alguns minutos houve bordoada bravia. Murros, bofetões, pontapés, encontrões, emfim, pancada de todo o feitio.

Nenhum cahira ainda. Egas, com uma ligeireza incrivel, conseguira livrar sempre o seu braço doente. O Diogo batia furiosamente, mas ás cegas, sem se defender, por isso começava já a estar moido.

O espertalhão do Lopo tratava de atacar os seus adversarios pelas pernas para os fazer cahir. O Roque era o mais bruto de todos; não se tirava do seu logar, mas aquelle que se chegasse, apanhava murro de meia noite.

Como aquillo se demorava, o Lopo, querendo acabar por uma vez, curvou-se e correu direito ao Egas com tenção de lhe dar nas curvas das pernas

uma pancada que o fizesse ajoelhar. Mas este, com um movimento rapido, passou-lhe o seu braço livre á roda do corpo e, apertando-o contra si, levantou-o ao ar.

— Bravo! Bravo! gritaram todos.

O Lopo, desesperado, começou a esbracejar furiosamente, e, sem querer, deu um murro mesmo na ferida do Egas.

Immediatamente este empallideceu terrivelmente e cahiu, levando comsigo o Lopo.

As creanças cercaram os quatro rapazes.

**Dulce,** *muito afflicta* — Egas, Egas, doe-te muito?

**Egas,** *levantando-se* — Não é nada, irmãsinha; n'aquelle momento vi as estrellas, mas agora já passou.

Não era verdade. Com a pancada a ferida tornára a abrir-se e o pobre Egas soffria immenso.

O Lopo chegou-se a elle, envergonhado, e disse-lhe:

— Ês um valente e um bom rapaz. Vejo agora como fui injusto comtigo. Perdôa-me, sim?

**Egas,** *apertando-lhe a mão* — Se queres que te diga, meu luctador, nem já me lembro do que tenho a perdoar.

**Lopo** — Escuta, Egas; se eu tivesse batido no

teu braço de proposito, era um cobarde. Não quero que penses isso de mim; juro-te que foi sem querer.

**Egas** — Acredito no que me dizes, meu querido Lopo. Mas... agora não se falla mais em tal, não é verdade? E depois o...

**Lopo,** *afflicto* — Meu Deus! que é isso? O que tens tu, Egas?

A dôr vencera afinal o corajoso rapaz; encostou-se desfallecido ao hombro do Lopo.

N'isto aproximava-se a marqueza que andava passeiando com algumas outras pessoas. Vendo o filho, correu para elle toda assustada.

— O que é isto? o que é isto? dizia ella.

Nenhuma creança fallava, porque nenhuma queria accusar o Lopo.

Então a marqueza arregaçou a manga esquerda do Egas e descobriu a ferida de novo aberta e toda ensanguentada.

— Como aconteceu isto, Dulce? perguntou ella muito apoquentada.

A Dulce não respondia.

Então o Lopo, adiantando-se de chapéo na mão, corajoso explicou tudo como se tinha passado, e no fim disse:

— Senhora marqueza, como v. exc.ª vê, eu é que tive a culpa. Embirrava com o Egas por elle

ter mais força e ser melhor do que eu. Mas hoje, minha senhora, juro-lhe que aprendi a gostar d'elle devéras.

A excellente senhora deu-lhe um beijo e fez grandes elogios á sua lealdade.

Por esse dia acabaram-se as brincadeiras.

E d'ahi por diante nunca mais houve brigas nem questões no *parc* da Luiza.

## CAPITULO VII

### Merenda no pinhal. —O Lobo Negro

D'ahi a dias a Luiza recebeu esta carta:

«Minha querida.

«Chegámos hontem de Lisboa. O Egas está convalescente, mas ainda muito fraco para poder correr e saltar como d'antes. Por isso te pedimos o favor de vires passar comnosco a tarde de ámanhã. Convidámos a Maria, a Alda, o Rodrigo, a Eugenia e o Lopo.

«Iremos socegadamente passeiar para o pinhal e teremos uma bella merenda de pão de milho, queijo fresco, mel e boleima.

«Esperamos que tu não faltes e tragas a miss Arabella, a quem mandamos muitas saudades.

«Abraça-te a tua verdadeira amiga

*Dulce.*»

Contentissima ficou a Luiza com este convite por vêr que o Egas estava realmente melhor e tambem pelo prazer que antevia no projectado passeio ao pinhal.

Foi logo mostrar a carta á ingleza e no dia seguinte, á uma hora, sahiam ambas n'uma caleche muito elegante, a quatro soltas, em direcção ao castello da marqueza.

Quando chegaram, já lá estavam os outros convidados, que, juntamente com os donos da casa, vieram recebel-as ao patamar da escada.

**Luiza** — Os dias que a senhora marqueza esteve em Lisboa pareceram-me bem compridos. E depois andavamos todos com bastante cuidado no braço do pobre Egas, e nem tinhamos vontade de brincar. Não é verdade, Lopo?

**Lopo** — É, sim. Este maganão teve artes de se agarrar aos nossos corações de maneira que não ha quem o tire de lá.

**Dulce** — Ora, tu és muito bom, Lopo!

— Olhem, olhem! disse o Egas. Ahi vem um burro com a nossa merenda, e tambem já aqui está a Urraca. Podemos partir, não é verdade, minha mãe?

**A marqueza** — Podem, podem. Desejo que se divirtam e que tenham juizo.

Sahiram, seguidos pela miss Arabella e pela Urraca, uma aia muito antiga na casa dos Abreus e companheira constante dos pequenos nos seus passeios pelos arredores.

Passaram no pinhal duas horas felizes, jogando jogos de prendas e conversando. Depois da merenda, a Dulce lembrou-se de pedir á Urraca para lhes contar uma historia.

**Urraca** — A menina tem ideias! Eu sei lá historias!

**Luiza** — Sabe, sabe; eu tenho ouvido a Dulce dizer muitas vezes que a senhora Urraca as conta lindamente.

**Urraca,** *rindo* — Já as contei, já, minha menina. Mas isso foi no meu tempo de rapariga. Sou velha agora, e as ideias que tenho na cabeça estão todas embrulhadas.

**Alda** — Ai, não diga isso, senhora Urraca! Ainda no outro dia nos contou uma historia tão bonita!

**Arabella** — Mim pedir a você muito para dizer conto. Mim gostar em excesso de contos portuguezes. Mim quando ser pobre minino inglez piquinino

ter um mestra muito dôce, *very!* que saber contar contos lindas. Mas, apesar d'isto, mim gostar mais do que ouvo contar na lingua portugueza, *indeed, my dears!*

Egas, *rindo* — Vês Urraca, não ha mais remedio do que fazer a vontade á miss Arabella!...

Ora a verdade é que a boa mulher, gostando muito que lhe pedissem contos, tinha a exquisitice de se fazer rogada.

Depois de repetir que já era velha, e que não dizia coisa com coisa, sentou-se na relva, apurou a garganta e principiou assim:

— Lá para as bandas d'onde o sol se levanta, havia uma vez um rei tão mau e tão feio que mettia medo a todos aquelles que o viam. Era muito alto, magro e trigueiro; tinha uns grandes olhos pretos, que de noite faiscavam como se fossem brazas.

Este rei era casado com uma pobre princeza meiga, boa e linda, linda... A lua e as estrellas morriam de inveja, quando a viam passeiar pelos jardins do palacio, com o seu grande manto de sêda bordado a pedras preciosas cahindo-lhe dos hombros e arrastando pelo chão atraz d'ella...

A princeza, coitadinha! soffria immenso. Só ella e Deus sabiam quantas lagrimas os seus lindos olhos tinham chorado, desde que se via fechada n'aquelle castello com um senhor tão feio e tão mau, que lhe amargurava a vida inteira.

Porque ella tinha-lhe dado o seu amor, áquelle lobo, e por isso gostava d'elle muito e muito. Tanto, meus queridos meninos, que teria sacrificado a sua vida, se preciso fosse, para elle se tornar melhor. E durante aquellas noites, em que a lua e as estrellas a viam pelos jardins do palacio como uma alma penada, andava ella de mãos erguidas a chorar pedindo a Deus que a escutasse: que désse ao marido um coração de gente, que ás horas da morte lhe abrisse as portas do céo.

Mas o rei não tinha emenda. Embebedava-se, jogava, batia na mulher. Mettia-se em barulhos e em desordens, d'onde voltava sempre com o seu punhal tinto de sangue.

Cada dia o tornava mais feio, mais magro, mais escuro; cada noite lhe dava maior brilho ás faiscas dos olhos.

O povo chamava-lhe o Lobo Negro e todos tremiam diante do seu medonho aspecto.

Uma tarde, ao escurecer, cavalgava elle pelos campos, a toda a brida, n'um cavallo doudo. Os cabellos muito compridos voavam-lhe com o vento; ia curvado, com as unhas fincadas nas redeas, as esporas lavrando a barriga do animal e com uma cara feroz, cruel... Assim de repente, parecia mesmo Satanaz em pessoa, com licença dos meus meninos.

No seu caminho encontrou uma creancinha loura, que andava a guardar borrêgos.

— Afasta-te! gritou elle.

E como a creança, assustada, não sabia para onde fugir, o Lobo Negro, furioso, atirou-lhe o cavallo para cima e matou-a.

O pae da pequenina era afilhado de uma fada poderosa. Quando elle viu a filha morta, tirou-se dos seus cuidados e foi ter com a madrinha.

—Olhe lá, madrinha, eu venho pedir-lhe um favor. O Lobo Negro matou a filha querida do meu coração e eu quero que vocemecê o castigue.

—Como queres tu que eu o castigue, disse a fada, se eu o não posso matar.

—Então mate-lhe a filha, como elle matou a minha!

—Não posso matar-lhe a filha, porque elle a não tem.

—Com seiscentos... macacos, madrinha! Mate-lhe a mulher.

—E de que servia isso se elle não gosta d'ella?

—Credo! disse o homem limpando o suor da testa com as costas da mão. Nem já sei o que hei de inventar. Olhe, tire-lhe o poder e a riqueza; talvez soffra com isso aquella alma peçonhenta.

—Que lembrança a tua, homem! Bem se ralava elle com tal! Ia roubar para as estradas e ainda se divertia mais do que até agora!...

—Então... então... ora espere... ah! Que boa ideia, madrinha! Mude-o n'um bicho qualquer, nojento e feio, e que todos o tratem tão mal como elle até agora tem tratado a pobre gente.

A fada poz-se a considerar e afinal disse:

—Está bem. Pelo condão d'esta varinha de ouro, transformo o Lobo Negro—alma fria e má, que mette horror—n'um lobo verdadeiro que passe a sua vida miseravel nas terras do gêlo. Terá sempre frio, terá sempre fome; não poderá gozar um momento de paz.

Quando ella acabou de fallar, o homem agradeceu-lhe e, encaixando o carapuço na cabeça, metteu-se a caminho de casa.

Já era tarde; muito tarde. Talvez mais de meia noite.

No céo, uma lua clarissima illuminando os campos.

De subito o homem ouviu uma voz dôce e triste que dizia:

—Senhor... ai, meu senhor! Abandonastes-me afinal! E eu... eu que vos amo tanto!

O homem voltou-se. Por entre as arvores topou com um vulto de mulher, de cabellos côr do ouro, e com um manto real, todo de sêda, a arrastar atraz d'ella...

—É a nossa rainha, disse elle comsigo. É a nossa rainha...

E parou.

—Quem está ahi? perguntou ella encostando-se a um tronco, assustada.

—Senhora... um pobre trabalhador d'enxada, servo muito humilde de Vossa Senhoria.

—Viste o rei no teu caminho? Ia com uma capa côr de fogo e montado n'um cavallo negro galopando... galopando... Viste?

—O rei... ah! saiba Vossa Senhoria que o rei a estas horas está mudado n'um lobo miseravel, lá longe, longe, nas terras do gelo!...

E o homem encolheu os hombros, continuando no seu caminho.

—O meu senhor... o meu senhor!... dizia a pobre rainha chorando todas as lagrimas dos seus olhos lindos á luz da lua e das estrellas...

Não voltou para o palacio. No dia seguinte, os guardas da matta acharam entre duas moitas, o seu rico manto real todo estragado pelo orvalho da noite.

**Dulce**—E para onde foi a princeza, coitadinha?

**Rodrigo**—Naturalmente foi procurar o marido.

**Luiza**—Isso podia lá ser! Pois ella, tendo um palacio real e sendo uma rainha tão poderosa, havia de abandonar assim tudo para ir atraz do marido, que de mais a mais era um monstro?

**Urraca**—O menino Rodrigo foi quem adivinhou. A pobre princeza ia procurar o marido, a quem ella dera o seu grande amor. Deixou as suas

riquezas, deixou os seus trajos, deixou tudo quanto possuia e abalou.

Por montes e valles, de noite e de dia, passando frio e fome e toda a qualidade de miserias, a rainha caminhava sem descanço.

Mas infelizmente, meus queridos meninos, não havia n'aquelle tempo mestres que ensinassem geographia ás princezas, e por isso a desgraçada rainha andava sem saber por onde e era provavel que não chegasse nunca ao fim da sua triste jornada, se não fosse uma coisa muito de espantar, que lhe aconteceu.

A tal fada, que mudára o Lobo Negro n'um lobo verdadeiro, quando viu os soffrimentos da sua pobre mulher, arrependeu-se do que fizera e foi pedir licença á rainha das fadas para quebrar o encanto que tinha deitado sobre o rei.

Esta respondeu-lhe:

— Podes quebrar o encanto com a condição de que a rainha, pelos seus soffrimentos e pela sua constante virtude, consiga o arrependimento do Lobo Negro.

A fada então vestiu-se de frade e um bello dia appareceu n'uma estrada á infeliz peregrina.

— Onde vaes tu, minha filha? perguntou ella fazendo uma voz muito grossa para fingir a falla de um velho.

— Ora!... disse a princeza já tão moida e tão magra que nem parecia a mesma. Ora, meu pae, ando n'uma jornada triste e sem esperança!

E começou a chorar.

O frade fel-a sentar n'uma pedra á beira do caminho e disse-lhe com muita brandura:

— O que é isso, minha filha? Conta-me tudo. Vê... sou um frade velho e olha que te quero bem.

Então, a desolada rainha, encostando a cabeça ao hombro do frade, contou-lhe a sua vida inteira.

— Escuta, murmurou elle no fim. E se eu te dissesse que a terra do gelo está perto e que duas leguas só te separam do teu marido?

— Isso como póde ser, meu pae, se inda agora um sabio, que encontrei, me disse que, para lá chegar, precisava de atravessar o mar?

— Acredita no que eu te digo, tornou o velho, e deixa lá o resto. Volta á direita e vai sempre andando. No fim da tarde encontras o teu marido. Mas isto é com a condição de nunca, nunca olhares para traz, oiças o que ouvires, aconteça o que acontecer. Se uma unica vez te voltares, estás perdida; perderás para sempre teu senhor. Agora outra coisa ainda, filha. Elle está mudado n'um lobo; um lobo temivel que não come ha tres dias. Se, quando o vires, mostrares o mais pequeno receio, elle espatifa-te. Mas se tiveres bastante coragem, asseguro-te eu que serás muito e muito feliz... Faz-se tarde... accrescentou elle olhando para o céo, nada mais te posso dizer. Adeus!

A rainha estivera de olhos baixos escutando aquellas recommendações todas. Quando os levantou, já não viu o frade.

— Este velho, pensou ella, é algum espirito bom, que deseja a minha felicidade. Ai, do fundo do coração lhe agradeço!

A fada então vestiu-se de frade e um bello dia appareceu n'uma estrada á infeliz peregrina

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Era tão grande o seu desejo de encontrar-se com o rei, que, apesar de cançada, principiou de novo a sua jornada.

Á direita, estendia-se um carreiro talhado na rocha. Entrou n'elle. As pedras agudas feriam-lhe os pés, e, fatigada como estava e doente, aquelle caminho parecia-lhe eterno.

De subito sentiu um barulho de ensurdecer, como se um comboyo viesse atraz d'ella.

Ia para voltar-se, quando as palavras do frade lhe vieram á memoria.

—Tola, tola, tola! gritou uma voz esganiçada. Não percebe que leva trinta mil demonios atraz de si!

—E tão nova e bonita, deixou o seu castello e as suas riquezas!... dizia outra voz grossa e rouca. E para quê?

—Para cahir n'estes fossos, n'estas covas medonhas que nós cavamos para quando ella voltar!

—Ah! ah! ah! com que prazer o patife do marido a vai papar!

—Se ella nos visse, talvez voltasse... Tola, tola, tola! vaes no caminho do inferno!

E era um barulho terrivel de guizos, de campainhas, de trovões, de passos...

—Ah! ah! ah! Palerma! Tonta! olha para nós! diziam todas as vozes a um tempo.

Com as mãos nos ouvidos, atordoada, a princeza continuava andando sem se voltar. E as pedras agudas esfarrapavam-lhe os pés e os joelhos; e as silvas arranhavam-lhe a cara e os braços todos ensanguentados!...

**Luiza** — Ah! deixe-nos respirar, senhora Urraca! Este conto faz faltar o ar. Eu tinha-me voltado dêsse lá por onde dêsse!

**Eugenia** — E eu tambem! Demais a mais, tantos soffrimentos pelo pespego do marido, que era um lobo!

**Dulce** — Mas o que tem isso? Ella gostava tanto d'elle!

**Alda** — Eu já vi um lobo. Não é tão feio como isso, tambem...

**Maria** — Que ideia, Alda! onde é que tu viste um lobo!

**Alda** — Vi um lobo, vi, sim senhora; era azul e encarnado, e estava a comer um urso. Tinha a bocca muito aberta, mas apesar d'isso, não era assim tão feio como vocês pensam.

**Rodrigo** — Alda, não diga petas! A menina não póde ter visto um lobo azul e encarnado.

**Alda,** *zangada* — Pois vi, vi, vi! E estava uma rapariga ao pé d'elle a puxar-lhe pelo rabo para salvar o urso...

**Eugenia,** *rindo* — E onde viste tu isso? Diz-me, que eu tambem quero vêr.

**Alda** — Pois vai ao livro verde, que está na mesa da sala, e logo verás.

**Maria,** *rindo* — Então foi n'um livro que tu viste o lobo?

**Alda** — Eu, cá por mim, acho que é a mesma coisa do que vêl-o devéras.

**Egas,** *rindo* — Que descoberta, Alda!

**Rodrigo** — Vá lá, senhora Urraca, diga-nos o resto se faz favor.

**Urraca** — Afinal, ao morrer da tarde, a pobre rainha chegou a uma planicie enorme toda coberta de gelo.

Percebeu que era o fim da jornada, e, com as forças perdidas, deixou-se cahir no chão, sem sentidos.

Quando voltou a si, a lua ia alta e reflectia-se no gelo, como n'um espelho immenso.

Transida de medo por se encontrar n'aquella solidão, olhou á roda de si. Viu um grande lobo, lazarento, cheio de feridas e magro, magro... mas nos olhos tinha um brilho que ella conheceu logo.

Atraz d'elle vinham mais de mil, talvez; muito chegados uns aos outros, traçando no gelo transparente uma linha negra, que parecia não ter fim.

A princeza levantou-se tremula, quasi morta de susto; mas, lembrando-se do que lhe dissera o frade, encheu-se de coragem e foi direita ao seu desgraçadissimo senhor.

—Fugistes para bem longe; apesar d'isso, consegui descobrir-vos!

No olhar mau do lobo sarnento leu ella o mais profundo espanto.

Os outros rodeavam-n'a uivando.

Ella, coitadinha, sentia nas veias o sangue gelado de puro terror; mas, cruzando os braços, sorriu socegadamente.

—De dia e de noite tenho andado, senhor, continuou ella d'ahi a bocado. Trago os pés e os joelhos feridos das pedras do caminho e estou cançada... só eu sei! Apesar de tudo... louvado seja Deus!

O lobo olhou para os pés ensanguentados da rainha, agora tão abatida e differente do que era.

Da sua garganta de bicho sahiu uma voz rouca e feia.

—Louvado seja Deus porquê, desgraçada? Por me veres n'este lindo estado? Agradeço-te!

—Louvado seja Deus, senhor, porque vos encontrei afinal. Ha dois annos que vos procuro em vão, sempre em vão! Ha dois annos que venho passando pela miseria mais negra, animada só pela

esperança de vos achar um dia! Emquanto fostes homem nunca me atrevi a dizer-vos quanto vos amava; mas agora, senhor, que sois um bicho nojento, hei de tratar-vos tão bem, hei de fazer tantas diligencias de melhorar o vosso destino, que talvez consiga merecer um bocadinho do vosso coração!

O lobo deixou-se cahir por terra gemendo e chorando, que era mesmo uma dôr d'alma ouvil-o.

—Porque não me deixaste para sempre abandonado n'esta solidão? Desde que te vejo, vêm-me arrependimentos e remorsos qne matam... Ai, dôce e querida mulher, que eu nunca soube apreciar!

Mal elle disse estas palavras, succedeu uma coisa extraordinaria.

Desappareceram os lobos todos e a planicie e o gelo.

O rei e a rainha acharam-se n'uma das salas do palacio muito bem sentados no throno a conversar, cercados pela sua brilhante côrte.

O Lobo Negro era outra vez homem; mas não feio e mau como antigamente. A sua mulher conseguira tornal-o bom á força de coragem, de constancia e de amor.

Desde esse dia não houve em toda a terra um rei mais humano, generoso e justiceiro do que o Lobo Negro.

E quando a feliz princeza passeiava de noite pelos jardins do palacio, de braço dado com o seu

abençoado senhor, a lua e as estrellas, lá no céo, encantadas, riam-se para elles.

**Arabella** — E o que dizer mininos a esta conto?

**Eugenia** — Eu digo que é lindissimo, mas um pouco triste.

**Rodrigo** — Não acho isso um defeito. Eu gosto de historias assim.

**Egas** — E d'ahi, acaba tão bem.

**Luiza** — Ha muito tempo que não passo uma tarde tão feliz!

**Dulce** — Eu tambem. E como a Urraca foi quem nos deu este prazer, vamos dar um viva em sua honra.

**Rodrigo,** *gritando* — Viva a senhora Urraca!
— Viva, vivá! repetiram todos.

Quando chegou a hora da separação, a Luiza veio para o seu palacio toda entregue a bons pensamentos.

## CAPITULO VIII

### Visita da Fada Tentadora. —Um encontro inesperado

A Luiza não contára a sua historia a pessoa alguma (a não ser á miss Arabella), com receio de que a censurassem pela sua maldade e pela ambição, á qual sacrificára sem dó a amizade do pobre Barnabé.

Mas pouco a pouco ia reconhecendo melhor o seu egoismo; os remorsos começavam a apoquental-a.

Pesava-lhe tanto dinheiro e tanta grandeza. Ás vezes chorava de arrependida

Uma tarde, éstando ella no seu quarto, todas estas ideias lhe vieram com mais força do que nunca.

—Ai! pensava ella, se a Dulce e o Egas e outros soubessem como eu fui má para o meu querido Barnabé! Se soubessem como fui ingrata!... o que fariam elles? o que diriam? Sinto-me melhor desde que os conheço... Mas soffro com remorsos e arrependimentos...

—Truz, truz, truz... bateram á porta do quarto.

A Luiza levantou-se e foi abrir imaginando que era a miss Arabella.

Qual não foi o seu espanto quando, á luz fraca do dia que se acabava, viu entrar uma velhinha alcachinada, muito humilde, embrulhada n'uma capa cinzenta.

—Faça-me o favor de fechar a porta á chave, minha menina... disse ella com uma voz tremida.

A pequena, espantada, obedeceu-lhe quasi sem saber o que fazia. Assim que a velhinha viu a porta fechada, endireitou-se, arremessou o manto por ahi além, e n'um abrir e fechar d'olhos ficou mudada n'uma rapariga fresca e linda como um botão de rosa, toda vestida de branco, descalça e com uns cabellos de ouro enormes, que lhe cahiam pelas costas abaixo até ao chão.

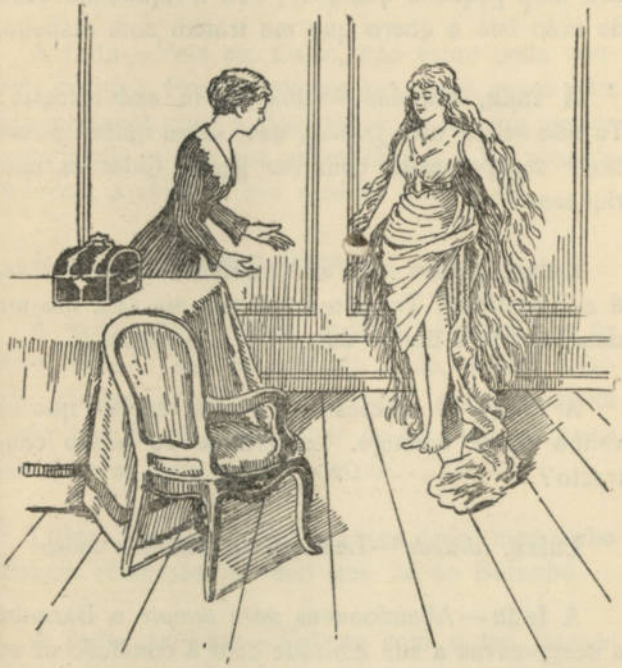
Esteve um bocadinho parada a olhar para a Luiza; depois, atirou-se para cima de uma poltrona, deitou a cabeça para traz e poz-se a rir, a rir, com umas gargalhadas crystallinas, que enchiam o quarto até ao tecto.

A Luiza, diante d'ella, immovel, de bocca aberta e braços cahidos, parecia de pedra.

—Como tu és pateta! exclamou a rapariga afinal, encostando-se ao braço da cadeira. Como tu és pateta!

**Luiza**—Pensa que não tenho razão de me espantar, vendo entrar pela minha casa dentro uma

velha corcovada que se muda n'uma rapariga desempenada e que no fim de contas começa a rir



... n'um abrir e fechar d'olhos, ficou mudada n'uma rapariga fresca e linda...

como doida e a chamar-me nomes feios sem mais nem menos?

**A rapariga** — Pela tua maneira de fallar, Luiza, desconfio que já não me conheces. Olha bem para mim!

**Luiza** — Não sou tão parva como me julga, senhora fada, e bem a conheço. Mas eu agora não sou uma pequena qualquer; sou a riquissima dona de tudo isto e quero que me tratem com respeito.

**A fada,** *troçando* — Olha lá, tu endoideceste? Tu não sabes, meu *fedelho,* que, se eu quizer, posso fazer desapparecer, com um gesto, todas as tuas riquezas?

**Luiza,** *furiosa* — Á sua vontade, senhora fada, á sua vontade! Tirando-me o que me deu, tira-me uma tristeza e dá-me outra vez o Barnabé...

**A fada** — É exactamente a esse respeito que eu venho fallar comtigo. Lembras-te do nosso contracto?

**Luiza,** *córando* — Lembro-me, senhora fada.

**A fada** — Abandonavas *para sempre* o Barnabé e desprezavas a sua amizade com a condição de eu te dar uma grande riqueza. Era isto ou não era?

**Luiza,** *atrapalhada* — Era, era, senhora fada.

**A fada** — Parece-te que cumpri a minha palavra? Achas que tens tudo quanto eu te prometti?

**Luiza** — Tenho... com certeza... senhora fada.

**A fada** — Então estás contente commigo?

**Luiza** — Muito... muito...

**A fada** — Pois eu, Luiza, não estou nada contente comtigo. Prometteste-me que *nunca, nunca* mais te importavas com o Barnabé e eu sei que pensas muito n'elle e que por vezes chegas a ter vontade de tornar a vêl-o. É isto verdade ou não é?

A Luiza começou a chorar.

**A fada** — Não chores, maluca! Porque has de estar triste? Tens um palacio lindo, muitos creados, muitos cavallos, um jardim como ninguem n'este mundo se póde gabar de ter; tens dinheiro para fazeres tudo quanto queiras...

**Luiza,** *chorando* — Ai! senhora fada! mas tenho tambem remorsos do mal que fiz ao Barnabé...

**A fada,** *zangada* — Cala-te com o teu Barnabé!... Vivias pobremente, passavas a vida invejando os ricos e agora que és riquissima ainda te queixas?! Palavra, que me vai faltando a paciencia!

**Luiza** — É tão triste a gente saber que é má...

**A fada** — Ora!... deixa lá fallar o Egas e a Dulce! Chega-te mais para a Vicencia, para a Carmo,

para o Roque e para os ratões de Cabo Verde e verás como te passam as tristezas!

**Luiza,** *timidamente* — A senhora marqueza tem sido tão boa para mim e elles todos...

**A fada** — Não te faças parva! Dá attenção ao que vou dizer-te: se não mudas de maneira de pensar e se continuas a andar triste por causa do pespego do Barnabé, eu dou um assopro no teu dinheiro, no teu palacio, em tudo que é teu e... ficas como d'antes.

**Luiza,** *assustada* — Oh! não! isso não, senhora fada! Vou... vou tratar de me distrahir e de não pensar no que já lá vai.

**A fada** — Vejo, com alegria, que te volta o juizo

**Luiza** — Pensa que não custa uma pessoa perder assim tudo quanto... possue?

**A fada,** *acariciando-a* — Tens razão! És uma rapariga ás direitas e... eu gosto de ti. Por isso te avisei a tempo. Mas... agora deixo-te, que já é tarde como a bréca. Adeus, amor!

**Luiza,** *agarrando-a pelo fato* — Senhora fada! eu queria perguntar-lhe uma coisa...

**A fada,** *voltando-se* — O que é?

**Luiza** — N'este mundo... o que faz a senhora? Tem obrigações? Está sempre com tanta pressa!...

**A fada,** *rindo* — Tontinha! o meu trabalho n'este mundo é enorme! Imagina: obrigar toda a gente a fazer o que não deve... Pois tu não sabes o meu nome? Ah! ah! ah! Sou a Fada Tentadora, Luiza! Sou a Fada Tentadora!...

De repente ficou séria, alcachinou-se, fez-se-lhe a cara feia, enrugada, e, embrulhando-se na sua capa, murmurou muito humilde:

— Abra-me a porta, minha menina, se faz favor.

A Luiza assim fez. Acompanhou-a até á escada, e, encontrando ahi um escudeiro, disse-lhe:

— Vá com esta mulher até á porta da Lua, e tome sentido que os cães não lhe mordam.

No dia seguinte, a Luiza querendo matar pensamentos tristes, convidou os seus amigos para uma grande cavalhada seguida de um esplendido *lunch* no palacio. Os Abreus foram os primeiros a chegar.

**Luiza** — Muito bons dias. Então vêm dispostos a galopar por esses campos fóra?

**Egas** — Decerto, Luiza, e da melhor vontade.

**Luiza** — Não lhes parece que vai ser um dia bem passado?

**Dulce** — Temos a certeza d'isso. Mas toma sentido, dá-me um cavallo muito manso porque eu não sei montar bem...

Iam chegando os outros convidados.

**Dulce,** *baixo a Luiza* — Para que convidaste os Ipecacuanha? Sabes que embirram com elles.

**Luiza** — E o que tenho eu com isso, não me dirás?

**Dulce** — Podem fazer-lhes alguma partida, como da outra vez.

**Luiza,** *com mau modo* — Pois que lh'a façam! Que m'importa?

**Dulce,** *admirada* — Estás zangada commigo, Luiza?

**Luiza** — Eu?! Não tinha mais que fazer!

E voltando-lhe as costas foi conversar com a Andrégina.

D'ahi a bocado entravam no largo trinta pala-

freneiros conduzindo soberbos cavallos esplendidamente ajaezados.

Os pequenos desceram as escadarias correndo.

**Roque** — Sim senhora, Luiza! Tens aqui uns cavallos magnificos!

**Luiza** — Ora! tu és muito amavel!

**Egas** — Sobretudo aquelle preto é um encanto, não achas, Diogo?

**Diogo** — Tens razão. Olha a cabeça, que bonita!

**Luiza** — Alda, venha cá; a menina tem alli um poney muito manso, que eu escolhi para si.

**Eugenia**—Eu quero aquelle. Parece-se um pouco com o Cupertino e por força ha de correr immenso!

**Dulce,** *rindo* — Ai, que Eugenia!

**Vicencia** — Eu quero o branco, que é o mais gordo.

**Luiza** — Vamos embora! olhem que depois faz-se muito tarde.

Todos montaram e partiram a trote. Atraz d'elles seguiram os escudeiros.

A manhã estava fresca e linda, e os cavalleiros iam cheios de alegria.

Que trotadas e galopadas! Que saltos!

Divertiram-se tanto e tanto, que nem vos posso contar.

Mas, á sahida de um pinhal, a Luiza, que ia na frente, entre o Roque e Andrégina, viu, encostado a uma arvore, um rapaz alto, com os cabellos lisos e compridos, quasi brancos. Trazia umas botas grandes, rotas e um chapéo desabado, todo deitado para traz. O seu casaco, já velho, tinha as mangas muito curtas, que lhe deixavam a descoberto os pulsos e as mãos claras e esguias como as de uma senhora.

A cara não era feia, mas tão pallida, tão magra, tão triste!

A Luiza parou na sua carreira e ficou suspensa a olhar para elle. Não sabia o que havia de fazer.

O seu coração dizia-lhe:

— Apeia-te, vai ter com elle e de joelhos, diante de todos, pede-lhe perdão! Sacrifica a tua riqueza. O que é ella comparada com a amizade santa do teu irmão!

Mas a voz da fada murmurava-lhe ao ouvido:

— Finge que o não conheces. Foge d'elle, despreza-o! Perderes a tua riqueza assim!... que tolice!... Se por um instante só tens dó d'elle, eu arraso o teu palacio!

Tudo isto durou talvez dez segundos. As creanças olhavam para a Luiza, espantadas da afflicção que lhe viam na cara.

De subito o rapaz foi direito a ella e, deitando a mão á redea do cavallo, exclamou:

—Luiza! Luiza! És tu? Eu estarei doido?!

Ella fez-se vermelha como um pimentão e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas. Mas depressa se conteve; voltando-se para elle, muito séria, disse-lhe:

—Quem és tu? O que me queres?

**O rapaz**—Luiza! não me conheces? Oh! meu Deus, meu Deus, já não me conhece!... Luiza, olha bem para mim!

**Luiza**—Como queres que eu conheça um esfarrapado? Não tinha eu mais nada que fazer do que travar relações com toda a pobreza da visinhança.

E poz-se a rir.

**O rapaz**—Luiza, tu bem sabes quem eu sou. Pelo amor de Deus, não desprezes assim o teu irmão!

**Luiza,** *córando*—Eu nunca tive irmãos. Atrevido!

**Barnabé**—Atrevido... eu?! Ah! minha irmã...

A Luiza tocou com a ponta do chicote na anca

do seu cavallo, que teria partido immediatamente, se não fosse o Barnabé segural-o com força.

**Barnabé** — Não saes d'aqui sem eu te deixar, não! Has de escutar-me até ao fim! Depois do teu desapparecimento, estive á morte com uma terrivel doença que não me queria largar. Quando pude voltar ao escriptorio onde estava empregado, já lá tinham outro no meu logar. Tenho passado desde então uma vida desgraçada, pedindo trabalho de porta em porta. Tenho aprendido a soffrer... Depois, a tristeza immensa de te julgar morta!... Ah! mas eu antes queria vêr-te morta do que sem coração! Antes queria vêr-te morta do que assim estragada pela riqueza, do que sem brio como te vejo agora!...

A Luiza quiz rir, mas não pôde, porque tinha a garganta apertada quasi a ponto de não poder fallar, e os olhos cheios de lagrimas.

Tal era, porém, o amor que ella tinha ao poder e ao dinheiro, que, vencendo-se, conseguiu dizer:

— Está bebado, este rapaz! Roque, chama os escudeiros para o levarem d'aqui!

Mas n'isto o Barnabé, dando um puxão ao freio do cavallo que se levantou nas pernas, gritou:

— E tambem te digo, Luiza, que me envergonho de ser teu irmão!

E, encaixando o chapéo pela cabeça abaixo, abalou correndo.

N'esse instante, lá no Céo, o anjo bom da Luiza deixou-se cahir aos pés do Senhor e, chorando muito, exclamou:

— Ai, meu Deus, meu Deus! tem dó d'aquella pobre creança, compadece-te d'ella, não a abandones assim!

Todos cercaram a Luiza.

**Rodrigo** — Tu conheces este rapaz?

**Diogo** — Porque te chama elle irmã?

**Dulce** — Tem uma cara tão boa, tão sympathica!

**Lopo** — Sério, sério, Luiza, tu não o conhecias?

**Luiza,** *zangada* — Que ideia, Lopo! Eu conhecia lá um figurão d'aquelles!

**Andrégina,** *desdenhosa* — Merecia que o mandassem degredado para Africa.

**Luiza,** *com vivacidade* — Não sei porquê... Elle não te fez mal, tambem, para tu dizeres isso!

**Andrégina** — Ainda agora tão zangada e agora já o defendes?

**Luiza** — Eu não defendo pessoa alguma. Acho simplesmente asneira que tu falles com tanto desdem de um rapaz que...

**Joanninha** — Que é teu irmão.

**Luiza,** *furiosa* — Nunca vi uma pequena tão parva como a menina!

**Joanninha,** *indignada* — Ora essa! pois olha que muita gente diz que sou esperta.

**Eugenia** — Tu és uma patetinha por fazeres zangar assim a Luiza. Não vês que aquelle rapaz não póde ser irmão d'ella?

**Joanninha** — Porquê?

**Luiza,** *impaciente* — Que perguntas, Joanninha! Porquê?... porquê?... Que massadora tu estás!

**Pancracio** — Com tudo isso, não lhe respondeste...

**Eugenia,** *a Joanninha* — Não póde ser irmão de Luiza, porque é um rapaz da rua e ella uma menina muito rica; percebes?

**Joanninha** — Sim... sim... Não era preciso tantas explicações. Eu não me importo com isso.

**Roque,** *importante* — Era um atrevido! Acabou-se!

**Dulce** — Deixal-o... gostava de saber onde elle mora.

**Luiza** — Para quê?

**Dulce** — Para nada... gostava de conversar com elle.

**Pancracio,** *troçando* — Aquelle *senhor* deve ter uma conversação interessante!

**Dulce,** *com seriedade* — Não o digas brincando.

Pozeram-se de novo a caminho.

Mas, apesar de continuarem a rir e a conversar como d'antes, já não havia entre elles a mesma alegria. A Luiza, por mais diligencias que fizesse, não conseguia disfarçar a impressão enorme que lhe causára aquelle encontro. E isso dava assumpto para muitos ditinhos a meia voz entre os seus convidados...

Afinal chegaram ao palacio, onde os esperava um *lunch* delicioso, ao qual os cavalleiros souberam muito bem prestar as devidas honras.

— Então o que é isso? disse a marqueza olhando para elles. Desde que voltaram, acho-lhes uma seriedade que não tinham quando sahiram d'aqui. Estão cançados?

**Luiza,** *córando* — Não, minha senhora. Que eu saiba, estamos todos muito bem e tão alegres como esta manhã.

**Arabella** — Mim dizer como senhora marqueza. Mim ter desconfiações que acontecer algum lance a mininos no seu passeiata!

**Diogo,** *rindo* — Talvez seja por causa do *mano* da Luiza.

**Roque** — Nem a brincar deves dizer isso!... Um esfarrapado!

**Alda** — Elle não estava esfarrapado. Não sejas mentiroso.

**Arabella** — O quê? O quê dizer? Repetir depressa!

**A marqueza,** *rindo* — Que trapalhada é essa que vocês estão para ahi a inventar?

A Dulce agarrou-lhe no braço e disse-lhe ao ouvido:

— Não falle n'isso, minha mãe. Em casa eu lhe contarei tudo. Parece-me que é uma coisa muito séria.

A marqueza deu-lhe um beijo e, voltando-se para as outras senhoras, mudou de conversa.

N'essa noite, depois de todos se irem embora, a ingleza foi ter com a Luiza e perguntou-lhe:

—Você vêr Barnabé hoje? Mim não perceber.

A pequena, abatida pelas luctas que travára comsigo mesma durante o dia, teve vontade de se deitar ao pescoço da sua boa amiga e lhe contar tudo.

Mas, lembrando-se da ameaça da fada, disse com mau modo:

—Encontrei-o. Tive essa massada.

**Arabella,** *tristemente* —Oh! Luiza!

**Luiza,** *zangada* —Não diga: oh! Luiza! Isso ataca-me os nervos. Encontrei o Barnabé, mas fingi que o não conhecia e ri-me d'elle. Que m'importa? O que eu quero é conservar o meu palacio e o meu dinheiro. Boa noite.

A miss Arabella levantou os braços ao Céo e sahiu do quarto dizendo:

—Oh! Deus meu! Deus meu! Acuda a nós...

A Luiza foi-se deitar mas não conseguiu dormir. Passou a noite ás voltas na cama, sem descanço.

## CAPITULO IX

### Representação em casa dos Ipecacuanha.—Triste final

Mamãe, disse um dia a Andrégina, porque não havemos nós de dar uma funcção?

**A baroneza**—Para quê, minha filha? Isso dá tanta massada! Não te achas feliz? Estás triste?

**Andrégina**—Não é isso... Vejo que ninguem faz bastante caso de nós. Já que são tolos, queria dar uma funcção lindissima... A mamãe veria então como todos se fariam nossos amigos para apanharem convites!

**Anacleto,** *rindo*—Toleirona! Pensas que elles andam assim tão esfomeados de festas?

**Andrégina**—Penso sim. Ha gente que nunca se farta de divertimentos.

**Anacleto**—Como tu...

**Andrégina** — Exactamente. Como eu. Até que emfim disseste uma coisa acertada.

**Pancracio** — Ainda no outro dia houve uma festa linda em casa da Luiza. Os cavallos eram muito bons, os arreios riquissimos e o *lunch* soberbo. Para fazermos melhor figura do que ella ha de ser difficil.

— Difficil, mas não impossivel, meu rapaz, disse o pae entrando.

**Andrégina,** *abraçando-o* — Não é verdade, meu querido papae? Havemos de dar uma festa para todos verem que temos muito dinheiro e para aprenderem a respeitar-nos.

**O barão,** *importante* — Tens razão, filha. Eu já tinha pensado n'isso.

**Pancracio** — Ha de ser fresca a tal funcção!

**O barão** — Menino, esteja calado!

**Pancracio,** *com mau modo* — Estou vendo que a festa começa pela collocação d'uma rolha na minha bocca.

**O barão,** *gritando* — Se o menino é malcreado, vai já pela porta fóra com um pontapé!

**Pancracio** — Havia de ser bonito, sim senhor!

**A baroneza** — Não... não façam barulho... aborrece-me tanto!

**Andrégina** — Não te calarás, Pancracio! Nem se póde combinar...

A Zulmira, que estivera a um canto lendo, fingindo não se importar com a conversa, disse agora, quando ninguem esperava ouvir-lhe a voz:

— Eu proponho uma representação. Podemos convidar alguns pequenos para entrarem nas comedias comnosco.

**O barão** — Boa ideia!... Boa ideia!... Mandam-se vir uns armadores de Lisboa e arranja-se ahi um theatro de luxo, todo catita!

E o barão de Ipecacuanha entrou a passeiar de um lado para o outro, esfregando as mãos, todo contentinho.

**Andrégina** — E quando souberem o que se prepara aqui, então é que todos vão ser amaveis comnosco!

**Pancracio** — E se ninguem se importar com a representação, quem se ha de rir sou eu!

**Zulmira,** *atirando-lhe com o livro á cara* — Parvo! Estupido! Desmancha prazeres de uma figa!

**A baroneza** — Ai, não façam barulho, que me doe a cabeça!

**Pancracio,** *sahindo. desesperado* — Zulmira, anda cá, minha toleirona!

A Zulmira sahiu atraz d'elle, mas d'ahi a bocado tornou a entrar, muito vermelha, toda esgadelhada e furiosa.

— Mamãe! disse ella. O Pancracio bateu-me e puxou-me pelos cabellos!

**Pancracio,** *entrando com a cara arranhada* — Papae! A Zulmira arranhou-me e mordeu-me!

**Zulmira,** *chorando* — Não é verdade! Mentiroso!

**Pancracio,** *chorando* — Mentirosa é ella!

**A baroneza** — Vão-se embora, vão-se embora! Não posso com tanto barulho!... Ambrosio, deita-os fóra!

**O barão** — Rua, já! Ai... ai... ai!...

E correu atraz d'elles até á porta, gritando que os matava se não fugissem.

Dias depois a Luiza recebeu uma carta da Andrégina, convidando-a para tomar parte n'uma representação, que teria logar d'ahi a um mez.

Respondeu immediatamente, dizendo que aceitava, e logo no dia seguinte foi visitar os Ipecacuanha para receber o papel que havia de estudar.

Encontrou lá, além dos donos da casa, a Vicencia, a Carmo, a Eugenia, o Cupertino e o Roque.

As familias das outras creanças não as deixaram aceitar o convite, porque tinham juizo e sabiam que os Ipecacuanha, apesar de ricos, eram enfatuados e grosseiros.

**Andrégina** — Ainda bem que vieste, minha querida Luiza. Estavamos agora mesmo para te mandar chamar.

**Zulmira** — Estão os actores reunidos.

**Luiza** — Eu vim para agradecer o convite da Andrégina e para tomar conta do meu papel. Com que então vocês todos representam?

**Eugenia,** *rindo* — Ora que pergunta! Se aqui estamos é porque representamos. Olha, o Anacleto é um pastorzinho muito manso e tem uma falla em que diz: «Estas rosinhas em botão e os passarinhos do céo... tudo falla ao meu coração!» Ah! ah! ah!

**Anacleto,** *com mau modo* — Uma figa para os pastorinhos!

**Eugenia** — Eu, como sou muito gorda, represento a mulher do *Homem do Saco* e o meu marido é o Roque. Imagina!

**Luiza** — E eu?

**Carmo** — Tu? Espera... tu és uma princeza encantada.

**Andrégina,** *muito tola* — Por seres a mais bonita.

**Luiza,** *vaidosa* — Muito obrigada!

**Andrégina** — Eu sou a tua dama, Luiza; e a Zulmira é uma rainha má que o *Homem do Saco* mata no fim da peça.

**Zulmira,** *amuada* — Se pensas que me ralas com isso, estás muito enganada. Não me importo de ser má. O meu papel é o mais importante.

**Pancracio,** *muito pretencioso, cumprimentando Luiza* — Minha senhora!... Eu sou o principe que te desencanta e que no fim de muitas peripecias casa comtigo.

**Luiza,** *baixo á Eugenia* — Que principe tão enjoativo!

**Vicencia** — Sabes, Luiza? A Carmo, o Cupertino e eu tambem somos pastores. Os nossos fatos hão de ser muito enfeitados com tufos e rendas.

**Luiza** — Que ratões hão de vocês ficar!

**Zulmira** — Bem. Agora, se querem, vamos á leitura dos papeis.

Pegou nos que estavam já copiados e distribuiu-os. Emquanto ella estava assim occupada a Luiza aproximou-se da Eugenia e perguntou-lhe baixinho:

— Sabes porque não convidaram os Abreus?

**Eugenia** — Convidaram-n'os. Mas a senhora marqueza disse-lhes que era melhor elles não virem.

**Luiza** — Porquê?

**Eugenia** — Porque estes Ipecacuanha são malcreados e tolos, e a senhora marqueza não gosta que os seus filhos se dêem com elles.

**Luiza** — Mas são tão ricos!...

**Eugenia** — Isso não quer dizer coisa alguma. O dinheiro nunca deu a boa educação nem o juizo.

**Luiza** — Se pensas d'essa maneira, porque vens cá?

**Eugenia** — Sabes muito bem que estou a passar o verão em casa das Carvalhos e como ellas duas foram convidadas e aceitaram...

**Luiza** — Sim... Mas não me parece que estejas apoquentada com isso.

**Eugenia,** *rindo* — Eu! Apoquentada?! Porquê, não me dirás? Quando as coisas não se fazem ao meu geito, trato eu de me fazer ao geito d'ellas. Por isso ando sempre contente.

**Luiza,** *pensativa* — És por força muito feliz.

**Eugenia** — E sou. Agora por exemplo, gostava muito mais de não vir representar a casa d'esta gente; mas, como não tenho outro remedio, divirto-me com elles.

**Luiza** — E achas que os Abreus fizeram bem em não vir?

**Eugenia** — Acho, sim. Muito bem até.

A Luiza córou e esteve um bocado sem responder.

Afinal disse com algum custo e como se estivesse contrariando o seu pensamento:

— Pois eu acho que fizeram mal... muito mal. Foram... orgulhosos e... tolos, como... sempre.

**Eugenia,** *admirada* — Luiza!

**Luiza,** *com as lagrimas nos olhos* — Detesto-os!

Dizendo com tanto custo estas más palavras, para agradar á fada, a Luiza pegou no seu papel e poz-se a fingir que lia.

Mas a Eugenia bem percebeu que ella chorava.

Felizmente, mais ninguem reparou.

— Que rapariga tão ratona! pensou a Eugenia.

Durante um mez continuaram as leituras, depois os ensaios e afinal chegou a grande noite da representação.

A Luiza não queria pensar n'outra coisa.

Mandára vir de Paris uma costureira muito á moda para lhe fazer os vestidos com que havia de figurar na comedia. Vestidos riquissimos, todos de sêda bordada a prata, a oiro e a brilhantes.

Um cabelleireiro de fama viria tambem para a pentear e para lhe enfeitar o cabello com flôres naturaes, muito raras e preciosas, chegadas de Nice.

Todos os dias, no seu quarto, em frente de grandes espelhos, sósinha, repetia o papel durante horas, estudando a maneira de parecer mais bonita.

Mas, desde que se encontrára com o irmão, os remorsos e as saudades não a deixavam.

Não tornára a visitar os Abreus e negava-se sempre que elles a procuravam.

Diligenciava esquecel-os, a elles e ao Barnabé, e queria apenas tornar-se ainda peior do que era para agradar á fada e para merecer os seus presentes.

Uma vez, estando todos a conversar em casa dos Ipecacuanha, um d'elles disse que a Dulce era uma simples muito aborrecida, e a Luiza respondeu rindo:

— Por isso eu tratei de me vêr livre da sua companhia. O irmão é outro que tal, só presta para dar sentenças!

**Andrégina** — O que?! Pois tu já não és visita da marqueza?

**Luiza** — Não estive para os aturar mais tempo.

**Vicencia** — Com effeito, são muito soberbos.

**Luiza** — Desde que soube a desfeita que fizeram a estes senhores, *(voltando-se para Andrégina)* nunca mais quiz saber d'elles.

**Carmo** — E fizeste bem. Se eu fosse como tu, senhora da minha vontade, com toda a certeza fazia outro tanto... Ai! O que é isto?

Era o Anacleto que entrava vestido de pastor

Era o Anacleto que entrava vestido de pastor. Cara de lua cheia, corpo desageitado e pesadão,

meia e sapatinho de salto alto, chapéo de palha com fitas e flôres verdes e amarellas, pausinho na mão... estava uma figura que fazia rir.

**Cupertino,** *rindo* — Meu Deus! Anacleto, onde foste arranjar uma fatiota tão ratazana?

**Anacleto,** *envergonhado* — Ora essa! Olha que é toda de sêda!...

**Eugenia,** *fingindo-se muito seria* — Deixa lá o Cupertino! Elle o que tem é inveja. Estás lindo!

**Anacleto,** *derretido* — Achas?... Custou muito caro este fato. É bonito, hein? O peior é os pés. O diacho dos sapatos apertam-me...

Não se poderam conter mais; em vista d'esta declaração todos riram a bandeiras despregadas.

**Zulmira** — Mas agora é sério, Luiza, não achas que elle parece muito melhor assim do que pareceria o Egas?

**Luiza** — Com certeza!... Porquê? Destinavam-lhe aquelle papel?

**Zulmira** — Destinavamos. E a Dulce era a princeza; quero dizer estava no teu logar. Mas foi melhor assim.

**Luiza** — Ora se foi! Estamos livres d'aquelles massadores!

Mas, como ia dizendo, a grande noite da representação chegára afinal.

Os *actores* já estavam reunidos, fazendo as suas *toilettes*.

O theatro ia-se enchendo de convidados. Entre elles figurava a marqueza d'Abreu com os seus dois filhos e todos os seus amigos.

Ao vêl-os, a Eugenia teve vontade de atirar com o seu fato de comedia por ahi além e de ir passar o resto da noite ao pé d'elles. Mas, felizmente, conteve-se.

Assim que os espectadores se installaram nos seus logares, a orchestra, que o barão mandára vir de Lisboa, tocou uma walsa.

Subiu o pano.

Em scena os quatro pastores... As creanças que estavam na plateia, mal deram com os olhos no Anacleto, desataram a rir. Este infeliz era o primeiro a fallar e devia dizer:

— Entre aquellas arvores vejo uma linda menina que se dirige para nós.

E n'isto, entrava a Luiza.

Mas o pastor Anacleto, atrapalhado com os seus saltos altos e com tanta gente a olhar para elle, volta-se para o publico e diz semsaboronamente:

— Entre aquellas meninas vejo uma arvore que vem para cá.

Imagine-se as gargalhadas...

O pobre rapaz não sabia onde havia de se metter.

Porventura, n'estas alturas, entrou a *princeza*, de cabellos soltos enfeitados com flôres lindissimas e com o seu vestido côr de fogo bordado a brilhantes.

Vinha encantadora a Luiza; e todos os olhares se voltaram para ella e a admiraram.

Esta e a Eugenia salvaram a representação. Uma com a sua belleza, outra com a sua graça que fazia rir todos os espectadores.

Os outros *comediantes*, vestidos sem gosto e semsaborões, fizeram triste figura apesar do luxo pesado dos seus fatos e da pretenção com que fallavam e se mexiam.

Applausos, flôres, presentes, emfim o enthusiasmo todo era para a Luiza e para a Eugenia. Os barões estavam furiosos. Tinham vontade de atirar com as duas pequenas pela janella fóra.

No fim da comedia, *actores* e espectadores reuniram-se nos salões do palacio.

A Dulce aproximou-se da Luiza:

—Bravo! exclamou ella com a sua voz meiga, representaste muito bem!

**Luiza,** *troçando* —Foi ao teu gosto?

**Dulce,** *com tristeza* —Porque estás agora assim comnosco, Luiza?

**Luiza** —Assim como?

**Dulce** —Indifferente... zangada sem nós sabermos porquê.

**Luiza** — Ora... isso é scisma!

**Dulce** — Não é. Bem sabes que não é. Mas, Luiza, nós fizemos-te algum mal?

**Luiza** — A mim! Que ideia! nada absolutamente.

**Andrégina,** *chamando-a do outro lado da mesa* — Anda cá, Luiza! vem beber á saude dos actores...

Foi. Mas, entre o barulho das gargalhadas e das conversas que se cruzavam, não conseguiu esquecer as palavras da Dulce.

Chegou a hora da despedida e pouco a pouco os salões dos Ipecacuanha ficaram vazios.

O Egas passou pela *princeza encantada* e disse-lhe a meia voz, sem parar:

— Adeus Luiza... pobre Luiza!

Mas não lhe estendeu a mão.

Ai, ella agora já percebia porque lhe chamavam pobre! Sentia-se pobre de bondade, pobre de gratidão, pobre de todos os bons sentimentos que Deus nos põe n'alma.

Quando entrou na sua carruagem com a miss Arabella, viu junto da portinhola, um rapaz alto, pobremente vestido. Imaginou que era um pedinte deu-lhe uns cobres.

Mas o rapaz atirou-lhe com elles á cara exclamando:

—Maldito seja o teu dinheiro, irmã!

Era o Barnabé.

A marqueza, que estava no patamar da escada, á espera do seu trem, ouviu estas palavras.

## CAPITULO X

### A vida do Barnabé.— O novo secretario da marqueza

Assim que o trem da Luiza desappareceu, a marqueza aproximou-se do Barnabé e tocou-lhe no hombro.

Elle voltou-se.

Á luz da lua, com a cara emmoldurada pelos cabellos que lhe cahiam até aos hombros e com o chapéo deitado para traz, deixando a descoberto a sua bella testa intelligente, o pobre Barnabé chegava a parecer bonito.

—Apesar de não o conhecer, preciso de fallar comsigo, disse-lhe a marqueza com brandura. Quer fazer-me o favor de me acompanhar?

**Barnabé,** *tirando o chapéo* — Oh! minha senhora! estou ás ordens de v. exc.ª

**A marqueza,** *sorrindo* — Pois se assim é, vai subir commigo para a carruagem e sentar-se ao meu lado.

**Barnabé,** *com amargura* — Isso não póde ser, minha senhora. Eu sou um esfarrapado, um rapaz da rua...

**A marqueza** — Não é tal. Não me queira enganar...

O rapaz olhou para ella muito atrapalhado, e ia responder, quando chegou a carruagem.

A marqueza, depois de subir com os seus filhos, obrigou o Barnabé a entrar tambem.

Durante o caminho ninguem fallou. Estava uma noite lindissima, e de vez em quando, apesar do barulho das rodas, ouvia-se o rouxinol a cantar.

Estava-se em principio de maio, o mez mais bonito de todo o anno; o mez de Nossa Senhora.

Quando chegaram ao palacio da marqueza eram duas horas da madrugada.

A Dulce e o Egas estavam mortos de somno e a mãe mandou-os para a cama. Depois levou o Barnabé para uma grande sala mobilada á antiga e disse-lhe:

— Hoje é tardissimo, meu filho. Deves estar muito cançado, e eu não quero apoquentar-te com perguntas. Ámanhã fallaremos. Vou dar ordem para que te arranjem um quarto lá em cima, perto do do Egas, e, quando tudo estiver prompto, venho chamar-te.

— Ai, minha senhora! respondeu elle. Como hei de agradecer-lhe os seus favores!

Mas antes d'elle acabar a phrase, já a marqueza se tinha ido embora.

Então o Barnabé abriu a janella e sahiu para uma varanda larga, de pedra, d'onde se avistava um rio, uma azenha, um pinhal e ao longe uma ermidinha que a lua tornava muito branca...

A não ser o concerto que os insectos pareciam dar em louvor de Deus por aquella noite linda, a não ser o canto do rouxinol, em volta do Barnabé estendia-se um silencio como só no campo póde haver.

Sem o pobre rapaz querer, acudiram-lhe pensamentos tristes, lembranças, saudades; encostando-se ao parapeito, escondeu a cara entre as mãos e chorou.

Então abriu-se uma janella no segundo andar, mesmo por cima da varanda, e, espreitando cá para baixo, appareceu uma cabecinha loura.

— Quem está ahi?

O Barnabé teve um estremeção, porque ao principio não percebeu d'onde vinha aquella voz; mas, olhando para cima, logo conheceu a Dulce.

— Sou eu, minha menina, respondeu elle, o rapaz que a senhora marqueza trouxe para casa...

**Dulce** — Ah!... e estava a chorar?

**Barnabé** — Eu... a chorar? Talvez estivesse, talvez!...

**Dulce** — Então está triste? Diga-me o seu nome, sim?

**Barnabé** — Chamo-me Barnabé.

**Dulce** — E o Barnabé porque estava a chorar?

**Barnabé** — Ai, minha menina, eu sou um rapaz muito desgraçado! Não sei porque Deus me não leva... não sei! A Virgem Santa a defenda a si, tão bôa e tão bonita, de soffrer a quarta parte do que eu tenho soffrido!

**Dulce** — E n'este mundo não tem ninguem que o console?

**Barnabé** — Tinha alguem... tinha uma irmã que devia ser a minha companheira, a alegria da minha vida, mas essa...

**Dulce** — Essa...

**Barnabé** — Morreu!

**Dulce** — E era muito amigo d'ella? Pobre Barnabé!... Eu gostava de servir para alguma coisa consolando-o e dando-lhe a minha amizade.

**Barnabé,** *juntando as mãos* — Permitta Deus que eu um dia lhe possa explicar o bem que as suas

palavras me fazem! Mas... vá-se embora. A madrugada vai arrefecendo e póde fazer-lhe mal estar ahi ao frio... Deus a abençôe!

**Dulce** — Bôa noite, Barnabé. Vou pedir a Nossa Senhora por si.

A janella fechou-se e d'ahi a bocado a marqueza chamou o rapaz e conduziu-o ao seu quarto.

No dia seguinte, depois do almoço, a dona da casa foi para a varanda com os filhos e com o seu hospede.

Sentaram-se todos e conversaram.

A manhã estava gloriosa. Em baixo, no pateo, cresciam roseiras enormes que estendiam os seus ramos lustrosos e carregados de flôr até ás grades de pedra.

— Agora que estamos todos descançados, disse a marqueza, tu, Barnabé, conta-nos a tua historia.

**Barnabé** — É comprida e triste, minha senhora.

**A marqueza** — Não importa, meu filho. São mesmo essas as que mais precisam de ser contadas a pessoas amigas, porque se reparte com ellas o que nos pesa sobre o coração.

**Barnabé** — Mas...

**Egas** — Não julgue que somos curiosos dese-

jando saber a sua vida. Estamos simplesmente interessados por si e desejamos-lhe bem.

**Barnabé** — Oh! eu bem sei, bem sei!...

**Dulce** — Então faça-nos a vontade, sim?

**Barnabé** — Não fui sempre o que sou agora; um esfarrapado, como *alguem* me chamou no outro dia. Eu era filho de um valente militar que morreu gloriosamente combatendo pela patria. Deixou-nos sós n'este mundo: á minha santa mãe, a mim e a uma pequenita que era os nossos encantos. Vivíamos em Lisboa com todas as commodidades. Mas um bello dia o banqueiro, a quem a minha mãe entregára a fortuna, fugiu, levando tudo quanto estava entregue ao seu cuidado, e achámo-nos de repente luctando com a maior pobreza. A minha irmãsita tinha dez annos e eu quatorze.

Foi então que eu soube quanta coragem e quanta dedicação póde caber no coração de uma mulher.

A minha mãe — o Senhor tenha a sua alma em paz — vendeu todos os seus haveres, e, alugando uma casa pobre, foi viver para lá comnosco.

Mas n'isto eu cahi doente. Com medicos e remedios gastou-se o resto do que tinhamos, e minha mãe começou então a trabalhar para vivermos.

Lembro-me, durante a minha convalescença, de a vêr a bordar e a coser no vão da janella emquanto era dia; e de noite á luz de um velho candieiro durante horas e horas sem descanço.

Mas ella era fraca e não resistiu muito a esta vida de trabalho á qual não fôra habituada.

Entrou a emmagrecer e a perder as forças. Veio-lhe uma tosse teimosa que a apoquentava constantemente, e, afinal, uma noite, já perto da madrugada, entregou a Deus a sua alma.

Eu queria-lhe muito. Admirava-a pela sua resignação e pela sua coragem. Tinha por ella uma adoração como a que se tem pelas santas do Céo.

E quando ella morreu, pareceu-me que ella levava comsigo a minha alegria e que eu nunca mais podia ser feliz na terra.

**Dulce** — Pobre Barnabé!

**Egas** — E ficou só com a sua irmãsita?

**Barnabé** — Completamente só. Graças a Deus comprehendi que o meu dever era trabalhar e sacrificar-me por ella. Digo «sacrificar-me», porque n'esse tempo o meu gosto era a esculptura e tinha cá as minhas ideias de vir a ser um artista celebre. Perdôe-me a minha presumpção, senhora marqueza, eu agora já não penso assim.

Fui ter com um antigo companheiro de meu pae e pedi-lhe um emprego qualquer que nos désse de comer. Foi caridoso para mim e arranjou-me um logar n'um escriptorio.

O trabalho era muito e o ordenado pequeno; mas bastava-nos, e durante dois annos vivemos em paz.

**Egas,** *apertando-lhe a mão* — É um valente!

**Barnabé,** *admirado* — Porquê?

**Egas** — Porque trabalhou durante muito tempo para ganhar o pão de sua irmã, sacrificando a esse trabalho os seus gostos.

**Barnabé,** *simplesmente* — Era o meu dever.

**A marqueza** — Pois sim. Mas esta vida é um campo de batalha onde nós luctamos contra os nossos defeitos, contra as nossas fraquezas, muitas vezes mesmo contra a nossa propria vontade, e n'esta lucta, filho, os que vencem como tu, não são menos gloriosos do que os soldados na guerra.

**Barnabé** — Oh! minha senhora, acredite que eu não mereço tantos elogios!

**Dulce** — E depois? Ainda lhe aconteceram mais coisas tristes?

**Barnabé** — Eu disse que o trabalho era muito. Mas o que me custava era ter de deixar a minha irmã só, durante o dia inteiro. E foi isso o que lhe fez mal.

Não sei quaes eram as suas companhias nem que ideias lhe passavam pela cabeça; caso é que pouco a pouco entrou a desprezar-me e a invejar a riqueza dos outros.

Nem eu posso dizer a tristeza que me dava isto! Porque eu bem percebia que o seu natural era bom e o que a perdia era ella estar assim tão só e sempre tão longe de mim.

Pensei em a metter n'um convento ou n'um collegio a educar, mas o meu ordenado não chegava para tanto. Esta pena roia-me o pensamento e eu cada vez andava mais apoquentado.

Afinal um dia, depois de uma grande teima commigo, fugiu-me de casa. Quiz correr atraz d'ella, mas com a afflicção que tive de a vêr tão ingrata, não sei o que me passou pela cabeça... uma vertigem, creio eu. Perdi a vista e cahi sem sentidos.

Quando tornei a mim, achei-me na cama e rodeado por alguns visinhos. Durante algumas semanas estive em perigo de vida. Assim que poude, fui ao escriptorio, mas já estava outro no meu logar.

A minha irmã não voltára... Nunca mais voltou!

**A marqueza,** *limpando os olhos* — Depois de tantas desgraças, Barnabé, é de esperar que Deus te dê afinal a felicidade... que bem mereces.

**Dulce** — Mas como veio ter aqui?

**Barnabé** — Desesperado pela má sorte que me perseguia, resolvi-me a deixar Lisboa para procurar um emprego no campo, onde eu julgava poder fugir melhor ao meu triste destino.

Depois de ter feito diligencias inuteis para encontrar a minha irmã, sahi da cidade e a pé aqui cheguei. Foi um calvario tristissimo. Apesar de vv. exc.as me verem aqui roto, miseravel, sou muito orgulhoso e ninguem imagina o que me custava andar de porta em porta e de chapéo na mão a pedir trabalho como quem pede esmola.

De uma vez que me mandaram embora de uma quinta, sem se importarem com o meu pedido, como sempre me acontecia, encontrei uma cavalhada brilhante... mas... isto não vale a pena!

O Barnabé parou n'este ponto e passou a mão pelos olhos para esconder algumas lagrimas que, sem elle querer, lhe cahiam pela cara abaixo.

A Dulce trocou um olhar com a mãe.

**A marqueza** — Como se chamava a tua irmã?

**Barnabé,** *atrapalhado* — Chamava-se... chamava-se... é melhor não fallarmos mais n'ella. Morreu, provavelmente.

**A marqueza** — Barnabé, eu conheço a Luiza. Tu bem sabes que ella vive e está de perfeita saude.

**Barnabé,** *muito atrapalhado* — Se v. exc.a a conhece, talvez saiba que... que...

**Egas** — O quê?

**Barnabé,** *com amargura* — Talvez saiba que a Luiza morreu... para mim.

**A marqueza** — Morreu para ti?

**Barnabé** — Despreza-me. Finge que não me conhece. Como é rica, como vive com pessoas ricas, envergonha-se de confessar que tem um irmão desgraçado. Bem vê, minha senhora, que a Luiza morreu para mim, como eu morri para ella. Ah! ainda não lhe perdoei a humilhação pela qual me fez passar, accusando-me de atrevido e de... bebado! Alli, diante de tanta gente!

**Egas,** *dolorosamente* — Como teve ella maldade para tanto?! Oh! meu Deus!

**A marqueza** — E não sabes d'onde lhe veio aquella riqueza?

**Barnabé** — Não sei, minha senhora.

**Dulce** — Devemos esperar em Deus, que a Luiza não continue a ser tão má.

**Egas** — Diga-me uma coisa, Barnabé; porque não queria dizer-nos o nome da sua irmã?

**Barnabé** — Porque escusavam vv. exc.as de conhecer-lhe o caracter.

**Dulce** — Isso é mais uma prova da sua generosidade.

**Barnabé** — Não, minha menina; eu sempre sou irmão d'ella e não posso deixar de a estimar. É por isso. Acredite, senhora marqueza, apesar de ter soffrido muito, a ingratidão da Luiza é o peior desgosto da minha vida toda. Oh! meu Deus, meu Deus!

A marqueza tratou de o consolar com muito boas palavras, mas a desolação do rapaz não se acalmava.

A Dulce, fazendo um signal ao irmão, desceu com elle uma escadinha que ia ter ao jardim, e em breve desappareceram.

— Assim foi melhor, disse a Dulce logo que se viram sós; elle estava tão afflicto, que talvez o incommodasse nós estarmos alli a olhar para elle.

**Egas** — Ai, Dulce! quem havia de dizer que a Luiza era assim tão má! Como póde ella ser tão ingrata!

**Dulce** — E então para um irmão como o Barnabé!

**Egas** — É um rapaz digno de melhor sorte. Que valente coração!

**Dulce** — Escuta... não haverá meio de arranjar as coisas de maneira que elles tornem a ser amigos?

**Egas,** *tristemente* — Desconfio bem que não, irmãsinha.

**Dulce** — E... se alguem se mettesse n'isso?

**Egas** — E quem poderia querer um trabalho tão difficil!

**Dulce** — Nós... por exemplo.

**Egas** — Tu és muito boa, Dulce. Mas o que poderiamos nós fazer n'um caso tão sério?

**Dulce** — Olha; iamos ter com ella, diziamos que sabiamos o seu segredo e depois... depois...

**Egas,** *animando-se* — E depois diziamos-lhe que ella é uma ingrata, faziamos-lhe lembrar tudo quanto deve áquelle excellente rapaz, emfim tantas diligencias...

**Dulce** — Ajudados por Nossa Senhora, conseguiriamos os nossos fins.

**Egas,** *levantando-se* — Bem. Então quando vamos?

**Dulce,** *rindo* — Meu Deus, Egas, que precipitado! Primeiro ainda havemos de conversar com a nossa mãe.

Mas n'isto viram a marqueza de braço dado com o Barnabé dirigindo-se para aquelle lado. Foram ao seu encontro.

**Barnabé** — Estou envergonhadissimo. Um homem de dezoito annos não deve chorar como um creança. Mas foi sem eu querer. Agora já passou completamente.

**A marqueza,** *sorrindo* — Com isso tudo, ainda não me déste tempo para eu te apresentar aos meus filhos. *(Voltando-se para os dois)* Este é o meu novo secretario. Fica habitando a minha casa dos Freixos e por conseguinte nosso visinho. Tem um ordenado de cem mil reis por mez.

**Barnabé** — Uma bondade assim, não se agradece com palavras. Nem á força de trabalho e dedicação conseguirei um dia provar a v. exc.ª toda a minha gratidão.

**Egas,** *estendendo-lhe a mão* — O Barnabé é um rapaz tão corajoso e tão bom, que me honrava se me désse licença para eu o tratar por tu.

**Dulce,** *pegando-lhe na outra mão* — E a mim tambem.

**Barnabé,** *abraçando-os* — Ah! meus queridos amigos! a sua amizade e a sua confiança são as melhores consolações que a minha tristeza póde ter!

N'essa noite, a Dulce, quando se despediu do irmão, disse-lhe ao ouvido:

— Que mãe tão boa nós temos, Egas!

— E que excellente irmãsinha Deus me deu! respondeu elle abraçando-a.

## CAPITULO XI

### Á procura da felicidade.—Hespanhoes com alhos e azeite

A Luiza cada vez andava mais apoquentada de remorsos e cada vez fazia mais diligencias de os abafar com distracções sem fim.

Eram passeios a cavallo, de barco, de trem, brincadeiras e jogos no *parc;* o palacio sempre cheio de convidados novos e alegres que passavam as horas a rir e a divertir-se.

Mas nada d'isto conseguia apagar na memoria da Luiza a imagem do Barnabé nem a dos Abreus.

Estes ultimos tinham lá ido na tenção de a levarem para o bem, mas não foram recebidos; e na volta o Egas dissera:

—Ah! não ha que vêr! Decididamente a Luiza tem um mau coração!

As noites pareciam compridas á Luiza, que não dormia pensando na sua triste vida. Por isso passava parte d'ellas dançando e brincando para se cançar.

Tinha festas nocturnas nos seus jardins; illuminações esplendidas, musica, fogo de artificio, emfim coisas maravilhosas e feitas com tanto luxo, que os convidados imaginavam ás vezes estar em paiz de encantos.

Apesar de tudo, a dona do palacio, a promotora dos divertimentos, andava descontente e nada lhe dava uma verdadeira alegria. Não tornára a vêr o Barnabé e a cada momento achava-se, mesmo sem querer, a scismar no que seria feito do irmão abandonado por ella.

Mas depressa, depressa tratava de abandonar estas ideias para não zangar a fada. Porque, se a Luiza era bastante boa, no fundo, para ter pena do mal que fazia, não era menos ávida da sua riqueza. E essa era a sua desgraça.

A miss Arabella, coitada, durante esse tempo teve muito que aturar. A Luiza, aborrecida com tudo e com todos, mostrava-se orgulhosa e grosseira para a sua velha amiga, a quem ella tanto devia.

N'um dos ultimos dias de setembro, a Luiza recebeu a visita dos Carvalhos.

Emquanto a mãe ficava na sala conversando com a ingleza, as pequenas foram todas quatro passeiar no *parc*.

**Vicencia** — Viemos cá hoje, Luiza, para te fazermos as nossas despedidas.

**Luiza** — O quê! Partem já para Lisboa? Que cêdo!

**Carmo** — Para Lisboa, não. Vamos lá deixar a Eugenia em casa dos seus paes e depois seguimos para Paris, onde tencionamos passar uma temporada.

**Luiza** — Felizes! Não gostavas de ir tambem, Eugenia?

**Eugenia** — Gostava muito; mas, como não póde ser, consola-me a ideia de que vou abraçar os meus paes e de que muito breve terei em Lisboa a minha querida Dulce.

**Vicencia** — É verdade, já viste o novo secretario da marqueza?

**Luiza** — Não. Porquê? Tem alguma coisa extraordinaria?

**Vicencia** — Todo direito; parece um *lord*. É muito janota; anda sempre pelo ultimo figurino.

**Carmo** — Tem uma *charrette* bem bonita, puxada por um lindo cavallo preto, que elle guia com toda a elegancia.

**Eugenia** — E não é nada feio, apesar de ter uma

cara desconsolada. Sabes com quem elle se parece immenso? Com aquelle tonto que ha tempos te chamou irmã.

**Luiza,** *atrapalhada* — Deve ser lindo; sobretudo se tem como esse uns cabellos de estopa muito compridos.

**Eugenia** — Mas é que não tem. Pelo contrario; traz o cabello curto penteado á ingleza.

**Vicencia** — A marqueza deu-lhe a casa dos Freixos, que é optima. E elle alli vive com todas as commodidades.

**Luiza** — Está sempre lá mettido?

**Eugenia** — Não. Vai passar todas as noites com os Abreus e tambem lá vão os Almina, o Lopo, a Bertha, o Diogo e ás vezes eu.

**Luiza** — E gostas de lá ir?

**Eugenia** — Immenso. Brinca-se, joga-se, representam-se charadas figuradas e ás vezes o secretario conta-nos historias lindas inventadas por elle.

**Luiza,** *troçando* — Ah! Esse prodigio tambem inventa historias?

**Vicencia** — Não estejas a troçar. Já tenho ouvido dizer a muita gente que elle tem immenso talento.

**Luiza,** *interessada* — E é novo esse rapaz? É alegre?

**Eugenia** — Tem dezoito annos. Alegre?... eu nunca o vi rir. Está sempre sério e ás vezes mesmo triste. Mas, apesar d'isso tem muito bom modo e todos gostam d'elle.

**Luiza** — Como se chama?

**Vicencia** — Barnabé.

**Luiza,** *estremecendo* — Barnabé?!...

**Vicencia** — Barnabé, sim. Olha que admiração! Nunca ouviste esse nome?

**Luiza,** *impaciente* — Afinal que m'importa! Não sei para que me fallam n'elle!

**Carmo** — Ora essa! Tu é que estavas a fazer perguntas.

**Luiza** — Digam-me antes quando tencionam ir para Paris.

**Vicencia** — Dentro de quinze dias, pouco mais ou menos.

**Luiza** — E levam a Rosa?

**Carmo** — Não. Essa é muito pequena; fica n'um collegio.

**Luiza,** *depois de pensar* — Sabem uma coisa? Estou muito tentada a ir tambem.

**Carmo** — Bravo! Que excellente ideia!

**Vicencia** — Como nos vamos divertir todas juntas!

**Luiza** — Deixo cá a miss a tomar conta do palacio e abalo. Ando aborrecida de vêr sempre as mesmas coisas e as mesmas pessoas. Gostava de variar.

**Vicencia** — Então está dito. Podemos contar com a tua companhia.

**Luiza** — E a tua mãe estará pelos ajustes?

**Carmo** — Então não ha de estar? Ora essa! Ela gosta immenso de ti.

**Luiza** — Então, parece-me que estou decidida. Em todo o caso, não prometto coisa alguma antes de pensar melhor. D'aqui a tres dias lá irei levar a minha resposta.

Quando as Carvalhos se foram embora, a Luiza disse á miss Arabella, que ficára na sala a bordar:

— Miss, parece-me que vai ter agora muito que fazer.

**Arabella** — Porquê, *dear?*

**Luiza** — Porque eu vou viajar e a miss fica a tomar conta do meu dominio.

**Arabella,** *espantada* — Que dizer você, minina? Um viage?

**Luiza** — Sim, miss, vou passar uma temporada a Paris.

**Arabella,** *cada vez mais espantada* — Um temporada a Paris? E você não ter assustações de ir assim isolado?

**Luiza** — Eu não vou sósinha, miss, vou com as Carvalhos.

A ingleza olhou para ella, muito séria; dobrou

tranquillamente o bordado em cima dos joelhos, tirou os oculos e disse com todo o socego:

— Mim declarar a você, minina, mim não ficar um só minuta isolado no palacio.

**Luiza,** *admirada* — O que me diz, miss?

**Arabella** — Mim dizer que ir-se embora para *England* se você inventar deixar-me a governamentar por conta minha todas coisas estas. Se você querer miss Arabella Fingstone ficar com minina, ter de leval-a Paris. Mim dizer isto uma vez... mim dizer isto duas vezes... mim dizer isto tre...

**Luiza,** *interrompendo-a* — Não diga mais nada, miss; bem sabe a falta que me faz e já que é da sua vontade ir, vai commigo.

**Arabella** — Mim estar espantada você dizer «sim» depressa. *(Tornando a pegar no bordado)* Estar bem, Luiza, mim agradecer.

**Luiza,** *hesitando* — Desconfio que a miss está com alguns desejos de me deixar.

**Arabella** — Ser certo; mim não dizer contrario. Haver irmão em *England* que chamar Arabella bastante.

**Luiza,** *triste* — Não é isso; bem sei que não é

isso. Eu é que tenho sido má para si ultimamente e então a miss não está para me aturar mais tempo.

**Arabella** — Talvez, talvez. Mim ser pobre coitado governamentadora de casa e não poder dar conselhos a você; mas se minina fosse amavel e bom, ter amigos, muitos.

**Luiza** — Ai, miss, eu queria poder contar-lhe muitas coisas que me ralam...

Mas lembrando-se da ameaça da fada, accrescentou seccamente:

— Bem. Partiremos de hoje a quinze dias. Veja se tem as malas preparadas e tudo em ordem.

E no dia combinado partiam para Paris, a familia Carvalho, a Luiza e a miss Arabella.

Iam todos bem dispostos e alegres, menos a Luiza.

— Não hei de pensar no Barnabé, nem nos Abreus, nem nos seus amigos, dizia ella comsigo. Mas, por mais que fizesse, lá estavam elles todos no fundo do seu coração e no seu pensamento.

Quando chegaram á fronteira de Hespanha, as pequenas e a Arabella apeiaram-se para desemperrar as pernas. Andavam passeiando na estação, quando passou por ellas um homem alto, trigueiro, de cobrejão ás costas e de chapéo desabado. Vendo

o fato ratão e de muitas côres da miss, parou diante d'ella, exclamando:

—Caramba! Que mujer tan salerosa!

E deu uma gargalhada.

Ora a miss Arabella tinha um medo horrivel dos hespanhoes. Imaginava que eram todos ladrões e assassinos.

Como não percebeu o que dizia aquelle, pensou que lhe pedia a bolsa ou a vida, e, tirando muito depressa o seu relogio da algibeira, entregou-lh'o resmungando:

—Já não ser pouco. Ir-se embora. Miss Arabella Fingstone conhecer todos pelicias da *England!*

O homem ficou muito surprehendido, mas como o presente era do seu agrado, guardou-o e abalou.

Tudo isto se passou tão depressa, que as pequenas não tiveram tempo de intervir, e como estava a dar o ultimo signal para a partida do comboyo, as quatro precipitaram-se no wagon. Mas assim que se acharam lá dentro, as pequenas olharam umas para as outras e desataram a rir, a rir quanto podiam.

—Então o que é isso, o que succedeu? perguntavam os paes.

Ellas começaram a fallar todas a um tempo. A ingleza olhava-as com indignação.

**O senhor Carvalho**—Vá lá; falle cada uma por sua vez, que assim ninguem as entende.

**Arabella** — Mim dizer em verdade que não perceber o sujeito de tanta contentamenta. Imagine vocês, senhores, que na estação apparecer a mim um home de cara cheia de maus intencionamentos e dizer: «Dar-me bolsa ou vida de tres mininas!» E mim dar relogio. Mim, coitado, ficar sem relogio e com susta grande. Porque rir mininas piqueninas? Arabella Fingstone não saber.

**O senhor Carvalho** — Realmente não posso entender como a estas horas do dia, e n'um logar de tanto movimento, um ladrão se atreveu...

**Luiza,** *rindo* — Mas não era um ladrão, senhor Carvalho, não era um ladrão! Ah! Ah! Ah!...

**O senhor Carvalho** — Vicencia, tu que és a mais velha, vê se consegues contar-nos isso com tino.

A Vicencia lá contou, conforme pôde, a historia do imaginario ladrão e da miss Arabella.

**O senhor Carvalho,** *rindo* — Percebo agora tudo, mas já é tarde para alcançarmos o relogio da miss.

**Arabella,** *amuada* — Mim não importar-se. Desistir.

A noitinha do segundo dia, o comboyo parou, sem mais nem menos, entre duas montanhas.

Os passageiros vieram todos ás portinholas a vêr se descobriam a causa da paragem.

Depois de muitas perguntas aos empregados, soube-se que houvera um desarranjo na machina e que a demora não podia ser de menos de oito horas.

Ia escurecendo, e como estavam n'um sitio bastante ermo, os empregados aconselharam os passageiros a passar a noite em uma povoação que, segundo elles, ficava alli perto.

Alguns viajantes não quizeram incommodar-se; outros pozeram-se a caminho com um guia á frente. Entre estes ultimos estavam os Carvalhos e as suas companheiras. Tinham de seguir um carreiro ingreme, cheio de pedras. A Vicencia, que era pesadona, agarrava-se ao braço da Luiza.

— Ajuda-me a andar, dizia ella, sou mais velha do que tu e canço-me depressa.

— Mas és gorda e carregas immenso, respondia a Luiza. Vê se fazes menos força.

Mas a Vicencia, que era egoista, encostava-se á amiga com todo o seu peso.

— Ai, não posso mais! suspirava ella. Papá, pare aqui um bocadinho para eu descançar!

**O senhor Carvalho,** *impaciente* — Anda, anda! não te faças piegas. Quanto mais te queixas e te lamentas mais tarde chegamos ao fim do nosso caminho.

**Vicencia,** *choramingando* — Este caminho não tem fim. Eu já vejo a lua e d'aqui a pouco ha de ser meia noite.

A Carmo, que era judia, aproveitou esta occasião para metter medo á ingleza.

— Oh! miss! disse ella, á meia noite é que apparecem os ladrões em Hespanha. Andam por caminhos como este... Que bonito, se agora aqui apparecesse uma quadrilha. Eu gostava tanto!

**Arabella,** *assustada* — Minina piquenina calar-se e não dizer coisas sem tino. Gostar de vêr uma figurão que dizer: Dar cabeças! E cortar pescoço a todos? Ser bonito, *indeed!*

**Luiza,** *zangada, empurrando a Vicencia* — Bem. Isto agora já é de mais! Eu não posso comtigo. Pede ao teu pae que te leve ao collo, se não queres andar.

**Vicencia** — Todos me abandonam!

**Luiza** — Bem me bastam as dôres que tenho nos pés andando por estes maus caminhos!

**Vicencia** — Ai! Quando chegaremos!

Mal acabava ella de dizer isto, quando os caminhantes avistaram as primeiras casas do tal logarejo.

Todos apressaram o passo contentes por verem chegado o fim de um passeio, que tanto os aborrecia, e em breve se acharam n'uma ruasinha suja e feia, ladeada de habitações baixas e de má apparencia.

Afinal, o homem que os guiava parou a uma porta entreaberta, d'onde sahiam gritos, cantos e sons de guitarras.

Entraram.

Um homem no meio da casa dançava com enthusiasmo uma dança ratona, batendo com os calcanhares no chão, levantando os braços e tocando castanholas. Á roda d'elle, sentados no chão e em bancos, homens e mulheres cantavam e batiam as palmas ao som das guitarras e violas que uns figurões de má cara arranhavam a um canto.

Todos fallavam, todos riam, todos cantavam em altos gritos, de fórma que era um barulho de ninguem se entender.

— Esta é a Estalagem dos Alegres Cantadores, explicou o guia. O rapaz é o primeiro dançarino da terra. Hoje é dia de festa. Por isso ha baile.

— Muito bem, respondeu o senhor Carvalho, mas nós estamos cançados e queremos deitar-nos. Diga-me quem é o estalajadeiro.

Foi difficil descobril-o entre os seus numerosos freguezes e mais difficil foi ainda explicar-lhe o que desejavam aquelles senhores, porque o homem estava bebado.

Afinal, lá os levou conforme pôde por uma es-

cadinha tosca de madeira até ao primeiro andar, onde lhes mostrou alguns quartos que eram pobres, sujos e frios como sorvetes.

Escolhido o quarto, as tres pequenas, que tinham pedido para ficar juntas, trataram de se accommodar. Despiram-se á pressa e metteram-se nas suas camas esperando dormir um somno regalado até o outro dia pela manhã.

Como se enganavam!

A sala do *baile* ficava-lhes mesmo por baixo do aposento e era tal o barulho, que não pregaram olho. Da cozinha subia um cheiro fortissimo a alhos e a azeite frito... um horror.

Voltavam-se de um para o outro lado sem poderem descançar.

— Maldita viagem! suspirou a Vicencia. Eu que a estas horas podia estar tão bem na minha cama!

**Carmo** — Tu é que tens a culpa d'isto. Não fazias senão andar em volta da mamã pedindo-lhe que te levasse a Paris... Agora ahi tens!

**Luiza** — Quando acabarão aqueles hespanhoes de comer peixe frito e de dançar? Nunca estive tão aborrecida em dias da minha vida.

**Vicencia,** *choramingando* — Se fossem umas cantigas bonitas!... mas uns berros assim... parece que estão todos doidos!

**Carmo** — Massadora Vicencia! Se não fosses tu!

**Vicencia,** *zangada* — E tu tambem. Andavas a lêr um livro de viagens e volta e meia dizias: — Se eu fosse á China!

**Carmo** — Pois sim. Mas a China não é em Hespanha. Se lá estivessemos, talvez não nos succedessem tantas desgraças...

N'isto ouviu-se lá em baixo:

— Bum! bum! bum! e muitas gargalhadas. Os cantadores tinham desencantado uma lata velha de petroleo e serviam-se d'ella como d'um tambor.

— Olé! olé! Viva la gracia! gritavam elles.

— Bum! bum! bum! dizia a lata de petroleo.

— Tling! tling! tling! cantavam as guitarras.

— Tché! tché! tché! faziam os pés dos dançadores no tijolo da loja.

— Que inferneira! murmurou a Luiza voltando-se para o lado da parede.

**Carmo** — Ai, se estivessemos na China!

**Vicencia,** *com mau modo* — O que acontecia, sabichona?

**Carmo** — Estavamos a dormir.

**Vicencia** — E a sonhar com uns figurões muito

feios, de rabicho. Muito obrigada; antes quero estar acordada.

**Luiza,** *gemendo* — Esta gente não comerá senão alhos?... Se vocês se calassem, ao menos!...

**Vicencia** — Já que não podemos dormir, damos á lingua; sempre é melhor.

E assim passaram horas e horas até á madrugada.

A Luiza pensava:

— Sahi da minha terra á procura da felicidade. Quando a acharei?

## CAPITULO XII

### Balburdia n'um theatro. —A Luiza é roubada

Quando acharia ella a felicidade?

Quando se arrependesse do mal que fazia; quando pedisse perdão ao Barnabé e elle lhe perdoasse.

Isto, porém, não queria ella ouvir.

Afinal, os nossos viajantes chegaram a Paris e por lá andaram uns poucos de dias admirando a cidade com todas as bellas coisas que ella contém. Estavam n'um bom hotel e durante algum tempo tudo correu ás mil maravilhas. Mas em breve as pequenas aborreceram-se d'aquella vida. Com effeito, apesar das coisas novas que viam, era triste para creanças andar todo o dia na rua, sem conhecer ninguem e sem perceber coisa alguma do que se dizia em volta d'ellas. Por isso uma tarde a Vicencia disse ao pae:

—Papá, leve-nos ao theatro!

**O senhor Carvalho** —Que lembrança! Para

quê, não me dirás? Vocês não percebem uma palavra de francez.

**Carmo** — Mas viamos os actores e pelos camarotes as senhoras. Tenho ouvido dizer que os theatros em Paris são lindos.

**Luiza** — Leve-nos, senhor Carvalho! É tão aborrecido passar as noites no hotel!

**O senhor Carvalho** — Não, minhas meninas; hoje não póde ser. A vossa mãe está um pouco doente e nós não havemos de a deixar sósinha.

**Carmo** — Fique o papá com a mamã e deixe-nos ir com a miss Arabella.

**O senhor Carvalho** — Tens ideias! Então haviam de ir as tres com a miss Arabella para um theatro?!

**Carmo** — O que tem isso? No tal livro que eu li falla-se de uma senhora que anda só por toda a parte.

**A senhora Carvalho** — Nem tudo que vem nos livros é certo, minha filha.

**Carmo** — Mas a Andrégina diz que os romances são sempre verdadeiros.

**O senhor Carvalho** — A Andrégina é uma tonta e não sabe lá muito bem o que diz.

**Vicencia,** *amuada* — Com tudo isso não nos leva ao theatro.

**O senhor Carvalho** — Já te disse que não póde ser, filha; fica para ámanhã.

**Vicencia** — Ámanhã não quero; ha de ser hoje. Tambem nunca nos fazem a vontade!

**Luiza,** *impaciente* — Que massadora tu és, Vicencia! Deixa lá, vamos para a janella do meu quarto vêr quem passa. Não apoquentes mais o teu pae.

A grosseria e o egoismo das suas companheiras faziam pessima impressão á Luiza que, mesmo sem querer, os comparava ás boas qualidades e educação da Dulce e pouco a pouco o seu genio melhorava.

**Vicencia,** *com mau modo* — Não quero. Tambem só nos trazem a Paris para nos aborrecerem.

**O senhor Carvalho,** *á mulher* — Só indo eu com ellas, se a miss quizesse ter o incommodo de ficar comtigo.

**Arabella** — Não ser incommodo, *dear sir.* Ser

prazer. Mim não gostar de theatrices e ter gordo gosto de ficar com bom senhora doente.

**Vicencia** — Ora ainda bem. Venham vestir-se, meninas!

Abalaram as tres correndo, e depressa voltaram todas tafulas, promptas para partir.

D'ahi a uma hora estavam commodamente installados na plateia de um bello theatro, onde se ia representar uma tragedia.

As pequenas contentissimas conversavam e, como tinham a certeza de que ninguem as percebia, criticavam os seus visinhos em voz alta.

— Olhem aquelle rapaz louro com o cabello muito empastado, dizia a Luiza; aquillo não póde deixar de ser moço de cabelleireiro.

**Vicencia,** *rindo* — É feio quanto póde ser.

**Carmo** — E o penteado d'aquella senhora? Que ratão!

**Luiza,** *rindo* — Parece uma coisa que... eu não digo!

**Vicencia** — Ah! ah! ah!... Que lembrança! Olha que estamos longe do entrudo!

**Carmo** — Lá vem agora um homem mal enca-

rado. Se a miss aqui estivesse, dava-lhe logo alguma coisa imaginando que era um ladrão.

**Luiza** — E este velhote com uma careca muito luzida? Bom... lá está agora a esfregal-a com o lenço.

**Carmo** — É para lhe dar mais lustro.

**Luiza,** *rindo* — Com certeza me serviria de espelho se estivesse mais perto de mim.

O tal velhote voltou-se e disse com muito bom modo e em portuguez puro:

— Se quer experimentar, minha menina, estou ás suas ordens.

As pequenas olharam umas para as outras atrapalhadissimas e o senhor Carvalho desfez-se em desculpas.

**O velho** — Ora... ora! meu rico senhor, não diga mais nada. Eu só fallei para as meninas verem que essa brincadeira é perigosa. Em Paris ha muitos portuguezes e nem todos teriam a paciencia que eu tive.

**O senhor Carvalho** — V. exc.ª é muito amavel. Agradeço-lhe o seu conselho.

**O velho** — Ora! Não fallemos mais n'isso.

Começou o espectaculo. O senhor Carvalho e as pequenas continuaram a conversar com o velhote da careca e tanto e tão de rijo, que toda a gente, indignada, olhava para elles e os mandava calar.

No final do primeiro acto, um figurão em scena matava outro, e fazia-o tanto ao vivo, que horrorisava. Ora a Luiza, que nunca vira uma coisa assim, ficou muito afflicta e agoniou-se.

**Luiza** — Vamos embora... Não me sinto boa.

**Vicencia** — Cala-te. Não sejas piegas; isso passa.

**Luiza** — Não gosto d'estas coisas; levem-me d'aqui.

**Carmo** — Que massadora! Não vês que não podemos sahir agora?

**Vicencia,** *com mau modo* — E mesmo que podessemos não sahiamos.

**Luiza,** *indignada* — E porquê, não me dirás?

**Vicencia** — Porque estou muito entretida e não me quero ir embora.

Apesar do senhor Carvalho lhes recommendar que fallassem baixo, ellas continuavam a discutir em voz alta como se estivessem em sua casa.

Dos camarotes começavam algumas pessoas a olhar para baixo, e mesmo da plateia, dois ou tres individuos se pozeram de pé para as vêrem melhor.

**O senhor Carvalho** — Que vergonha, meninas! Calem-se, pelo amor de Deus!

**Vicencia** — Eu não tenho culpa; a Luiza é que está a inventar um enjôo...

**Luiza,** *chorando* — Eu não invento coisa alguma, quero ir-me embora. Quando não... vomito aqui.

**O velho** — É melhor levarem a menina. Ella está muito pallida. Tambem isto não é espectaculo para creanças. V. exc.ª devia leval-as ao circo e ámanhã, de dia, ir passeiar com ellas ao Jardim de Aclimação.

O barulho continuava cada vez maior. Muitos espectadores batiam com as bengalas no chão e gritavam:

— Fóra! Fóra!

Quando subiu o panno para começar o segundo acto, era tal a balburdia na sala, que nem se ouviam as vozes dos actores. Um empregado do theatro mandou sahir o senhor Carvalho. Como era muito antes do fim do espectaculo, a carruagem não estava ainda á porta e por isso tiveram de seguir o seu caminho a pé. Começou a chover.

**Luiza** — Vamos metter-nos n'um trem. Não temos chapéos de chuva. Eu já estou molhada até aos ossos.

**Vicencia** — Onde queres tu metter-te n'um trem? Não vejo nenhum. Não sei onde estou.

**O senhor Carvalho** — Nem eu.

**Carmo** — Logo vi. Agora não faltava mais nada senão perdermo-nos.

**Vicencia** — E tudo por causa da Luiza. Massadora!

**Luiza** — Não sei para que fizeste empenho na minha companhia durante esta horrorosa viagem. Deixa estar que não caio n'outra.

**Carmo** — Papá! papá! alli vai um trem!

Felizmente ia desoccupado. Metteram-se n'elle, lamentando as pequenas os seus vestidos completamente perdidos. Durante o caminho, as duas irmãs rabujaram sem cessar.

A Luiza pensava, ao despir-se no seu quarto do hotel:

— Que desagradaveis raparigas! E como o genio d'ellas se parece com o meu... infelizmente! É preciso emendar-me... Pobre miss! O que ella me tem

aturado! Se eu adivinhasse as semsaborias que havia de passar n'esta viagem, não vinha a Paris, não! É verdade que eu, no meu palacio, não tinha alegria. Não tenho alegria em parte alguma. Sempre estes remorsos do mal que fiz; sempre a tristeza a perseguir-me... Jesus! vou pensando que só a riqueza não dá a felicidade. Deve ser tão bom ter o pensamento sem nuvens e uma consciencia socegada!

E com estas ideias adormeceu.

No dia seguinte, apesar da mãe não estar melhor, a Vicencia e a Carmo partiram para ir com a miss Arabella ao Jardim de Aclimação.

Deram-lhes logo licença e ahi vão ellas todas contentinhas pela rua fóra, sem se lembrarem já dos aborrecimentos da vespera.

Passeiava immensa gente no tal jardim, e como a Luiza era linda, e como a ingleza levava um vestido muito ratão, todas as pessoas olhavam para ellas.

**Vicencia** — Não sei se já reparaste, Luiza; toda a gente olha para nós. É exquisito, não é?

**Carmo** — Olha, lá vem o tal velhote portuguez, que hontem nos fez passar por uma atrapalhação tão famosa.

**Luiza** — É verdade; e... esperem... desconfio que nos vem fallar.

**O velho,** *aproximando-se* — Bons dias, minhas meninas; então hontem divertiram-se muito?

**Vicencia,** *baixo a Luiza* — Está a troçar comnosco!...

**Carmo** — Divertimo-nos bastante, e o senhor?

**O velho** — Eu?... Immenso! Mas digam-me: já estiveram alguma vez em Paris?

**Carmo** — Não, senhor.

**O velho** — Então ainda não vieram a este jardim e não sabem a maneira de gozar as bellas coisas que ha por cá. Ora venham commigo, se querem dar um passeio encantador.

Seguiram-n'o por uma bonita alameda, muito cheia de sombra, mas a miss Arabella não ia contente, olhava com desconfiança para o homem.

**O velho** — Então chegaram ha muito tempo?

**Vicencia** — Ha quinze dias, talvez.

**O velho** — E em Portugal onde moram as minhas queridas meninas?

**Vicencia** — A mamã tem uma casa em Lisboa

onde passamos o inverno e no verão estamos n'uma quinta.

**Luiza,** *com importancia* — Eu por emquanto tenho apenas um palacio na provincia. Ainda não me decidi a comprar casa em Lisboa.

**Carmo** — Pois sim; mas o teu palacio é soberbo. Mesmo em Paris, ainda não vi coisa alguma que se lhe possa comparar.

**O velho,** *esfregando as mãos* — Ah!... Parece-me que já ouvi fallar n'esta menina e na sua riqueza.

**Luiza,** *desdenhosa* — Póde ser!...

**O velho,** *respeitoso* — A menina por força trouxe muito dinheiro para Paris!

**Luiza** — Se trouxe! Eu posso gastal-o ás mãos cheias!

**O velho,** *muito respeitoso* — Mesmo agora, provavelmente, traz comsigo algum, não é verdade?

A Luiza, muito presumida do homem se interessar assim pela sua riqueza, tirou da algibeira uma bolsa cheia de libras e mostrou-lh'a.

Mas n'isto a miss Arabella puxou-a pelo vestido e disse-lhe em segredo:

—Cautela! Homem esse ser ladrão!

**Luiza**—Que ideia, miss! Um senhor tão delicado!

**O velho**—Bem, aqui estamos chegados onde eu as queria trazer. Agora as minhas meninas vão dar um passeio n'este carrinho.

Era um carrinho encantador; muito leve e bonito, puxado por uma parelha de avestruzes.

—Que appetite! Que graça! exclamaram as pequenas. E trataram de subir para a equipagem que o velhote lhes apresentára.

Quando este as viu bem installadas e a ingleza sentada a alguma distancia, admirando umas raposas azues, deu uma pancada secca na mão com que Luiza distrahidamente ainda agarrava a bolsa e ao mesmo tempo bateu nos avestruzes, que partiram correndo. A Luiza, com a dôr, largára o dinheiro, e a chicotada nos animaes fôra tão rapida, que o guarda encarregado de tomar conta n'elles nem tivera tempo de os segurar. O velhote apanhou tranquillamente a bolsa, e, voltando-se para o guarda, que ficára espantado d'aquillo tudo, disse-lhe em francez, sorrindo:

—São as minhas filhas. Isto foi um sustosinho que eu lhes quiz pregar por brincadeira.

E, com todo o socego, foi-se embora.

O tal «senhor tão delicado» era um refinado gatuno, que muito bellamente roubára a Luiza.

A ingleza não reparára em coisa alguma, porque estava muito entretida admirando as raposas azues.

Durante este tempo, as Carvalhos e a sua amiga, dentro do carrinho, gritavam para lhes fazerem parar os passarôlos. Mas ninguem as entendia, e, julgando que ellas apenas tinham medo, ainda por cima se riam das infelizes.

Os pobres animaes, costumados a dar sempre as mesmas voltas, pelas mesmas ruas, já sabiam o caminho e não precisaram de guia para voltar ao logar da partida.

Assim que chegaram, a Luiza foi ter com o guarda, e, á força de gestos, conseguiu explicar-lhe que tinha sido roubada. Mas o homem encolheu os hombros e, tambem por gestos, lhes respondeu que já não era possivel apanhar o ladrão.

A pequena ficou furiosa de se vêr assim enganada, e as suas amigas, durante todo o caminho até casa, troçaram-n'a de grande.

A miss murmurou apenas:

— Mim não fallar bem portuguez; mas mim ter razão ás vezes!

Quando no hotel contaram a sua historia, a senhora Carvalho disse:

— Se vocês tivessem querido esperar pelas melhoras da sua mãe, nada d'isto lhes acontecia, por-

que eu já tenho vindo aqui mais vezes e não me deixo enganar facilmente!

Na sua estada em Paris, os nossos viajantes ainda passaram por mais semsaborias. Por isso foi com verdadeira alegria que uma noite receberam do senhor Carvalho a noticia de que partiriam breve.

A Luiza continuou a receber grandes lições de que muito aproveitou, e essa do velhote portuguez foi das melhores, pois lhe mostrou como a vaidade é ridicula e ás vezes cahe cara.

Foi, portanto, bem mudada de genio que ella tornou a entrar na sua bella e risonha patria.

## CAPITULO XIII

### A serpente vermelha. —Quem com ferro mata...

A Luiza vinha resolvida a acabar com aquella vida de remorsos que a atormentava tanto.

O que faria ella depois? Não sabia. Na sua cabeça, cançada de pensar, as ideias embrulhavam-se. Via tudo como n'um sonho.

— Não posso, não posso continuar a soffrer tanto, dizia ella comsigo, encostada a uma janella do seu quarto, alguns dias depois de chegar. De que me serve a riqueza se os remorsos não me deixam desfrutal-a? Riqueza... poder... Ah! eu sou muito desgraçada! A ninguem dou a felicidade e só tenho licença para ser egoista e má! Tenho-me esforçado por afastar de mim estes pensamentos para merecer a protecção da fada. Inventei toda a qualidade de divertimentos para me distrahir. Até fui viajar, esperando que a mudança d'ares... mas qual! Para toda a parte levo commigo a minha tristeza. Porque eu gosto do Barnabé! Eu gosto d'elle; Deus

sabe! Reconheço a sua bondade immensa, o seu talento, reconheço sobretudo a amizade que elle sempre me teve e que eu nunca mereci. De dia para dia se me vão abrindo os olhos e vou comprehendendo melhor tudo quanto lhe devo.

Esteve um bocadito a scismar... Depois, deu uma palmada no parapeito da janella, exclamando em voz alta:

— Está decidido! Vou ter com o Barnabé a casa da marqueza... suppondo que está lá. E... se elle não me perdoar? Ora! Não quero pensar n'isso!

Tirou um abafo de uma gaveta, pôl-o pelos hombros, e ia para sahir, quando parou de repente olhando para a janella com horror.

Uma serpente enorme, entrava. Era vermelha e tinha os olhos verdes como se fossem duas esmeraldas. Arrastou-se até aos pés da Luiza, que ficára aterrada, sem movimento, no meio do quarto, e erguendo-se na ponta da cauda soltou um assobio estridente. Sem querer, a pequena fechou os olhos.

Quando, d'ahi a um instante, os tornou a abrir viu diante de si a Fada Tentadora.

Não vinha alegre e meiga como das outras vezes; muito pallida, com o olhar mau, os cabellos esgadelhados, o fato rasgado e as mãos vermelhas e arranhadas como se viesse de brigar.

**Luiza,** *com bom modo* — Ih! Como vem estafada! Ora sente-se um bocadinho!...

**A fada,** *furiosa* — Cala a bocca, tola, ingrata!

Uma serpente enorme, entrava

Não sei para que me cancei dando-te a minha amizade!... Barnabé! Barnabé! Barnabé!... Maldito rapaz! O que faz elle no teu pensamento?

**Luiza,** *socegadamente* — É o meu irmão, a quem eu quero muito, a quem eu peço perdão pelo mal que lhe fiz.

**A fada,** *troçando* — Ah! sim?... Tem graça!... Sabes que mais? Tudo isto é meu; o teu dinheiro é meu e... para te castigar d'essas ternuras á ultima hora, a tua riqueza vai desapparecer!

**Luiza** — E quanto mais depressa melhor.

**A fada,** *zangada* — Pois sim, sim. Quando te vires no meio da rua pedindo esmola ás tuas antigas companheiras, então, meu fedelho, talvez chames pela Fada Tentadora! Mas a Fada Tentadora estará longe a rir-se de ti e da tua asneira, pobre tonta, e não tornará mais a ti!

**Luiza,** *com tristeza* — Quizera Deus que eu nunca a tivesse encontrado no meu caminho!

**A fada,** *furiosa* — Ah! elle é isso?... Pois espera... espera... Mas escuta; sempre desprezas a tua riqueza? Devéras? Não é brincadeira?

**Luiza** — Não, senhora fada, não. Eu não posso de maneira alguma continuar com esta grande vida onde esperava achar a felicidade e onde topei com tantas amarguras. Tenho saudades do tempo em que vivia pobremente com o meu querido Barnabé.

E pena é não ter sabido então comprehender todo o valor d'aquelle excellente irmão que abandonei.

**A fada** — Pois, minha menina, dize adeus a tudo quanto é teu.

**Luiza** — Com muito gosto, senhora fada!

**A fada** — Mas isso não é serio, Luiza...

**Luiza** — Digo-lhe, senhora fada, que não posso mais com o peso do meu dinheiro e que...

**A fada** — Luiza, Luiza, pensa antes de fallar!

**Luiza** — Ah! Eu tenho pensado durante dias e dias. E se agora fallo é sabendo bem o que digo.

**A fada** — Então desprezas tudo quanto eu te dei?

**Luiza** — Desprezo, senhora fada, já que não posso repartir o que tenho com o Barnabé.

**A fada,** *levando-a até á janella* — Olha bem para tudo isto... o *parc,* os lagos, os barquinhos com remos de prata. Alli as tuas cavallariças povoadas de bellos cavallos, as cocheiras com as tuas magnificas equipagens... Olha! lá se illuminaram agora as portas do Sol e da Lua. Vês? Que lindo!

**Luiza,** *com tristeza* — Que lindo!...

A fada sentou-se ligeiramente no parapeito da janella e pegou nas mãos da Luiza.

— Pensa, meu amor, disse ella meigamente, pensa nos teus vestidos tão ricos, nas tuas joias, no teu palacio de marmore e ouro que não tem igual!

— Que não tem igual... repetiu a Luiza como n'um sonho.

**A fada,** *acariciando-a* — Escuta; os teus bailes, os teus passeios, emfim todos os teus divertimentos... E os teus amigos que não quererão saber de ti quando fôres pobre...

**Luiza,** *juntando as mãos* — Ah!... Não diga mais, senhora fada! Deixe-me pelo amor de Deus!

**A fada** — Luiza não sejas tonta, não...

Mas a Luiza agora já percebia que a vontade da fada era leval-a para o mal, afastal-a dos bons sentimentos; por isso, enchendo-se de coragem, respondeu com firmeza:

— Senhora fada, eu já disse o que tinha a dizer. Prefiro a amizade do meu irmão e o socego da minha consciencia a todas as riquezas da terra.

**A fada,** *com desdem* — Pois tenho dó de ti, maluca! Tanto dó, que não quero castigar-te já. Dou-te

oito dias para pensar. Se no fim d'esse tempo continuares com as mesmas ideias...

**Luiza** — Estas ideias não mudam, senhora fada. É inutil qualquer demora.

**A fada,** *rindo* — Veremos... veremos...

E, inclinando-se para traz, largou o parapeito e deixou-se cahir da janella abaixo.

A altura era enorme e a Luiza debruçou-se imaginando que a sua protectora se espatifára na queda. Mas qual!... Apenas viu uma grande serpente vermelha que fugia por uma alameda do *parc.*

Era tarde. Por isso a Luiza deixou para outra occasião a sua visita á marqueza.

Mas como estava entregue a bons pensamentos e contentissima por ter quasi vencido a sua vaidade e a sua ambição, foi ter com a miss Arabella para desabafar.

— Miss! miss! exclamou ella deitando-se ao pescoço da sua velha amiga. Como eu sou feliz!

**Arabella,** *espantada* — Hontem ter desalentações, hoje contentamentas. Mim estar alegre com isso. Mas porquê, *dear?*

**Luiza,** *batendo as mãos* — Estou pobre, pobre, pobre, miss! Não tenho nem um real!

**Arabella,** *mais espantada* — *Indeed? oh! dear! my*

*goodness!!* Mas com effeito ser isso nascente de contentamenta?

**Luiza** — Eu lhe explico: a fada esteve agora commigo. Eu disse-lhe que detestava a minha riqueza e que não a queria mais. E ella d'aqui a oito dias, tira-me tudo quanto é meu. E eu vou ter com o Barnabé e peço-lhe perdão de ter sido tão ingrata para elle, que é o melhor dos irmãos. Depois... continuamos a viver juntos como d'antes, mas felizes, felizes... Ah miss! Nem posso acreditar em tanta fortuna!

**Arabella,** *enthusiasmada* — *Brave girl! Brave* minina d'olhos pretos! Mim gostar d'ella, mim dar approvações a ella, mim sacudir mão de dita ella! Mas, accrescentou a miss com uma cara muito triste, mas pobre Arabella Fingstone ter ir-se embora para longes, longes... Miss Arabella Fingstone não querer ser trambolho entre duas irmãos contentas. Muito tristissima *indeed.*

**Luiza,** *com meiguice* — Eu é que não sei passar sem a sua companhia. A minha querida miss ficará vivendo comnosco, se não quizer dar-me um desgosto.

A miss, ouvindo isto, levantou-se, agarrou a Luiza pelas mãos e poz-se aos pulos com ella no meio da casa.

Ninguem imagina a figura da ingleza toda vermelhaça, com os fôlhos do vestido cheios de vento e as suas meias brancas enrugadas apparecendo de vez em quando no enthusiasmo da dança.

E que dança! O quarto tremia todo, as gavetas abriam-se por si, e as coisas por cima das commodas sahiam dos seus logares como se quizessem vêr melhor um espectaculo tão extraordinario.

— Mim estar cheio de contentamentos, dizia a boa miss Arabella. Mim dar ha muito tempo a você amizades minhas!

**Luiza,** *parando de repente* — Mas, já me esquecia... Eu não posso continuar a pagar o seu ordenado; sou tão pobre!

**Arabella,** *saltando* — Mim ter remediações em dinheiro. Mim não precisar. Mim ser governamentadora de casa de você por gostar. Oh! *dear, dear!* Miss Arabella Fingstone ter agora alegria gordo *indeed!*

E a excellente creatura deixou-se tombar no sofá estafada.

A Luiza e ella passaram o resto da noite conversando socegadamente e fazendo projectos para o futuro.

Nunca a dona de tantas riquezas passára no seu palacio umas horas tão felizes.

Combinaram as duas que a miss Arabella havia

de ir a Inglaterra, onde precisava tratar de uns negocios e de onde voltaria o mais breve possivel para acabar a sua vida na companhia da Luiza.

D'ahi a dias o Barnabé e o Egas andavam passeiando no jardim da marqueza.

— Barnabé, dizia o Egas, e se a Luiza agora apparecesse aqui?

**Barnabé** — Para que fallas n'ella? Bem sabes que morreu para nós...

**Egas** — Apesar d'isso, não deixa de viver sempre no teu pensamento.

**Barnabé,** *com tristeza* — Lá isso é verdade. É que eu, por mais que faça, gosto sempre tanto d'ella!...

**Egas,** *vivamente* — E se ella um dia aqui viesse implorar o teu perdão, tu sabes o que havias de fazer?

**Barnabé,** *sorrindo* — Confesso que não sei.

**Egas** — Havias de fingir que a não conhecias, desprezal-a, e se depois d'isso ella continuasse no seu arrependimento, então ias ter com ella e só então lhe davas o teu perdão e lhe mostravas a tua amizade.

**Barnabé** — Projectos inuteis! Se nós sabemos muito bem que ella não volta mais!

**Egas** — Que queres? Estou hoje com a ideia de que ella virá mais tarde ou mais cedo.

**Barnabé** — Tu e a Dulce tambem eram bem amigos d'aquella ingrata.

**Egas** — E somos ainda, apesar de tudo. Tenho fé em que Deus a tornará boa.

**Barnabé** — Pois essa fé já me deixou a mim.

Viram então dirigindo-se para elles uma figura que não lhes era desconhecida.

— Barnabé, disse o Egas muito commovido, é a tua irmã. Faz o que eu te disse. É preciso experimentar a sinceridade do seu arrependimento.

— E quem te diz que ella vem arrependida, perguntou Barnabé?

A Luiza approximára-se. Estendeu-lhe a mão, mas nenhum dos rapazes lh'a apertou.

— Barnabé, murmurou ella voltando-se para o irmão, não estejas zangado commigo pelo amor de Deus.

**Barnabé,** *olhando para o Egas* — Sabes quem é esta rapariga?

**Luiza,** *muito afflicta* — Não conheces a tua irmã? Egas, Egas, diz-lhe que sou a irmã d'elle!

**Barnabé** — Eu nunca tive irmã. Esta rapariga estará doida?

**Luiza** — Barnabé, eu peço-te perdão de joelhos. O meu palacio, a minha riqueza... tudo vou perder por ti! És um corajoso, um excellente rapaz. Devo-te mais que a vida, irmão, porque é com o pensamento em ti que eu ainda posso resistir ás tentações de uma fada que me quer mal. Eu sou rica e envergonho-me de o ser, porque o meu dinheiro nos separa e me afasta de todos aquelles que me são queridos. Tem dó de mim, perdôa-me pelo amor de Deus, Barnabé!

O irmão de commovido que estava nem podia fallar, mas o Egas disse tranquillamente:

— A menina bem vê que este senhor a não conhece. É melhor que se vá embora deixando-nos em paz.

**Luiza,** *tristemente* — Egas, tambem tu me abandonas! Tu, que já me salvaste de um perigo tão grande! Tu, que tens sido o meu melhor amigo! Oh! meu Deus!...

**Egas,** *muito serio* — Vamo-nos, Barnabé. Quando ella se cançar de estar aqui sósinha a dizer mentiras, talvez volte para sua casa.

E o Egas, agarrando o braço do seu companheiro que não tinha a força para se afastar, levou-o depressa.

Assim que os perdeu de vista, a Luiza exclamou:

—Eu mereço tudo isto! É o meu castigo!

E sahiu do jardim correndo.

## CAPITULO XIV

### Incendio e ruinas.— Luiza encontra a felicidade

Quando a Luiza chegou a casa, foi direita á janella do seu quarto, abriu-a de par em par, e gritou:

— Fada Tentadora! Fada Tentadora! Venha, venha! Quero fallar-lhe!

E a fada appareceu ao seu lado.

Pallida, magra, abatida, como se tivesse andado leguas e leguas sem descanço.

— O que me queres? disse ella deixando-se cahir n'uma cadeira quasi sem poder respirar.

**Luiza** — Quero dizer-lhe que estou resolvida a perder tudo quando me deu. Não quero mais negocios comsigo. Fez-me mil presentes, enriqueceu-me, deu-me toda a sorte de luxos, palacios e equipagens, pedras preciosas e esplendidas festas, dinheiro para gastar á doida... mas tirou-me o que havia de bom em mim, fez-me perder a amizade do meu

irmão e de toda a gente que eu estimava. Fez-me vaidosa, egoista, grosseira, orgulhosa, e nem uma qualidade boa me deixou!

**A fada** — E eu que me importo? Não valia a pena incommodares-me por tão pouco!

**Luiza** — Chamei-a, senhora fada, para lhe dizer que não quero a minha riqueza nem mais uma hora! Desejo vêr o meu palacio e tudo quanto me pertence arrasado. Detesto os seus presentes e rejeitando-os espero alcançar o bem estar que não comsigo ter aqui.

**A fada,** *com maldade* — Se queres vêr tudo desfeito, has de ajudar-me. Emquanto eu vou ás portas do Sol e da Lua reduzir a cinzas com o meu sopro tudo o que te dei, tu pelo teu lado...

Tirou do regaço um archote que accendeu com o seu halito e, entregando-o á Luiza, accrescentou, rindo ás gargalhadas:

— Tu mesma! Tu mesma has de incendiar o teu palacio.

A pequena teve um estremecimento e encheram-se-lhe os olhos de lagrimas. Um momento faltou-lhe a coragem.

A fada, ao vêl-a hesitar, imaginou que a Luiza não tinha o valor de resistir á tentação, e, abraçando-a, disse-lhe com meiguice:

— Minha pobre Luiza, para que serve este sacrificio? Deixa o Barnabé, deixa-o lá! Bem viste que elle não quer saber de ti. É um ingrato! Escuta, meu amor, eu apago esse archote maldito. Esqueçamos a nossa questão e continuemos a ser boas amigas como até agora. Vamos, decide-te! Não sejas tonta!...

A Luiza olhou para ella um instante indecisa...

— Não! não! gritou ella de repente agarrando no facho.

Correu aos cortinados e reposteiros, moveis preciosos, tapetes, incendiando tudo por onde passava.

Subiu aos ultimos torreões, desceu ao fundo dos subterraneos; percorreu os salões magnificos, os corredores, os quartos, as galerias, como se tivesse endoidecido.

Por toda a parte deixava atraz de si labaredas terriveis que dentro de pouco tempo envolviam o palacio inteiro.

E via-se o ouro derretido escorrendo pelas paredes de marmore já ennegrecidas, rachadas e estaladas d'alto a baixo. Rolos de fumo levantavam-se no ar, negros com reflexos rubros.

Pela sua parte, a fada, furiosa com a resolução da Luiza, não perdia tempo.

No dia seguinte, quando rompeu a madrugada, o Sol que se erguia, viu apenas no logar onde era o dominio da Luiza, muros chamuscados, columnas derrubadas, estatuas partidas, arrasado o *parc* e montões de cinza ainda a fumar!

A manhã veio linda parecendo troçar d'aquella desolação. Por toda a parte se estendia um socego immenso.

—Luiza! Luiza! oh! *dear!* Onde estar você? Gritou uma pobre voz esganiçada e feia perdida n'aquelle silencio.

E a miss Arabella, quasi a chorar, sentou-se n'uma pedra.

—*Dear!* Quando pobre mim pensar que vir d'*England* aqui para viver com *darling sweet* minina d'olhos pretos e que agora mim não achar dita elle? Onde estar infeliz. Ser torrada? Que fazer d'ella fada pessima? Arabella Fingstone coitado não saber responder a perguntas estas *indeed!*

N'este momento veio uma coruja cinzenta muito grande e pousou n'uma columna partida diante da triste miss.

—Ah! ah! ah! fez ella.

A ingleza levantou a cabeça.

—Ah! ah! tornou a dizer a coruja. E balouçava-se ora n'um pé ora n'outro a piscar ambos os olhos ao mesmo tempo com tanta pressa que fazia confusão.

—Ir-se embora, gritou a Arabella, que tinha agouro com os passaros da noite.

—Ai que velha tão ratona, exclamou a coruja!

A miss por um triz não cahiu da pedra abaixo, tão espantada ficou.

Durante a sua vida ouvira fallar papagaios, araras e pêgas, mas corujas!...

— Quem ser você, bicha tola?

— Quem sou eu? Quem sou eu? repetiu o passarôlo. Ah! pobre Arabella! Como tu és simples! Eu sou a Fada Tentadora!

**Arabella** — Ser fada você?! Ter lembranças!... Um bicha, fada!

**A coruja** — Sou a fada, sou. O meu dever n'este mundo é arredar do bom caminho as creaturas fracas e ambiciosas. Quando o não comsigo plenamente, a rainha das fadas castiga-me transformando-me n'um qualquer bicho feio e tirando-me todo o poder durante um mez. Por isso me vês n'esta bonita figura... por causa d'aquella inconsequente Luiza!

**Arabella,** *espantada* — Ora esta!... E então você...

**A coruja** — E então, para me distrahir, vim até aqui vêr o que se passava e dei comtigo, minha velha tonta, que bastante me tens divertido! Sempre tens uma cara!... Ah! ah! ah!

A ingleza furiosa pegou n'um calhau e arremessou-o á coruja. Esta zangada, voou direito á miss com tenção de a arranhar, mas a Arabella, empunhando o seu chapéo de sol, deu tanta pancadaria na sua inimiga, que a obrigou a fugir.

Já a fada não era mais do que um pontinho negro no céo e ainda a miss, cá de baixo, a ameaçava com murros.

—Você, passaro *horrid!* Você, tolo fada! Você, creatura pessima cheio de medonhices! Ir-se embora para longes! Mim conhecer todos pelicias da *England,* ouvir?

Afinal sentou-se, cançada da lucta que tivera e cruzou as mãos sobre os joelhos.

—*Poor dear!* murmurou ella, onde estar infeliz? Oh! Luiza, Luiza, *my love!*

**Luiza**—Estou a ouvir a sua voz, querida miss, mas não posso perceber de onde vem.

A ingleza precipitou-se para o interior das ruinas e d'ahi a um instante estava nos braços da Luiza.

**Arabella,** *abraçando-a*—Porquê chorar? Ter pena de palacio?

**Luiza**—Não, miss, não tenho saudades da riqueza, que me tornou tão má! Da amizade do meu querido irmão é que eu tenho pena. Perdi-a para sempre.

**Arabella**—Não chorar! Haver em terra remediações para tudo. Mas contar-me, *dear,* contar-me.

Então a Luiza contou-lhe o que se passára durante a sua ausencia.

**Arabella** — Bem. Agora que você ser pobre sem real, nós ir viver para um cidade barato. Mim dar lições e sustentar você. Irmos para Thomar para exemplo. Calhar?

**Luiza,** *apertando-lhe a mão* — A miss é tão boa... eu tambem hei de trabalhar. Quero ajudal-a.

**Arabella** — Que poder você fazer?

**Luiza,** *tristemente* — É verdade, miss! Eu nem quiz aprender a coser! Ah! como estou arrependida de toda a minha vida passada!

**Arabella** — E então Abreus zangados tambem?

**Luiza,** *chorando* — Infelizmente, miss. Foram tão bons para mim, mas agora desprezam-me. Têm razão. Fui tão má, tão ingrata!

**Arabella** — Ser triste, *indeed!*

**Luiza** — Ah! se o Barnabé me perdoasse!... Eu havia de ser d'aqui por diante a irmã mais reconhecida, mais cuidadosa, mais meiga que se póde imaginar. Nós tres, miss, levariamos uma vida de rosas. Eu faria todas as diligencias de ser digna d'essa felicidade.

Então o bom anjo da Luiza, lá no céo, enxugou á pressa as suas ultimas lagrimas, e, desdobrando as grandes azas brancas de neve, voou para a terra.

Quando chegou junto da Luiza, deu-lhe consolações divinas, e ella sentiu de novo nascer em seu peito a esperança que a tinha abandonado.

**Arabella** — Mim vêr olhos de você a brilhar. O que ser?

**Luiza** — Começo a pensar agora, miss, que talvez o Barnabé ainda me perdoe.

— E não te enganas, minha querida irmã! gritou uma voz.

E immediatamente o Barnabé, sahindo de traz de uma parede, agarrou a Luiza nos seus braços e cobriu-a de beijos.

— A minha Luiza! O amor da minha vida! Como ella é boa! Como é digna das maiores felicidades!

**Luiza,** *abraçando-o* — Ai, Barnabé, eu fui tão má!... Mas como estás crescido e mudado! Meu Deus! Se eu podesse dizer-te o orgulho que tenho em ti por seres um rapaz tão bom, tão corajoso e valente! E como eu te admiro e como gosto de ti!

Emquanto os dois felicissimos irmãos conversavam assim, appareceram a marqueza, a Dulce e o Egas.

**Arabella,** *admirada* — Deus meu! Tanta gente! De onde sahir vocês?

**A marqueza,** *rindo* — Viemos procurar a Luiza

... agarrou a Luiza nos seus braços e cobriu-a de beijos

para lhe dizermos que lhe perdoamos muito do coração. O Egas e o Barnabé receberam-n'a hontem por aquella fórma para experimentarem até que ponto chegava a sinceridade do seu arrependimento. Achamos despedaçadas as portas do Sol e da Lua

e o *parc* no bonito estado que sabem. Não vimos nem viva alma. Quando nos aproximamos, já muito assustados, das ruinas do palacio, ouvimos as vozes da miss e da nossa querida Luiza fallando em Barnabé. Escondemo-nos alli para ouvirmos o que se dizia.

**Egas** — Sabemos agora a tua historia, Luiza, e admiramos a coragem com que te separaste das tuas riquezas.

**Dulce** — Eu nunca duvidei do teu bom caracter, minha Luiza, e mesmo quando diziam que não te arrependerias...

**Luiza,** *sorrindo* — E quem dizia isso?

— Eu!... respondeu o Egas abraçando-a.

**A marqueza** — Bem. E agora vamos para casa almoçar que já são horas. Aposto que a miss já está com alguma fome.

**Arabella** — *Indeed,* mim não gostar de dizer o contraria do que dizer bom senhor marqueza. Mas miss Arabella Fingstone hoje estar tão cheia de contentamentos que ter pouco logar para comidas.

Pozeram-se a caminho.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

A Luiza encontrára afinal a felicidade. Vencera gloriosamente o seu orgulho e a sua ambição.

Tinha a consciencia tranquilla, satisfeita, e o seu coração cheio de sentimentos bons. Comprehendia agora, que são esses os maiores bens d'este mundo.

# EPILOGO

# EPILOGO

Quem visitasse os campos onde ha dez annos se estendia o dominio da Luiza, encontraria apenas terras de lavoura bem cultivadas, e, no logar do palacio, uma casa modesta mas confortavel, toda envolvida em trepadeiras e rodeada de um jardimzinho muito fresco e alegre, onde de vez em quando apparece a gentil figura da Dulce.

Com effeito ella mesma rega as suas flôres nos pequenos intervallos que lhe deixam os cuidados domesticos.

E que encantadora dona de casa ella é e como o seu marido a sabe apreciar!

Pobre Barnabé d'outros tempos! Quem lhe diria então a felicidade do seu destino!

Depois de muitos annos passados em Paris onde estudou a esculptura, voltou á sua patria, casou-se e estabeleceu-se n'aquella habitação.

Tem ao lado da casa um *atelier* onde trabalha e

recebe encommendas mesmo do estrangeiro. O seu nome é conhecido por toda a parte.

No palacio dos Abreus, a meia legua d'alli, vivem, tambem felicissimos, o Egas e a Luiza. São já casados ha mais tempo e têm um filhinho lindo, que é os encantos da marqueza e da miss Arabella.

Das outras pessoas nossas conhecidas não temos noticias muito detalhadas.

O Lopo foi sempre distincto nos seus estudos e é agora um medico de fama.

A Eugenia casou com o Rodrigo e a Maria ficou na companhia d'elles. Vivem bem e são muito amigos.

O Diogo é engenheiro. Vem de quando em quando passar uns dias a casa dos Abreus, onde é sempre recebido com alegria.

A Bertha está noiva do Braz Bemfeito, que é agora um rapaz activo e trabalhador; e a Alda partiu a semana passada com os seus paes e com a Joanninha para uma viagem pela Europa. As duas raparigas iam contentissimas; e como são grandes amigas e ambas têm bom caracter, é de esperar que se divirtam muito.

O Roque fez-se picador de touros e casou com a Carmo.

Mas nenhum rapaz ainda quiz a Vicencia por causa do seu genio caprichoso e tolo.

Á força de dar festas e de gastar mais do que

podia, o barão de Ipecacuanha perdeu quasi toda a sua fortuna e teve de voltar para Cabo-Verde com a familia sem conseguir alcançar em Portugal o respeito e a consideração que ambicionava pelo simples facto de ser riquissimo.

FIM

# INDICE


PAG.

Carta-prefacio . . . . . 7

CAPITULO I

Dois irmãos . . . . . 11

CAPITULO II

Pobre Barnabé! — A Fada Tentadora . . . . . 19

CAPITULO III

A ingleza velha e o homem nojento. — A Luiza na cadeia 33

CAPITULO IV

O palacio de marmore e ouro. — Pensamentos maus . 47

CAPITULO V

A regata no lago. — Luiza em perigo de vida . . . 61

CAPITULO VI

A lucta. — Arrependimentos. . . . . 77

PAG.

CAPITULO VII

Merenda no pinhal. — O Lobo Negro . . . . . 91

CAPITULO VIII

Visita da Fada Tentadora. — Um encontro inesperado . 109

CAPITULO IX

Representação em casa dos Ipecacuanha. — Triste final . 127

CAPITULO X

A vida do Barnabé. — O novo secretario da marqueza . 143

CAPITULO XI

Á procura da felicidade. — Hespanhoes com alho e azeite 159

CAPITULO XII

Balburdia n'um theatro. — A Luiza é roubada . . . 177

CAPITULO XIII

A serpente vermelha. — Quem com ferro mata... . . 191

CAPITULO XIV

Incendio e ruinas. — Luiza encontra a felicidade . . . 205
Epilogo . . . . . 219

Livraria Clássica Editora

17, Praça dos Restauradores, 17

LISBOA

## LIVROS PARA CREANÇAS

**Aventuras de Polichinelo**
**Azas de Coragem**
**Ceu aberto**
**Contos da Carochinha**
**Coisas do arco da velha**
**Em Casa da avó**
**Em pleno azul**
**Historias maravilhosas**
**Lições do André**
**Memorias da Lili**
**O Presepio**
**Pela terra e pelo ar**
**Primeiras lições**
**Polichinelo em Traz-os-Montes**
**Polichinelo no Minho**
**Qual é a coisa, qual é ela?**
**Solar do Picotorcido**
**Terra bemdita**
**Trinta mil por uma linha**